



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

DUARTE NUNO DE GARCEZ MALHEIRO

“Construir fraternidade”

**Análise da UL sobre a fraternidade do 5º Ano de
Escolaridade do programa de EMRC do Ensino Básico e
Secundário**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Carlos Carvalho**

**Porto
2018**

Agradeço aos professores, aos colegas e a todos os que colaboraram para este longo caminho e para a minha aprendizagem.

“Construir fraternidade”

Índice

Síglário	7
Resumo	11
1. Introdução	13
2. Caracterização da Turma	17
3. Gestão do Currículo	21
3.1. Planificação Anual e por Período	21
3.2. A Unidade Letiva “Construir fraternidade”	24
3.2.1. O Conceito de Fraternidade	24
3.2.2. Fundamentação bíblico-teológica	26
3.2.2.1. A Sagrada Escritura	26
3.2.2.1.1. Antigo Testamento	27
3.2.2.1.2. Novo Testamento	29
3.2.2.1.3. Textos propostos pelo programa e pelo manual e textos adicionados	36
3.2.2.2. Teologia	62
3.2.2.3. Magistério da Igreja	69
3.2.3. Fundamentação antropológica	79
3.2.4. Fundamentação Moral	83
3.2.5. Relevância Educativa	90
3.2.6. Opções pedagógicas-didáticas	96
3.3. Sequência do processo de ensino-aprendizagem	100
3.4. Recursos ou documentos enriquecedores	103
3.5. Instrumentos de avaliação	106
3.6. Análise crítica da lecionação da Unidade Letiva e prospetivas	107
4. Reflexão crítica sobre a Gestão do Currículo	111
5. Atividade de Enriquecimento Curricular e de integração na comunidade educativa	115
5.1. Justificação	115
5.2. Planificações	116
6. Balanço crítico do desempenho	119
7. Bibliografia	125
8. Anexos	135
Anexo 2 – Documentos da Gestão de Currículo	136
Anexo 2.1 – Documentos da Planificação Anual e por Período	136

Anexo 2.1.2 – Planificação Anual 2016/2017	136
Anexo 2.1.3 – Gestão Curricular 2016/2017	140
Anexo 2.2 – Documentos da sequência do processo ensino-aprendizagem.....	142
Anexo 2.2.4 – Planificação a médio prazo da UL 4 “Construir fraternidade”	142
Anexo 2.2.4.1 – Planificação a curto prazo, aula-a-aula, da UL “Construir fraternidade”	144
Anexo 2.2.4.1.1 – Planificação da aula 23	144
Anexo 2.2.4.1.2 – Planificação da aula 24	145
Anexo 2.2.4.1.3 – Planificação da aula 26	146
Anexo 2.2.4.1.4 – Planificação da aula 27	147
Anexo 2.2.4.1.5 – Planificação da aula 28	148
Anexo 2.2.4.1.6 – Planificação da aula 29	149
Anexo 2.2.4.1.7 – Planificação da aula 30	150
Anexo 3 – Documentos da reflexão crítica sobre a Gestão do Currículo.....	151
Anexo 3.1 – Gestão do Currículo 2016/2017 efetuada em setembro-outubro	151

Siglário

Siglário Bíblico

1 Cor – Primeira Carta aos Coríntios	Is – Livro de Isaías
1 Jo – Primeira Carta de João	Jo – Evangelho segundo São João
1 Pe – Primeira Carta de Pedro	Js – Livro de Josué
1 Rs – Primeiro Livro dos Reis	Jr – Livro de Jeremias
1 Sm – Primeiro Livro de Samuel	Jz – Livro dos Juízes
1 Tm – Primeira Carta a Timóteo	Lc – Evangelho segundo São Lucas
1 Ts – Primeira Carta aos Tessalonicenses	Lv – Livro do Levítico
2 Sm – Segundo Livro de Samuel	Mc – Evangelho segundo São Marcos
2 Cr – Segundo Livro das Crônicas	Mt – Evangelho segundo São Mateus
AT – Antigo Testamento	Nm – Livro dos Números
At – Atos dos Apóstolos	NT – Novo Testamento
Ap – Livro do Apocalipse	Os – Livro de Oseias
Br – Livro de Baruc	Pr – Livro dos Provérbios
Cl – Carta aos Colossenses	Rm – Carta aos Romanos
Dt – Livro do Deuteronómio	Sb – Livro da Sabedoria
Ef – Carta aos Efésios	Sir – Livro de Ben Sira
Esd – Livro do Esdras	Sl – Livro dos Salmos
Ex – Livro do Êxodo	ss – Seguintes
Fl – Carta aos Filipenses	Tb – Livro de Tobias
Gl – Carta aos Gálatas	Tg – Carta a Tiago
Gn – Livro dos Génesis	Tt – Carta a Tito
Heb – Carta aos Hebreus	v. – Versículo
	vv. – Entre versículos

Siglário do Magistério da Igreja

AA – Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> sobre o apostolado dos leigos
AG – Decreto <i>Ad Gentes</i> sobre a atividade missionária da Igreja
CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CIC – Catecismo da Igreja Católica

CV – Carta Encíclica *Caritas in Veritate* do Papa Bento XVI

CVII – Concílio Ecuménico Vaticano II

DCE – Carta Encíclica *Deus Caritas Est* do Papa Bento XVI

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Divina Revelação

EV – Carta Encíclica *Evangelium Vitae* do Papa João Paulo II

FR – Carta Encíclica *Fides et Ratio* do Papa João Paulo II

GE – Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo Atual

HV – Carta Encíclica *Humanae Vitae* do Papa Paulo VI

LF – Carta Encíclica *Lumen Fidei* do Papa Francisco

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja

LS – Carta Encíclica *Laudato Si’* do Papa Francisco

NA – Declaração *Nostra Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs

MM – Carta Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII

OT – Decreto *Optatam Totius* sobre a formação sacerdotal

PP – Carta Encíclica *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI

SRS – Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* do Papa João Paulo II

SS – Carta Encíclica *Spe Salvi* do Papa Bento XVI

Siglário de Dicionários

DE – Dicionário Enciclopédico

DELP – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa

DLPC – Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea

GDLP – Grande Dicionário da Língua Portuguesa

GEPB – Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

LELBF – Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia

PEVSE – Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado

Siglário geral

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

APARF – Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau

Art.º – Artigo

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

CRP – Constituição da República Portuguesa

Cf. – Confrontação

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

ERE – Ensino Religioso Escolar

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

ONU – Organização das Nações Unidas

PAA – Plano Anual de Atividades

PAPA – Plano Anual e Plurianual de Atividades

PE – Projeto Educativo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

pp. – Entre páginas

p. – Página

RI – Regulamento Interno

SE – Sagrada Escritura

SNEC – Secretariado Nacional da Educação Cristã

UL – Unidade Letiva

“Construir fraternidade”

Resumo

O presente relatório procura analisar a unidade letiva do 5º ano de escolaridade de EMRC, “Construir Fraternidade”, no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada. Vive-se uma época de individualismo e uma crise de valores, uma vez que se valoriza o bem-estar pessoal e material, e, muitas vezes, não se respeita a dignidade do outro. Mas, o homem só se realiza plenamente como ser humano na relação com o outro, reconhecendo a dignidade do outro, e assim, a sua própria, em virtude da origem comum de todos, pois todos são irmãos. Na visão cristã, todos têm origem em Deus Pai. A relação com o outro, a procura do bem-estar do outro, tem por base o amor. Amor que leva à construção de um mundo melhor, de um mundo mais fraterno. Neste sentido é fundamental educar para a compreensão da necessidade de mudança de comportamentos para construir um mundo mais justo, mais fraterno, onde todas as pessoas, todos os irmãos, tenham condições de viver uma vida digna.

Palavras-chave: Pessoas; Relação; Comportamento; Amor; Dignidade.

Abstract

The current report seeks to examine the EMRC’s Unit “Building fraternity” for the fifth year of schooling, in the scope of the Supervised Teaching Practice subject. Nowadays we live in a time characterised by strong individualism and a crisis of values, because we overvalue personal and material well-being, and, many times, we do not respect the human dignity. However, man can only be fully realized as a human being in connection with the other, recognising their dignity and, therefore, its own, due to our common origin as we are all brothers and sisters. From the Christian point of view, all peoples have a common origin in God the Father. The relationship with the others and the demand for the well-being of others are based on love. This love leads to the construction of a better world, a world that is more fraternal. In this regard, it is essential to educate for creating understanding of the need of behavioural change in order to build a world that is more fraternal and more just, where every individual is able to live more dignified lives.

Key words: People; Relationship; Behaviour; Love; Dignity.

“Construir fraternidade”

1. Introdução

Este relatório final enquadra-se no âmbito da disciplina de PES, relativa ao segundo ano do Mestrado em Profissionalização em EMRC frequentada na Universidade Católica do Porto.

O relatório baseia-se no trabalho desenvolvido no estágio pedagógico com os alunos do 5º ano de escolaridade, Turma H, do Agrupamento de Escolas Vallis Longus.

Para a realização do relatório era necessário escolher uma das unidades letivas lecionadas no estágio pedagógico, na escola cooperante, e fazer o seu estudo aprofundado. Nesse sentido optei pela UL 4, “Construir fraternidade” do 5º ano de escolaridade. Esta escolha teve por base a realidade do mundo atual. Um mundo global, mas individualista, em que algumas, e cada vez mais, pessoas se preocupam com o seu bem-estar em detrimento do bem comum, o que provoca desigualdades na sociedade, sendo necessário mudar comportamentos com vista à construção de uma sociedade mais justa.

Apesar da pouca experiência profissional na docência, constato que desde o primeiro momento em que entrei numa sala de aula como professor fiquei rendido à profissão. Pois, a educação permite que os alunos reflitam sobre diversos assuntos, adquiram conhecimentos, capacidades e valores que enriquecem a sua vida e compreendam um mundo complexo, um mundo em constante mudança, abrindo novos horizontes. Faz parte da essência de cada um a vontade de crescer e de se desenvolver com vista à realização plena, e o professor tem de contribuir para esse processo contínuo de cada aluno. O professor neste processo é como um artista que cria uma obra de arte, neste caso, com vista, a uma sociedade mais plena, harmoniosa, justa e fraterna. Pelo que a educação é fundamental para o futuro do homem e da sociedade, permitindo uma melhor convivência entre todos no mundo.

O professor da disciplina de EMRC precisa de ter um bom conhecimento do mundo, das questões sociais atuais e um bom conhecimento da fé católica, tem de ensinar e educar e não evangelizar, pois está na escola. O professor de EMRC, recorrendo ao método existencial e hermenêutico, colabora na ação de interpretar e compreender o mundo, numa perspetiva mais religiosa, cristã e católica. Tal como todos os professores, o professor de EMRC tem de ser competente, profissional, ter capacidade pedagógica, científica, metodológica, avaliativa, comportamental e didática, gosto e respeito pelos dados que transmite. (Educris, s.d.a, s.d.b; SNEC, 2014, 154-155)

No mundo atual verifica-se, diariamente, a existência de fragilidades e ameaças à convivência entre todos os seres humanos, desrespeitando a sua dignidade e comprometendo, seriamente, a felicidade de cada um e de todos. Um tema que me toca, pois todos nós constatamos isso mesmo, mas sentimo-nos de mãos e pés atados na luta contra essas situações. Tendo o professor uma função educativa procurando uma formação integral e que permita o crescimento e desenvolvimento de cada aluno, o tema da fraternidade é fundamental para ser abordado na escola.

Desta forma, a UL “Construir fraternidade” é importante para que os alunos façam uma aprendizagem significativa no sentido de compreender que o mundo necessita de alteração de comportamentos para permitir a construção de um mundo mais justo e mais fraterno. Mas, tendo por base o programa do SNEC e o manual adotado surgiram-me algumas questões como: O tema está apresentado conforme as várias visões do conceito de Fraternidade? De que modo o tema é apresentado pelo programa? Será que a unidade letiva da fraternidade proposta pelo programa está em sintonia com o método existencial e hermenêutico? Questões que estão na base deste relatório final.

Ao longo das aulas dedicadas à UL, verifiquei que os alunos estavam interessados, motivados e empenhados no desenvolvimento do tema, dada a participação ativa, oportuna e pertinente durante as mesmas.

Com o presente trabalho pretendi tornar-me melhor professor, fazendo um estudo profundo sobre a UL “Construir fraternidade” pois faz parte da profissão a evolução constante, ao nível da competência científica, pedagógica, avaliativa e comportamental, tal como referido ao longo do estágio. Este trabalho exigiu muito empenho e dedicação pois o tema é abordado por várias áreas, exigindo desta forma uma grande investigação seguida de uma articulação da informação recolhida, de forma a ter um conhecimento o mais adequado possível do tema. Um trabalho difícil, mas muito interessante e enriquecedor.

O relatório agora apresentado permitiu-me consolidar, reconhecer e aprender novos fundamentos sobre o tema da fraternidade. O trabalho apresentado é composto por vários capítulos.

Começo por fazer a caracterização da turma. Esta caracterização é fundamental pois permite conhecer e compreender a realidade da turma e a forma como posso abordar os diferentes temas referentes ao 5º ano de escolaridade.

Depois, um capítulo destinado à gestão do currículo. Este capítulo é composto por seis subcapítulos. Inicialmente refiro-me à planificação anual e por período referente à

turma e ao ano definido para a realização do estágio. Depois, um subcapítulo sobre o estudo e fundamentação a nível bíblico-teológico, a nível antropológico, a nível moral, da relevância educativa e das opções pedagógico-didáticas da unidade “Construir fraternidade”. Seguidamente, apresento a sequência do processo de ensino-aprendizagem, com a síntese da planificação a médio e curto prazo da unidade. No subcapítulo seguinte exponho os recursos utilizados ao longo das aulas. Seguido de um outro, relativo aos instrumentos de avaliação utilizados. Terminando este capítulo, com um subcapítulo destinado à análise crítica à lecionação da unidade.

Posteriormente, dedico um capítulo à reflexão crítica sobre a gestão do currículo, confrontando as opções feitas no início do ano letivo com o realizado até ao final.

De seguida apresento um outro capítulo destinado à atividade de enriquecimento curricular e de integração na comunidade educativa, por mim organizado, no âmbito do estágio, a atividade “Banco Alimentar contra a Fome”.

Termino o presente relatório, com um capítulo no qual faço um balanço crítico de desempenho, sintetizando toda a Prática de Ensino Supervisionada.

“Construir fraternidade”

2. Caraterização da Turma

O professor para planificar e preparar as aulas tem de conhecer a escola, a turma e cada aluno. Só assim poderá planificar melhor todas as aulas, atividades e preparar diferentes estratégias para abordar os conteúdos de forma a respeitar as diferenças de todos, bem como os ritmos de aprendizagem.

Tendo em consideração que o estágio para a obtenção da profissionalização em EMRC ia ser realizado no Agrupamento de Escolas Vallis Longus, na Escola Básica Vallis Longus, situada na cidade de Valongo, no distrito do Porto, comecei por ler o PE 2014/2017 e o RI 2013/2017 do Agrupamento para ter conhecimento da realidade que iria encontrar.

A cidade de Valongo tem um forte crescimento demográfico devido à deslocação de pessoas vindas do centro da Área Metropolitana do Porto e do interior do país, que procuram uma zona económica para viver e perto da área metropolitana. A cidade de Valongo é um concelho “residencial”, pois mais de 50% das pessoas deslocam-se para fora dele para trabalhar. Esta realidade levou à construção de imensos prédios e moradias, surgindo bairros sociais, caracterizando a realidade socioeconómica do Agrupamento. Em contraste a esta realidade, a cidade é rodeada por uma vasta área verde, as Serras da Santa Justa e Pias.

Ao nível da educação, o concelho apresenta baixos níveis de escolaridade, 61,5% da população com habilitações iguais ou inferiores ao 2º ciclo do Ensino Básico, ao nível das taxas de retenção e abandono escolar o concelho apresenta valores ligeiramente superiores à média dos concelhos da Área Metropolitana do Porto.

A turma selecionada para realizar o estágio foi do 5º ano, a turma H. Para conhecer a turma comecei por conversar com a Diretora de Turma, depois analisei o livro de ponto da turma e a Relação de Alunos, e por fim, solicitei o preenchimento de uma ficha de caracterização do Aluno. (Anexo 1.1) De seguida procedi à análise de conteúdo, com recurso ao programa informático Microsoft Excel, de forma a ter um conhecimento mais rigoroso e pormenorizado da turma e de cada aluno. (Anexo 1.2)

Uma turma constituída por 22 alunos, frequentando a disciplina de EMRC 20 alunos. A maioria dos alunos já se conhece uma vez que vêm da Escola Básica de Susão, em Valongo. Todos os alunos residem no concelho de Valongo. (Anexo 1.2.1)

Dos 20 alunos, 10 rapazes e 10 raparigas, apenas uma aluna tem necessidades educativas especiais, com défice cognitivo moderado e comorbilidade com défice de

atenção e funções de percepção, que compromete a aquisição dos diferentes conteúdos curriculares, necessitando de um acompanhamento mais próximo para controlar o desenvolvimento. Contudo não necessitou de adaptações ao longo do ano. A idade dos alunos varia entre os 9 e 12 anos, tendo a maioria 10 anos. (Anexo 1.2.1)

Após análise das fichas de caracterização do aluno foi possível verificar que muitos referiram que gostam de andar na escola porque gostam de aprender, das aulas, dos professores e de tudo. Contudo, 6 alunos já tiveram uma retenção escolar, no 1º ciclo. (Anexo 1.2.3) Quanto ao seu futuro, 14 alunos pretendem entrar na faculdade e 10 querem ter uma profissão associada a um curso superior (Anexo 1.2.4)

A maioria dos alunos vive com os pais e irmãos (75%), havendo 2 alunos que são filhos únicos. Na turma, 2 alunas, irmãs, vivem com avó, 1 aluna e 1 aluno vivem com a mãe e 1 aluno vive no Centro de Alojamento Temporário Mãe D'Água. (Anexo 1.2.2)

Os pais têm, em média, 40 anos e as mães 39 anos. A maioria dos Encarregados de Educação é a mãe (80%), de salientar que para as 2 alunas, irmãs, é a avó, de 64 anos, e que para 1 aluno é uma assistente social. A nível de habilitações académicas, a maioria dos Pais tem um nível de escolaridade igual ou inferior ao 3º ciclo, contudo há 1 pai e 3 mães com cursos superiores. Profissionalmente, 3 pais e 4 mães encontram-se desempregados, a maioria desempenha funções não especializadas e de serviços. Um número reduzido desempenha funções associadas a Técnicos Especializados e Quadros Médios e Superiores. (Anexo 1.2.2) Tendo em conta o contexto familiar, económico e social, 11 alunos beneficiam do subsídio da ação social escolar. (Anexo 1.2.3)

No que se refere ao estudo, a vida escolar dos alunos é muito controlada pelos pais (90%). (Anexo 1.2.2) Os alunos disseram que estudam, no mínimo 30 minutos por dia, em casa ou no centro de estudo. A maioria referiu que tem apoio de uma pessoa mais velha, mas 6 alunos não têm qualquer ajuda. Quanto ao uso de computador em casa, apenas 3 alunos não têm e 5 alunos não têm acesso a internet. (Anexo 1.2.3)

Fora do ambiente escolar, 9 alunos praticam um desporto (45%). Nos tempos livres, os alunos destacaram que gostam de brincar, andar de bicicleta, ver televisão, jogar futebol, jogar jogos no tablet, dançar, entre outras atividades. Na relação com os outros colegas e amigos os alunos valorizam a simpatia, amizade, bondade, lealdade, confiança, a honestidade e serem divertidos. (Anexo 1.2.4)

Quanto à inscrição na disciplina, a maioria dos alunos mencionou o facto de gostar de aprender e outros por ser religioso/católico. (Anexo 1.2.5) Dos 20 alunos

inscritos na disciplina, 19 são batizados, 9 andam no 5º ano da catequese, 6 costumam ir à missa ao fim de semana e 4 fazem parte de um grupo da Igreja, o Coro. (Anexo 1.2.6)

Após a caracterização da turma tive uma melhor compreensão da realidade da turma, favorecendo a reflexão e preparação do trabalho a desenvolver com os alunos.

Com base no exposto, constato que estes alunos veem a escola como uma ajuda para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal. Inseridos num meio social e familiar onde a realidade demonstra que não há facilidades e que é preciso trabalhar para se obter o que se deseja, os alunos olham para a escola com esperança, querem aprender, para assim atingirem os seus objetivos profissionais, para mais facilmente chegarem a uma melhor condição de vida e serem felizes.

Enquadrados num ambiente familiar estável, apesar de 1 aluno viver no Centro de Alojamento Temporário Mãe d'Água, 2 alunas viverem com avó e 1 aluno e 1 aluna viverem com a mãe, os alunos têm condições que facilitam a aquisição de valores e atitudes essenciais para a vida em sociedade, tendo tal sido espelhado quando referiram o que mais apreciam nos outros. A realidade vivida pelos alunos permite-lhes ver que é necessário esforço, empenho e trabalho diário para se atingir o que se pretende, os próprios demonstram isso com as respostas dadas. A maioria dos alunos pensa em tirar um curso superior para conseguir ter a profissão desejada.

Apesar de os alunos viverem num ambiente modesto e de trabalho, nenhum expressou na sua ficha de caracterização qualquer aspeto negativo da sua vida, demonstrando perfeita aceitação da sua condição social e familiar.

É um forte contributo para o processo ensino-aprendizagem os alunos aceitarem a sua realidade social e familiar, encontrarem-se motivados para aprender e gostarem do ambiente escolar. Tal como afirma Veríssimo (2017, 73-74), a motivação mobiliza recursos internos, levando a que o aluno se envolva e se empenhe na aprendizagem. Alunos motivados tomam a iniciativa, manifestam entusiasmo, curiosidade e interesse, e por norma, são alunos que aprendem mais e fazem um percurso académico mais longo, o que se verifica na intenção de muitos alunos pretenderem ir para a Faculdade.

Uma vez que o contexto social dos alunos é semelhante, apenas 5 alunos vivem num ambiente familiar diferente, o trabalho a desenvolver não exige uma alteração profunda, apenas estar atento pontualmente a esses alunos ao longo do ano.

Ao longo das aulas, recorrendo ao método existencial e hermenêutico, de problematização, ao debate, a reflexão, e a breves exposições com apoio de recursos escritos e audiovisuais, procurei desenvolver as aprendizagens curriculares

fundamentadas num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função dos alunos, tendo em atenção o rigor científico e metodológico, e procurando estar integrado em várias dimensões da escola, conforme refere o Decreto-Lei n.º 240/2001. Procurei que o aluno fizesse uma descoberta por si, possibilitando uma reflexão consciente sobre o seu comportamento e a sua compreensão da realidade, levando-o a uma aprendizagem significativa, provocando um crescimento e desenvolvimento pessoal, com vista à sua uma formação integral, em linha com as alíneas b) e c), do Art.º 3º, da Lei n.º 49/2005, preparar o aluno para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos proporcionando um equilibrado desenvolvimento e proporcionar uma formação cívica e moral.

No início das aulas foi estabelecida uma regra de ouro, “Ser Educado”. Para criar condições para uma relação de empatia entre todos, possibilitando que todos pudessem expressar naturalmente as suas opiniões e dúvidas sobre os temas abordados. Seguindo o pensamento de C. Roger, é necessário ter a consciência de que se trata de uma relação entre pessoas e não uma pessoa e um objeto, mostrando interesse pelo aluno como Pessoa com características físicas, emocionais e psicológicas únicas.

Com este modelo pedagógico-didático, procurei dotar os alunos de instrumentos que os tornem cidadãos participativos, críticos, autónomos e responsáveis, de forma a dar resposta às exigências do mundo atual, estando em sintonia com o que é expresso no PE do agrupamento e nas alíneas e) e f), do Art.º 3º, da Lei n.º 49/2005. Para além de proporcionar a aquisição de conhecimentos que permitam a continuação dos estudos noutra nível de ensino e proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e socioafetiva, objetivos do ensino básico expressos nas alíneas e) e h), do Art.º 7º, da Lei 49/2005.

Ao longo do ano tomei algumas decisões microcurriculares em função da caracterização da turma e do meio em que os alunos se inserem. Nomeadamente, a nível da UL “Advento e Natal”, a qual foi abordada numa perspetiva histórica e cultural. Na UL “A Família, Comunidade de Amor”, introduzi os tipos de famílias existentes e problemas que possam existir no seu seio. Na última UL, “Construir fraternidade”, tive em atenção e reforcei a vivência de determinados valores para o cuidado do bem comum e o cuidado do outro.

A análise da caracterização da turma permitiu-me fazer uma gestão do currículo mais adequada à turma, tendo em atenção os métodos e as práticas a utilizar.

3. Gestão do Currículo

O Currículo é conjunto de aprendizagens, conhecimentos e habilidades que se quer fazer adquirir, mas também o modo, a forma, o caminho, a organização e a metodologia que se define para os adquirir. Como refere Roldão (1999, 59) é uma dinâmica currículo-desenvolvimento curricular, mas que tem de ser visto como um todo na gestão. Mas as decisões centrais sobre o currículo a adotar estão longe dos professores. A estes limita-se a sua gestão, isto é, a distribuir conteúdos pelos períodos, a planificar as aulas e à atribuição de classificações. (Roldão, 1999, 27.59)

A gestão do currículo e a planificação permitem ao professor orientar e definir o caminho e metodologia a seguir para que o aluno tenha uma aprendizagem significativa. O professor não deve estar apenas preocupado em cumprir o programa, pois a escola tem de articular o ensinar e o aprender. (Roldão, 1999, 55-59)

3.1. Planificação Anual e por Período

A aula de EMRC à turma H do 5ºano ocorreu às segundas-feiras, das 11h45m às 12h30m. Estavam previstas 32 segundas-feiras para o ano letivo conforme o Despacho n.º 8294-A/2016, de 24 de junho. Contudo, de acordo com o despacho, a prova de aferição do ensino básico de 5º ano de Matemática e Ciências Naturais (56) estava prevista para o dia 12 de junho de 2017, uma segunda-feira, às 11h00m, pelo que retirou uma aula no 3º período. Ficando previstas 13 aulas para o 1º período, 12 aulas para o 2º período e 6 aulas para o 3º período, totalizando 31 aulas previstas. (Anexo 2.1.1)

Para preparar a gestão curricular, numa fase inicial parti do programa de EMRC proposto pelo SNEC (2014, 52-61) e da planificação a médio e longo prazo adotada pelo grupo disciplinar (Anexo 2.1.2). Depois elaborei um mapa onde registei o número de aulas previstas para o ano letivo e para cada período, distribui as UL para que não existissem grandes diferenças quanto ao número de aulas destinadas a cada uma, distribui os temas/conteúdos e os momentos de avaliação. Este registo teve em atenção a necessidade de uma aula de apresentação para o professor e para os alunos no início do ano letivo, da apresentação dos critérios de avaliação, da realização de uma avaliação diagnóstica e das autoavaliações e heteroavaliações no final de cada período. (Anexo 2.1.3)

Refletindo sobre a caracterização da turma e o número de aulas previstas ao longo do ano, procedi à planificação a longo prazo e a médio prazo, planificações que foram retificadas várias vezes ao longo do ano letivo.

No 1º período, foram lecionadas 13 aulas. A primeira aula foi destinada a uma apresentação dialogada com os alunos, de forma a criar empatia entre todos. A segunda aula foi para apresentar os critérios de avaliação, a realização de uma ficha diagnóstica e para o preenchimento da ficha de caracterização do aluno, para depois proceder à caracterização da turma. As 6 aulas seguintes abrangeram a UL 1, “Viver Juntos”, mas numa foi explorado o tema “É possível ser Feliz!” por um padre dehoniano. Seguindo-se 3 aulas para a UL 2, que foi concluída no início do 2º período. Uma aula do período foi destinada a uma visita de estudo ao Mosteiro Beneditino de Singeverga. Por fim, uma aula destinou-se à autoavaliação e heteroavaliação. (Anexo 2.1.3)

Na primeira UL, “Viver Juntos”, inicialmente, abordou-se que a mudança fazia parte do crescimento e que é uma realidade constante na vida de todos. Depois foi dado o exemplo da mudança de Abraão, uma mudança interior, e o seu longo caminho para essa mudança. Seguidamente analisou-se a importância de viver em grupo, valorizando a diversidade como fator enriquecedor e que para uma boa vivência em grupo são necessários consensos, regras e alianças. Como exemplos foram expostas as alianças de Deus com Noé e Moisés. Referindo que o cristão propõe o amor ao próximo como forma de viver com o outro. Salientando-se de seguida que as alianças desinteressadas conduzem à felicidade e facilitam a relação entre todos. (Anexo 2.1.3 e 2.2.1)

Na UL 2, “Advento e Natal”, começou-se por contextualizar a influência do Natal na vida de cada um, levando à compreensão que Deus enviou o Messias prometido, sendo fiel à sua Aliança e valorizando essa presença na história. Seguidamente, fez-se um caminho no sentido de reconhecer em Jesus, o Messias prometido para os cristãos e compreendê-lo como um marco histórico. Depois abordou-se a forma de preparação dos cristãos para a celebração do nascimento de Jesus (o Advento). Terminando, neste ponto, as atividades letivas relativas ao 1º período. (Anexo 2.1.3 e 2.2.2)

As aulas previstas para o 2º período foram 12. No início do período, em 2 aulas, concluiu-se a UL 2, “Advento e Natal”. A UL 3, “Família, Comunidade de Amor”, foi abordada ao longo de 7 aulas. A UL 4, “Construir fraternidade”, teve início no 2º período, com 2 aulas. A última aula do período foi destinada à autoavaliação e heteroavaliação dos alunos. (Anexo 2.1.3)

Com o início do 2º período, concluiu-se a UL “Advento e Natal”. Primeiramente, conhecendo o contexto histórico e conflituoso de época de Jesus e depois, tal como no tempo de Jesus, reconhecendo a necessidade de criar uma sociedade mais justa promovendo o valor da esperança. (Anexo 2.1.3 e 2.2.2)

Seguiram-se 7 aulas dedicadas à UL “A Família, Comunidade de Amor”. Inicialmente exploraram-se alguns tipos de famílias, a compreensão da evolução do conceito de família e refletiu-se sobre o que deve ser e a importância da família. Numa segunda aula, pretendeu-se reconhecer a importância das diferentes funções da família. A aula seguinte, visava apresentar e conhecer diferentes ambientes familiares, através dos trabalhos propostos. Depois pretendeu-se reconhecer os valores éticos e a sua importância na vida familiar, comparando com os valores já presentes na família do tempo de Jesus. Na quinta aula, inicialmente, refletiu-se e valorizou-se a participação e a corresponsabilidade na vida familiar e, depois, reconheceu-se algumas dificuldades na vida familiar. A UL finalizou com a percepção do contributo dos mais velhos para a formação dos mais novos na Família, bem como o reconhecimento do Amor como fundamento da vida familiar, em sintonia com a proposta cristã. (Anexo 2.1.3 e 2.2.3)

No final do 2º período, em 2 aulas, deu-se início à UL “Construir fraternidade” que se prolongou por todo o 3º período. A referida unidade foi a escolhida para ser desenvolvida neste relatório final pelo que a sequência da unidade é apresentada no capítulo “3.3 Sequência do processo ensino-aprendizagem”. Este tema toca-me seriamente, pelo que foi a minha opção para um estudo mais aprofundado. A exploração da unidade pretendeu refletir que no mundo atual, viver a fraternidade, socialmente e religiosamente, requer uma mudança de comportamento e a vivência de valores éticos para possibilitar a construção de uma sociedade mais justa. (Anexo 2.1.3 e 2.2.4)

Ao longo do 3º período letivo estavam previstas 6 aulas. Para a UL 4 - Construir fraternidade destinou-se 5 aulas e terminou-se o ano letivo com uma aula dedicada à autoavaliação e heteroavaliação, uma aula de despedida. (Anexo 2.1.3)

Ao longo do ano era possível relacionar os conteúdos abordados com outras disciplinas, nomeadamente com Português, Francês, Inglês, História, Ciências Naturais, Educação Visual, Educação Musical e Tecnologias da informação e comunicação, contudo a forma como o estágio foi realizado não permitiu um maior envolvimento com os restantes professores e disciplinas da escola. (Anexo 2.2.1, 2.2.2, 2.2.3 e 2.2.4)

3.2. A Unidade Letiva “Construir fraternidade”

O tema “Construir Fraternidade” é pertinente no mundo atual, um mundo cada vez mais individualista, em que muitos procuram apenas o seu bem-estar, o bem individual e não o bem comum. Ao abordar este tema nas aulas, notei que os alunos gostam de ajudar o outro, o próximo, sentem-se bem consigo próprios quando o fazem. Mas o dia-a-dia, a vida profissional, a vida alucinante dos adultos, por vezes, não dá oportunidade para estar atento ao outro, surgindo o individualismo. Todos reconhecemos o ideal do amor ao próximo, mas na realidade muitas vezes fica-se longe. Este individualismo leva à deterioração do bem comum ou limita-o a um número restrito de pessoas, criando uma sociedade com desigualdades. (Langemeyer, 1990, 50)

Nesse sentido a valorização da construção de uma sociedade mais fraterna, mais justa, junto dos mais novos é fundamental. Pelo que o tema “Construir fraternidade” é importante na escola, local de formação dos homens e mulheres de amanhã.

Como referi anteriormente, na base deste trabalho estão questões que são importantes para a correta lecionação do tema, nomeadamente: O tema está apresentado conforme as várias visões do conceito de Fraternidade? De que modo o tema é apresentado pelo programa? Será que a unidade letiva da fraternidade proposta pelo programa está em sintonia com o método existencial e hermenêutico?

Para responder a estas questões foi percorrido um longo caminho, caminho este que levanta novas questões e desafios para um futuro trabalho. Questões que aparecem da reflexão e da análise que os autores referiram, tal como se encontra no enquadramento teórico que foi elaborado.

3.2.1. O Conceito de Fraternidade

O termo Fraternidade é conhecido por todos. Sabe-se a que se refere. Mas será fácil dar uma definição de Fraternidade?

Consultando-se alguns dicionários e enciclopédias verifica-se que Fraternidade provem do latim “fraternitâte” (DELP). Significa parentesco (DLPC), parentesco entre irmãos (DE, DELP, GDLP, GEPB), relação e convivência como irmãos (DLPC, GDLP), solidariedade de irmãos (DE), amor ao próximo (DE, DLPC, GDLP, GEPB), harmonia entre os homens (DE, DLPC), boa harmonia (GDLP, GEPB), paz (GEPB), concórdia (GEPB), união (GDLP, GEPB), confraternização (entre povos; entre cristãos)

(DELP), amizade entre pessoas (DLPC, GDLP, GEPB), sociedades, povos (GEPB), aliança que existia entre irmãos de armas (GEPB), relação entre dois ou mais povos que combatem ou combateram pela mesma causa (GEPB), irmandade (GEPB), qualidade de ser confrade ou oblato de uma corporação religiosa (GEPB).

R. Cabral (LELBF, PEVSE) refere que o pensamento de laço fraternal que une os homens numa só família está presente desde há muito tempo em várias doutrinas, sem uma base religiosa, onde há a ideia de solidariedade social. Mais recentemente com a Revolução Francesa refere-se a Fraternidade, na tríade: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, laicizando uma visão cristã. Os cristãos procuram que todos os homens se considerem e tratem como verdadeiramente irmãos.

Do exposto, surge o interesse de saber o que dizem os dicionários e as enciclopédias da palavra irmão. Irmão, do latim “germãnu”, aparece ligado a “frater” e “soror” (DELP), relação a outrem (GDLP), ser de sexo masculino ou feminino que é filho do mesmo pai e mãe ou só de um dos dois (DE, DLPC, GDLP, GEPB), amigo íntimo (DE), amigo inseparável (GDLP, GEPB), irmão de leite, o que foi amamentado por uma ama relativamente aos filhos desta (DE, GEPB), irmão de criação, pessoas criadas juntas sem terem os mesmos pais (DLPC) que mantem com outro laços de parentesco ou relações afetivas, linguísticas, culturais, sociais e profissionais (DLPC, GEPB), que demonstra afeto ou amizade (DLPC), que é semelhante a outro (DLPC), todos os homens considerados como filhos de Deus (DE, GEPB) especialmente entre os cristãos como, oriundos de Adão e Eva, irmãos em Jesus Cristo (GEPB), membro leigo de instituto religioso que exerce funções não reservadas à ordem presbiteral (DE), frade que não exercia cargos superiores (GDLP), membro de confraria, irmandade, ou da maçonaria (DE, GDLP, GEPB) e correligionário (GDLP).

Contudo no âmbito da disciplina de EMRC é necessário efetuar um estudo mais pormenorizado sobre o termo Fraternidade, relacionando com o termo irmão. Desta forma procedi a um estudo bíblico-teológico, antropológico e moral, para aprofundar e ter uma melhor compreensão do tema.

3.2.2. Fundamentação bíblico-teológica

As palavras “irmão” e “fraternidade” são usadas antes do cristianismo, nomeadamente na língua grega e romana, com muitos sentidos, que são como abordagens parcelares do cristianismo. (Ratzinger, 1964, 1141)

Platão, de uma forma mitológica, chama de irmãos os cidadãos de uma cidade, todos eles descendentes de uma mãe comum, a terra da Grécia. Para os romanos, “irmão” e “fraternidade”, são usadas para povos relacionados, não tendo nada de mitologia. No mundo latino e grego, havia o hábito de nomear um amigo para seu irmão, mostrando que a fraternidade era uma verdadeira amizade. O título de irmão dado aos príncipes helenistas tem, por seu lado, um sentido sacro, diferente do que era dado para designar um colega. (Ratzinger, 1964, 1141)

A ideia pré-cristã de fraternidade desenvolve-se pela filosofia estoica e pelos cultos místicos. A ideia de Platão da terra de mãe-comum limitada a um território vai-se alargar a toda a humanidade, pelo estoicismo. Em sintonia, com a ideia de que todos os homens são membros de um só corpo, como refere o cristianismo. Ratzinger, recorrendo a Epicteto, recorda que todos os homens são irmãos, todos têm origem em Deus. (Ratzinger, 1964, 1142)

Nos textos da altura havia a ideia de filiação a uma Divindade com carácter naturalista, ao mesmo tempo diferente e semelhante, da visão cristã. O estoicismo via como abertura ao universal, a unidade sem distinção dos homens. Os cultos místicos centravam-se numa comunidade singular em que se encontrava uma nova família espiritual. (Ratzinger, 1964, 1142)

3.2.2.1. A Sagrada Escritura

A paternidade de Deus na SE não está na origem do mundo, mas na história. Na origem do Deus Pai e do nosso ser de filhos está a história salvífica do povo de Israel, um facto real, cuja iniciativa é divina, colocando de lado o misticismo. A paternidade é sugestão explícita de Deus, que se designa como Pai, não sendo o homem que lhe dá esse nome, levando os israelitas a usarem o termo filho. A história salvífica do povo de Israel leva à imagem de paternidade. “Mas Tu és o nosso pai” (Is 63,16) de uma forma discreta. Ao usar o termo Pai, o homem acolhe o Deus que se faz Pai. A denominação de Pai é uma declaração de identidade feita por Deus e acolhida pelo homem, o filho.

Iahweh é Deus único e é chamado de Pai porque se ocupa do povo hebreu, porque o chama, o liberta, o acompanha no seu caminho, sem implicações cosmogónicas. Contudo, os israelitas chamam poucas vezes Pai a Iahweh e usam pouco a expressão filhos de Iahweh, cortando com as místicas de um laço físico entre Deus e o homem. (Gennari, 1989, 455-456)

A revelação da verdadeira figura do Pai pelo monoteísmo judaico está na fonte de tudo que decorre das noções de filiação e de fraternidade. (Jacquemet, 1956b, 879)

3.2.2.1.1. Antigo Testamento

No princípio tudo era bom. Com a entrada do pecado, entrou no mundo bom o mal. A primeira irmandade termina em fratricídio, levando Lamec a proclamar o princípio da vingança, o triunfo do mal (Gn 4,24). Deus intervém na história com um homem eleito, Abraão. A partir daqui e apesar da luta entre o mal e o bem, o bem vai triunfando pela vontade de Deus. As separações incitadas pelo interesse dos irmãos solucionam-se, como em Abraão e Lot e em Jacob e Esaú. Na história de José, o mal põe-se ao serviço do bem, por ação de Deus. (Alonso-Schökel, 1997, 323)

A irmandade, no AT, tem referência a um pai comum (Gn 9.35,29.42-47) e ao mesmo Deus (Gn 28.32.50). No AT, Deus é chamado de Pai, não como progenitor, mas como eleição, aliança e salvação. Para além de Pai, o povo de Israel usa os termos “rei”, “esposo”, “esposo prometido” e “pastor”. A irmandade envolve diferenciação, unidade e identidade do ser humano, que procura unidade familiar e social. Mas a diferenciação provoca tensões que atingem o ser ético do homem. Essas tensões resolvem-se umas vezes pela cedência (Gn 13) e outras pelo perdão e reconciliação (Gn 33.45). (Alonso-Schökel, 1997, 323; Gennari, 1989, 456)

Na Bíblia encontra-se desde o início os termos “irmão” ou “irmã”, o mesmo não acontece com “fraternidade” que só aparece mais tarde. Os termos veterotestamentários “ah” e “rea” referem-se tanto ao irmão carnal como parente (Gn 13,8), o amigo (Gn 29,4, 2 Sm 1,25-26; Pr 17,17), o colega (Esd 6,20, 2 Cr 31,15), o compatriota (Lv 19,17-18; Dt 15,2.12), o aliado (1 Rs 9,13). O irmão é o membro da família, tribo ou povo (Gn 4,2;13,8; 2 Sm 19,13; Dt 25,3) em oposição ao estrangeiro (Dt 1,16). O hebreu do AT atribui fraternidade a qualquer pessoa como ele, dada a ajuda que podem dar. A fraternidade refere-se apenas a uma categoria de pessoas, às de dentro do Povo

de Israel, as de fora são excluídas. Os hebreus sentem-se irmãos por serem filhos de Abraão. (Cândido, 1989, 465)

Contudo, no AT, a prática era chamar irmãos a correligionários (Ex 2,11; Lv 10,4; Dt 15,3.12; Jz 14,3; Jr 22,18-19). A religião prevalece na consciência do israelita sobre a comunidade de sangue. Para referir um compatriota, os israelitas, referem-se ao próximo. O Sl 133(132) é um exemplo da ética fraterna do AT, salientando que os irmãos vivem unidos, sendo bom e agradável. (Ratzinger, 1964, 1143)

Em Israel, a ideia de fraternidade limita-se à comunidade do povo de Deus, mas na sua essência é mais profunda, não sendo tão limitada como em Platão, pois este Deus não é local, mas o Deus dos deuses (Sl 82(81)). Israel é o primogénito (Ex 4,22), mas os outros também são filhos (Dt 32,6). Israel, além da unidade de Deus, sabe que todos os homens descendem de Adão, que foi criado à imagem de Deus (Gn 1,26-27; 5,1-2). Essa unidade é expressa na genealogia de Noé (Gn 10) que realça a unidade de todos os homens e a aliança universal de Deus, manifestada no arco-íris, que precede a aliança com Abraão, permanecendo pai de todos. (Ratzinger, 1964, 1143-1144)

No AT o fenómeno chamado “pares de irmãos” reflete a fraternidade. Os doze irmãos, filhos de Jacob, donde cresce Israel, foram precedidos pelos pares de irmãos Ismael-Isaac, Esaú-Jacob. Já antes havia relação de irmãos como Caim-Abel, Caim-Seth e Abraão-Lot. Todas estas relações têm a liberdade da ação de Deus como base, todas revelam o amor paterno de Deus, apesar das aparências externas de esquecimento de Deus. (Ratzinger, 1964, 1144)

A fraternidade promove a solidariedade dos membros (Gn 42-44), que não é cumplicidade na culpa (Gn 9.19.37). A solidariedade exige interesse pelo irmão em dificuldade (Gn 14), por causas legais (Gn 38), na intercessão (Gn 18) mas exclui a violência (Gn 34). (Alonso-Schökel, 1997, 323-324; Gennari, 1989, 457-458)

Na SE encontramos expressões de filantropia, como na passagem Sir 13,15ss, onde o amor ao próximo se considera como um fenómeno natural, ou na passagem Sir 7,20ss, onde solicita amar o servo inteligente. Mas desde o início da SE que a relação religiosa com Deus está relacionada com o próximo. O facto natural do amor foi elevado a esfera do religioso ou sobrenatural e inserido na aliança divina. O amor ao próximo tem motivações religiosas, inserindo-se na experiência salvífica do êxodo e fundamentando-se no amor do Filho de Deus a todos os homens. O amor ao próximo tem um carácter sobrenatural, como um preceito do Senhor (Lv 19,18) e muitas vezes o amor ao irmão fundamenta-se no amor a Deus, sendo semelhante ao amor a Deus, dado

que o amor ao próximo fundamenta-se no amor a Deus. O amor ao próximo tem por base a conduta de Deus. (Dt 10,18ss). O Decálogo mostra os deveres para com o Senhor e com Irmãos. O amor ao próximo não é apenas filantropia ou solidariedade humana, tem um caráter histórico-salvífico ou sobrenatural. (Panimolle, 1990, 77)

No AT, o próximo é o israelita, diferente do pagão e do forasteiro (Lv 19,18), é o hebreu (Ex 2,13; Lv 19,15.17). Mas o AT fala de amar o forasteiro, aos israelitas emigrados, tal como foi Jacob nas terras do Egito. (Lv 19,33ss; Dt 10, 18s). Mas não fala do amor aos inimigos, o povo hebreu vivia em constante guerras e os seus adversários eram aniquilados (Ex 17,8ss; Nm 21,21ss; Dt 2,34, 3,3-7; Js 6,21.24, 8,24ss, 11,20; 1 Sm 15,1-3) e invoca-se a vingança divina contra os inimigos (Sl 5,11, 28(27),4ss, 137(136),7ss; Jr 11,20; 20,12). Contudo há passagens que supõem a superação do ódio aos inimigos (Ex 23,4; Pr 25,21) como na história de José e na de David que perdoaram e amaram os que os odiavam e perseguiram. O comportamento de José, filho de Jacob, é verdadeiramente evangélico e exemplar. (Panimolle, 1990, 78)

3.2.2.1.2. Novo Testamento

No NT a irmandade está fundada no Pai que é o Deus comum. Os homens que se deixam acolher pelo Amor do Pai, manifestado e entregue por Jesus, fazem-se filhos e irmãos com ele (Jo 1,12). O grupo de pessoas que Jesus reuniu e encorajou com a sua páscoa, é uma família de irmãos (1 Ts 1,1). A irmandade é a mensagem principal da páscoa de Jesus, pois Jesus instaura uma nova paternidade, uma nova irmandade, uma nova família (Mt 12,48), reunida no mesmo Pai, o “Pai Nosso” (Mt 6,9-13). O Deus do NT é o mesmo dos Patriarcas, mas com Jesus, Deus assume um novo rosto, é o Deus Abbá que dá proximidade. Pai indica a presença dialogal e imanente na vida do homem, indicando uma atitude de Deus em relação ao homem na história. Esta irmandade é mais profunda que a humana, pois abrange o Espírito de filhos adotivos de Deus. Jesus compartilhou a sua filiação e o homem foi acolhido como filho nos braços de seu Pai. O Abbá de Jesus foi partilhado connosco pelo Espírito. Jesus com a sua Paixão deu o seu amor reunindo todos na sua fraternidade (At 2,23ss, 3,13ss, 5,30ss, 10,39ss, 13,26ss). Cristo torna-se nosso irmão para nos fazer seus irmãos. Como irmãos, apesar das diferenças, pretende-se ser a imagem de Deus (Heb 2,11.17; Rm 8,29; Cl 1,15), sendo Cristo a imagem primordial (Gn 1,26ss). (Alonso-Schökel, 1997, 324-325; Gennari, 1989, 455-458; Legido, 1980, 100-101)

Jesus tem uma relação especial com Deus, tratando-o por Abbá. A singularidade dessa relação leva ao surgimento da expressão “Filho de Deus”. Jesus une o amor e o conhecimento com o Pai, sendo um só com Deus (Jo 5,19-26), tornando-o diferente de nós (Mt 11,25-27). Mas os discípulos e os homens também são chamados filhos de Deus. (Gennari, 1989, 457)

A relação de Jesus com o homem leva ao surgimento da expressão “Filho do Homem” dado que experimenta situações do homem, como a pobreza, sofrimento e fragilidade (Mt 8, 20, 11,19, 20, 28; Mc 8,31) ou na realidade humana glorificada (Mt 24,27.30; Mc 13,24-27). A identificação do Filho de Deus com o Filho do Homem e com a condição humana é visível em Mt 26,63-64, é a razão histórica, gratuita e inesperada da filiação divina aplicada aos homens no NT. Tal como no AT, a iniciativa é do Pai (Gl 4,4-5) e realiza-se na mediação vivida, histórica e experimentada na vida de Jesus. Por Jesus é que Deus é Pai, pai dele e nosso pai. E Jesus ensina o homem a dirigir-se a Deus como Pai. (Mt 6,9). (Gennari, 1989, 457-458)

Jesus na sua pregação preocupava-se com todos (Mt 4,16), o povo admirava as suas palavras e gestos. Muitos voltavam ao seu trabalho e à sua vida, outros eram marcados por Ele, mas havia um grupo que o seguia, os discípulos, os doze. (Legido, 1980, 114-115) O simbolismo dos Doze é de importância decisiva, é o número dos filhos de Jacob, o número de tribos de Israel. Com a formação do grupo dos Doze, Jesus apresenta-se como fundador de um novo Israel. (Ratzinger, 1992, 15-16)

Neste grupo, constituído, entre outros, por pobres, incultos e sem poderes, rompeu-se a barreira do dinheiro, da posição, da ideologia, do sexo, da condição familiar e da amizade. O seguimento de Jesus não admitia saudosismo, recuos, apego à família e às coisas (Lc 9,57-62; 14,25-33), só o projeto de Jesus vinculava o grupo, a instauração do Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33), tudo é secundário na tarefa de anunciar o Reino. Os discípulos tinham rompido com a família de sangue, mas tinham recebido uma nova fraternidade unida pelo amor do Senhor, recebendo irmãos, irmãs, mães e filhos (Mc 10,30). (Legido, 1980, 116-117; Masserdotti, 1992, 183-184)

O chamamento de Jesus levava a uma resposta absoluta nascida do dom do amor e da graça que previamente fora oferecida. Os discípulos tinham de deixar tudo para trás, provocando uma rutura radical (Lc 18,22). O seguir Jesus leva à renúncia dos bens, da família, de si mesmo (Mt 16,24-25; Jo 12,25-26). A renúncia total (Mc 10,28) é um aspeto fundamental para seguir Jesus, como referem as bem-aventuranças (Mt 5,1-12; 10,8-39). Os homens constituem-se pelo que são e não pelo que têm. Os discípulos

aprenderam a chamar a Deus “Pai Nosso” no rosto de Jesus, descobrindo o seu amor desmedido (Mt 5,45; 6,9-10.25-30). (Legido, 1980, 119.121-123)

Jesus esclarece e supera a mentalidade hebreia de serem irmãos por serem filhos de Abraão (Jo 8,33-42), sendo uma passagem da concepção de fraternidade do AT para o NT. No NT, Jesus usa a palavra irmão com três sentidos, segundo J. Ratzinger (1964). Primeiro, no sentido habitual dos judeus, como compatriota e correligionário (Mt 5,22-24.47, 7,3-5; Lc 17,3), mas transformando em regra da comunidade (Mt 18,15-16), recorrendo à correção fraterna. Um outro sentido é de designar os discípulos de irmãos (Lc 22,32; Jo 20,17). Por fim, o termo claramente cristão, irmão é aquele que faz a vontade de Deus, com espírito de unidade, nascendo de novo com um parentesco mais íntimo, a verdadeira fraternidade (Mc 3,31-35). Irmão é aquele que abandona tudo de forma radical e se torna missionário do Evangelho (Mc 10,29-30), criando uma nova família com aqueles que compartilham a sua fé. Irmão é aquele que ajuda o que tem fome, o que tem sede, o peregrino, o nu, o doente, o preso, isto é, os justos, quem ajuda o mais pequeno. (Mt 25,31-46). Jesus ajuda os pobres e humildes, fazendo-se próximo. O próximo é diferente do judaísmo (Lc 1,30-37), incluindo todos, o próximo é o estrangeiro, mas Jesus quer mais, o próximo é o primeiro infeliz que reencontro e que ajudo. (Gennari, 1989, 458; Ratzinger, 1964, 1144-1146; 2005, 31-42)

Ser irmão significa ser solidário, estar reunido num só povo alimentado pelos mesmos objetivos, consolidado por uma só aliança, iluminado pela mesma esperança. A fraternidade do NT concretiza e supera a do AT pela realidade do ágape. O NT tem muitas referências à fraternidade. Irmãos são os discípulos do Senhor (Mt 23,8; At 1,15; 1 Cor 15,6; Fl 4,1; Heb 2,12), os que estão unidos a Cristo através da escuta da sua palavra (Mt 12,46-50; Lc 8,19-21), os outros destinatários do amor (Mt 5,22-24; 1 Jo 2,9-10; 3,10-17; 4,20), os agressores perdoados (Mt 18,15-22), os que não devem ser julgados, mas ajudados (Mt 7,1-5; Rm 14,10-13) e os que têm o mesmo Pai que Cristo primogénito (Rm 8,9). (Cândido, 1989, 465) A filiação implica aperfeiçoamento, cumprimento da vontade, imitação da bondade, da misericórdia e do amor universal. (Gennari, 1989, 458)

O tema dos Dois Irmãos, já contido no AT, reaparece no NT em duas parábolas de Jesus, dando uma outra interpretação da ação salvífica de Deus em relação aos homens, nomeadamente em Mt 21,28-32 e Lc 15,11-32. Na primeira parábola destaca-se que os homens piedosos e justos fazem a vontade de Deus e na segunda a misericórdia do Pai

para com todos os povos, retratados no filho pródigo. Estas parábolas proclamam a bondade de Deus para todos os povos. (Ratzinger, 1964, 1148-1149)

Jesus convida a não viver para si, mas para Ele que os ama, chamando-os para a construção do Reino. Jesus caminha com o pequeno grupo com vista a uma grande família (Mc 3,31-34), onde todos se sentariam na mesma mesa, com o amor do Pai. Jesus reuniu um grupo de pobres, a pequena fraternidade, com as mãos abertas e vazias fazendo por meio da multidão a sedução do reino, mas cada um tinha os seus serviços. A premissa da grande assembleia está na mesa comum. (Legido, 1980, 106.120)

Para a construção da fraternidade o amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis e fundamentais. A caridade cristã é amar o outro como Jesus nos ama. (Milcent, 1978, 89)

O amor ao próximo está expresso no AT (Dt 6,4ss; Lv 19,18) e aponta para o compatriota e para o estrangeiro que habita em Israel. Na época de Jesus, o próximo era historicamente o israelita. Mas Jesus altera a compreensão do amor ao próximo (Mt 19,19; 22,38-40; Mc 12,31). Na parábola do bom samaritano (Lc 10,29-39), Jesus revoluciona o mandamento da lei mosaica que ordenava o amor ao próximo e permitia o ódio ao inimigo, indicando que se devia amar os inimigos e orar pelos perseguidores. Jesus coloca o Amor a Deus primeiro e o amor ao próximo depois, em virtude do amor ao próximo ter por base o amor recebido de Deus (Mt 18,23-35). O mandamento do amor é o primeiro, que dele dependem a lei e os profetas (Mt 22,40) e quem o observar, cumpre a lei (Rom 13,10). O amor ao próximo alarga-se a todos os homens, incluindo os inimigos, pois Deus “é bom também com os malvados” (Lc 6,35; Mt 5,43-48). Desta forma, o amor fraterno vê-se cumprido na lei (Rm 12,8ss). Nas cartas dos apóstolos apela-se à inculturação do amor ao próximo (Tg 2,8). Paulo refere que este amor é fruto do espírito (Gal 5,22). (Langemeyer, 1990, 49-50; Panimolle, 1990, 77-79; Pesch, 1989, 43; Rahner, 1969, 185-186)

No sermão da montanha, Jesus anuncia a “regra de ouro” (Mt 7,12), proíbe o ódio aos inimigos, enfrenta a prática dominante e inspira-se na consulta do Pai Celeste (Mt 5,21-48). Exemplo deste amor encontra-se na cruz, quando Jesus não responde aos insultos e pede ao Pai para os perdoar (Lc 23,34). (Panimolle, 1990, 79)

Temos assim que Amor significa a entrega completa e de todo o coração do homem a Deus e ao seu semelhante. O mandamento do amor tem por base o amor de Deus ao homem. O Amor de Deus ao homem tem a sua resposta no amor ao próximo (1

Jo 4,9-12.20; Mt 25,45). De uma forma simples, “Amor a Deus” e “Amor ao próximo” são a norma de vida cristã. (Langemeyer, 1990, 49-50)

A pequena fraternidade estava toda reunida na última ceia (Mt 26,31.33.35). Mas tudo parece terminar com a prisão de Jesus em Getsémani, uma vez que todos os abandonaram (Mt 26,56). Na cruz só estavam Maria, Mãe de Jesus, a irmã de Maria e Maria Madalena e o discípulo amado (Jo 19,25-27). (Legido, 1980, 123-124)

Na paixão, Jesus ultrapassa o sentido da palavra irmão para os rabinos, fundando a irmandade do Senhor e seus discípulos sobre a paternidade comum de Deus. Cristo precede e irá preparar a casa para a família de Deus (Jo 14,2). O pensamento paulino vê Cristo como o filho primogénito de uma multidão de irmãos (Rm 8,29). Jesus não se considera um rabino, mas um novo Moisés, um legislador (Mt 5-7). Em analogia, os doze são os doze fundadores de Israel, dando origem a um novo e maior Israel, um povo de irmãos, uma nova fraternidade, para substituir a antiga comunidade fraterna de Israel. (Ratzinger, 1964, 1145)

Após a Ressurreição, Jesus vai ao encontro dos seus para os chamar, reunir e motivá-los novamente. Os discípulos que o viram ressuscitado, acolheram a missão e continuaram a sua obra (Lc 24,46-48). Saíram pelo mundo para anunciar o reino, até à sua vinda (At 2,5ss). Para os primeiros cristãos o evangelho é regra e libertação da pessoa. Para entrar na comunidade é preciso escutar a Palavra anunciada e preservar a liberdade cristã. (Legido 1980, 124; Masserdotti, 1992, 184)

A pequena fraternidade tem a efusão do seu Espírito (At 1,8). O Pai, pelo filho e pelo Espírito, deu aos irmãos da família o dom do Amor, que os torna iguais na filiação e na fraternidade. A pequena fraternidade antes da Páscoa era uma antecipação da plenificação que o ressuscitado consumou com o Espírito (Jo 16,13, 20,22). (Legido, 1980, 124-125)

Esta família de irmãos, de filhos no Filho, é a Igreja (Mc 3,31-35). O termo “Igreja” surge da palavra grega “ecclesia” que indica a assembleia dos homens livres e traduz a expressão do AT “qahal” que definia a comunidade nascida da libertação de Deus no Êxodo e da sua aliança. No NT, indica a comunidade que nasce no dia de Pentecostes, da incorporação do Espírito Santo pela Palavra, é formada pelas pessoas que Cristo ressuscitado liberta, a assembleia cultural, a comunidade local, a Igreja de um horizonte geográfico maior e a própria e única Igreja de Jesus. Esta incorporação deu liberdade (Gal 4,1-7) e uma comunhão fraternal no amor (Gal 5,13-14). Ao acolher o amor de Deus, a comunidade sente a necessidade de partilhar com os mais pobres e

vive em comunhão, seguindo o exemplo de Jesus. A fraternidade é o dom da filiação compartilhada no Filho. (Legido, 1980, 101-102; Masserdotti, 1992, 199; Ratzinger, 1992, 21)

O termo irmão é muito usado nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas. O costume judaico de associar o termo irmão a compatriotas e correligionários continuou no início da comunidade primitiva. (At 2,29.37, 7,2, 13,15.26, 22,1.5, 28,17). O uso do termo pelos cristãos refere-se àqueles que partilham a fé cristã e fazem parte da Igreja. Há assim uma diferença, por um lado, refere-se à comunidade racial e, por outro, à formação cristã universalizada que não é indiferenciada. A irmandade é um impulso e exigência que resulta da diferença (1 Cor 12,4-7), a irmandade cristã é fonte de solidariedade (1 Cor 8-9; Mt 5,22s), de um amor mútuo que chega a dar a vida pelo irmão. (1 Jo 1,9ss; 3,1.13-16). Em Paulo nota-se a aplicação do termo nos dois sentidos. Em Rm 9,3, Paulo refere-se aos judeus, irmãos, segundo a carne. Em 2 Cor 11,26 refere-se aos que compartilham a fé, usando a expressão falsos irmãos, sendo um neologismo paulino que concretiza uma experiência negativa dentro da comunidade de irmãos. Nos irmãos da fé deixa de haver distinções (Gal 3,10-12.27-28). (Alonso-Schökel, 1997, 325; Ratzinger, 1964, 1146-1147)

A pequena fraternidade que antes tinha diferentes tarefas e encargos, agora tem diferentes carismas e serviços, de forma a alcançar a fraternidade universal. Os apóstolos e os discípulos são os últimos servidores para edificar a igreja para a chegada do Reino, tal como refere Paulo (1 Cor 3,10; Rm 15,20). (Legido, 1980, 128)

O senhor reparte os dons por todos, para que juntos expressem o amor de Deus. Assim, todos os irmãos são carismáticos e têm algo a juntar à mesa comum, convertendo os dons do senhor em serviço (Lc 10,1). A fraternidade apostólica é um grupo de servos (Jo 13, 15-16, 15,15; Lc 22, 27; Rm 1,1; Gl 1,10; Fl 1,1; Tt 1,1). A regra moral expressa em Mt 18,6-35 e 23,8-11, destaca a ideia de serviço para com os irmãos da fé e para os de fora. Para Paulo a pequena fraternidade está ao serviço de todos para realizar a obra de Deus (1 Ts 5,12; Gl 6,6; 1 Cor 16,15; Fl 2,29-30). (Legido, 1980, 129-130; Ratzinger, 1964, 1147)

Por vezes, os homens no mundo estão divididos, mas pelo batismo comungam a filiação e a fraternidade de Jesus (Gl 3,27-28). Um novo nascimento através do qual o homem recebe Deus como Pai pela Igreja que é Mãe, tornando-se cristão, unindo-se aos irmãos de Jesus e irmão de Cristo. Os cristãos pertencem à Igreja, fazem parte do corpo de Cristo, fazem parte de Cristo, e Cristo é a cabeça, destacando-se a unidade de todos.

É na fraternidade do homem novo que se recria a criação e a humanidade (Ef 4,22-24; Cl 3,9-10). A família reunida em Jesus, comunidade escatológica, antecipa e irradia o reino de Deus. Este caminho parte da mesa onde Jesus partiu o pão, fundando a comunhão (koinonia) (At 2,42), e os irmãos acolheram o amor. Por Jesus a comunhão passa do Pai para nós, para viver a fraternidade na unidade, com o Espírito. (Legido, 1980, 106-107; Ratzinger, 1964, 1158-1159)

A vida nova de liberdade em Cristo, a comunhão da vida, alcança-se também pela koinonia dos bens (At 2,42-47; 4,32.34-35), como mostra a comunidade de Antioquia. A comunidade é autêntica com a comunhão dos bens, deixando de existir barreiras entre o ter e o poder (1 Cor 11,20-34), pois não pode um irmão ter bens e o outro não, é necessário superar a pobreza. Esta ação prefigura a nova sociedade e antecipa o Reino de Deus. (Legido, 1980, 107-108; Masserdotti, 1992, 199) A vida nova em Cristo é uma experiência, mas também uma dádiva. A antecipação do Reino só acontece pela dádiva e pela experiência da fé.

A fraternidade apostólica é um serviço para a reunião de todos os irmãos, potenciando a comunidade, estando aberta a todos os que queiram integrar a obra do senhor (Gl 1,2). Sendo marcada pela “absoluta chamada”, a “absoluta resposta” e a “entrega absoluta”. (Legido, 1980, 135-136)

A pequena fraternidade é a mão estendida do Senhor que desde o Pai, na unidade do Espírito, pretende reunir todos os irmãos na mesa grande do reino, continuando a obra de Jesus, que tinha enviado dois a dois pelo mundo (Mc 6,7; Lc 10,1) dando plenitude ao testemunho (Dt 17,6, 19,15). (Legido, 1980, 134.138)

A vocação da comunidade cristã é a de se envolver com Cristo, no dom de si, na comunhão e no serviço pelo Reino. A comunidade deve seguir o estilo do “lava-pés” (Jo 13,1-17). (Masserdotti, 1992, 198) Paulo, em Rm 9-11, mostra que a salvação é também para os pagãos, desta forma, “os dois irmãos”, os de dentro e os de fora serão salvos no amor reconciliador de Deus. (Ratzinger, 1964, 1149)

A definição de fraternidade no NT assenta no conceito de “adelphós”. Em Rm 8,11-17.29 consegue-se compreender a sua noção, referindo a filiação adotiva de todos os cristãos em relação a Deus. Paulo recorre a Adão e a Abraão para referir-se à fraternidade. Refere-se a Adão para mostrar a unidade de todas as pessoas e a Abraão para mostrar a posição especial de Israel. Paulo destaca que todos os crentes são filhos de Abraão. Paulo recorre à teoria dos dois Adãos, dizendo que não é um novo Israel que

se forma nos cristãos, mas uma nova humanidade, o velho Adão dá origem a um novo Adão. (Ratzinger, 1964, 1148)

Nem Paulo, nem outro escritor do NT, fundou a fraternidade cristã num novo sentido das religiões ou mistérios. É consequência dos vocábulos existentes, pois irmão vem da linguagem religiosa de Israel, visando a construção de uma nova humanidade, de um novo Povo de Deus, como Povo de Israel. (Ratzinger, 1964, 1148; 1992, 14)

A ideia de fraternidade é como uma síntese da cristologia e está no centro da economia da salvação de Deus. (Ratzinger, 1964, 1151)

3.2.2.1.3. Textos propostos pelo programa e pelo manual e textos adicionados

O professor de EMRC, através do programa de EMRC (SNEC, 2014, 60-61) e do manual adotado (SNEC, 2015, 90-126), tem sugestões de alguns textos bíblicos e não bíblicos para serem usados ao longo das aulas. Uns apenas estão referidos no programa, outros apenas no manual e alguns nos dois. Mas para a sua aplicação, ou não, é necessário ter uma melhor compreensão de cada um. Para tal é fundamental um estudo sobre os mesmos, o qual é apresentado neste capítulo.

O manual apresenta no início da UL um texto sobre a mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial da Paz para abordar o significado de fraternidade, o qual não é mencionado no programa. (Papa Francisco, 2014b; SNEC, 2014, 61; 2015, 92)

Na mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz, a 1 de janeiro de 2014, intitulada “Fraternidade, fundamento e caminho para a Paz”, o Papa Francisco refere que o ser humano é um ser relacional. Que a dimensão relacional leva-o a tratar o outro como um irmão, só assim será possível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura. O Papa Francisco afirma que a fraternidade é uma dimensão essencial ao homem. (Papa Francisco, 2014b)

A utilização do texto é apropriada pois o conteúdo mostra o significado de fraternidade e projeta para o resultado da sua vivência, destacando a construção de uma sociedade justa, onde existirá uma paz firme e duradoura. Mas o facto de referir que a fraternidade começa-se aprender no seio familiar, leva a ter em atenção a turma e os alunos, pois podem existir famílias desestruturadas.

O texto “São também homens!”, proposto pelo manual e não referido no programa (SNEC, 2014, 61; 2015, 96), é um excerto da obra “Cartas a Lucílio” de Séneca (4 a.C.-65) para abordar a igual dignidade de todo o ser humano.

Sêneca foi um dos mais célebres advogados, filósofos, escritores e intelectuais do Império Romano. Um homem que se ocupava com a forma correta de viver a vida, da ética, da física e da lógica. Sêneca entendia o cumprimento do dever como um serviço à humanidade e via o estoicismo como uma virtude, o que lhe permitia praticar a tranquilidade da alma, a ataraxia. Aplicava a sua filosofia à sua prática, apesar de ser rico vivia humildemente. O seu pensamento e as suas críticas ao comportamento vulgar, permitem conhecer a sociedade de Roma no séc. I d.C.. A sua obra reflete o seu pensamento, contem reflexões sobre problemas de carácter ético e constitui uma análise de situações concretas sobre a natureza e o comportamento humano, realçando-se a intemporalidade dos problemas tratados. Quanto a Lucílio, para uns historiadores, foi um procurador romano da Cilícia ou Sicília, por volta do ano 60 e com origem em Pompeia, outros dizem que a tradição o confundiu com Lúcio, procurador em Sicília e amigo de Plínio e, na atualidade, a própria existência de Lucílio é posta em causa. (Bourgerly, 1942, V-XVI; InfoEscola, s.d.; Livraria Cultura, 2009; Moura, 2015; Oltramare, 1929a, V-X.XX-XXVII; 1929b, 172-173; Waltz, 1944, 6-9; Wikipédia, 2017a, 2017b)

Sêneca no texto aborda a escravatura vivida na época e escreve sobre a igual condição humana, pela defesa da igualdade humana. Salientando que todos os homens nascem, vivem e morrem de uma forma semelhante. Concluindo que devemos tratar todos os outros como gostaríamos de ser tratados.

Este texto é um bom recurso para reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano, realçando que os escravos também são homens. Pelo que têm a mesma dignidade que todos os outros homens. Todos temos uma origem comum, todos somos dotados de razão e consciência, pelo que todos temos a mesma dignidade.

Um outro texto proposto pelo manual é “Dever de solidariedade”, mas não é sugerido pelo programa (SNEC, 2014, 61; 2015, 99). O texto é apresentado para falar da igual dignidade e do planeta terra.

O texto pertence à PP do Papa Paulo VI que aborda o desenvolvimento dos Povos, e encontra-se na segunda parte da Encíclica, que aborda o desenvolvimento solidário da humanidade e o dever de solidariedade (PP 48). O dever de solidariedade, como refere o texto, vai em oposição ao que se verifica no mundo atual, nomeadamente o individualismo e o egoísmo. O texto salienta que o homem não deve ficar com os bens para si, mas partilhar com os que mais precisam, para que todos tenham uma vida

verdadeiramente humana, contribuindo para o desenvolvimento solidário da humanidade, uma vez que somos todos irmãos.

O texto enquadra-se com a temática abordada. Destaca a necessidade de solidariedade entre os irmãos, a construção de uma boa relação entre os homens, combatendo o egoísmo, para que seja possível todos os seres humanos terem um nível de vida digno. O texto relaciona a Terra, o nosso lar, e o dever de solidariedade que deve existir. Contudo a sua colocação enquadrada com os cuidados a ter na preservação harmoniosa do Planeta força o texto a enquadrar-se com os cuidados ambientais.

Um outro texto proposto é a passagem bíblica Mt 7,11, um texto apresentado no manual e no programa (SNEC, 2014, 61; 2015, 100) para falar do amor universal de Deus e da comum filiação divina.

Na SE a passagem encontra-se na parte do Anúncio do Reino dos Céus, no Discurso: O Sermão da Montanha, e reporta-se à confiança na oração. Estes versículos referem-se à receção do Reino de Deus, em contraste aos requisitos de entrada estabelecidos pelos Fariseus, Jesus diz que o reino é de todos os que o pedem. A passagem evidencia uma característica da oração, a relação pedir-receber, assegurando aos discípulos que a oração será escutada, animando-os a apresentar os seus pedidos a Deus. (Brown, Fitzmyer e Murphy, 1972a, 196)

A passagem reflete que se os pais terrenos, apesar das falhas humanas e imperfeições, cuidam e dão aos filhos o que é bom, logo, são capazes de um amor paterno perfeito, quanto mais o Pai Celestial que é a perfeição. O Pai celestial está sempre disposto a dar as bênçãos do Reino a quem procura simplesmente a Deus. (Orchard, Sutcliffe, Fuller e Russel, 1956a, 409-410) Para a maior parte das pessoas, a oração significa petição, e essa é a classe da oração recomendada aqui. Mateus pretende apoiar a decisão do discípulo que opta por servir a Deus (Mt 6,24), vivendo em absoluta dependência dele (Mt 6,25-34). Esta atitude de confiança em Deus expressa-se na oração dirigida a ele, o Pai bom, que dá aos seus filhos coisas boas. Mateus quer dar esta mesma confiança à sua comunidade, recordando que a oração cristã expressa e faz possível um estilo de vida em absoluta dependência de Deus. (Oporto e García, 1995, 52-53)

A passagem centra-se na oração a Deus, que a escuta e dá, não sendo a mais adequada para abordar o amor universal de Deus com os alunos do 5º ano. Para compreender esse amor e o dar de Deus seria necessário explicar de uma forma

profunda o texto, pois só no dar é que se compreende o Amor de Deus, um amor que vai para além do Amor do Pai terreno.

Uma outra passagem bíblica proposta, pelo programa e pelo manual, para falar do amor universal de Deus e da comum filiação divina é Jo 13,14 (SNEC, 2014, 61; 2015, 100).

A referida passagem encontra-se na secção da Revelação de Jesus aos seus através do grande sinal, nomeadamente na Última Ceia de Jesus com os seus Discípulos e Discurso de Despedida, e aborda o lava-pés.

Em Jo 13, Jesus introduz os seus no domínio do encontro. O evangelista não descreve o lugar da última ceia e nem refere que se trata da ceia pascal, acentuando assim o distanciamento do evangelho frente ao judaísmo. Mas fala da festa judaica da Páscoa (Jo 12,1; 13,1) que será substituída pela Páscoa cristã. Esta simples constatação realça a importância do acontecimento. (Brown, Fitzmyer e Murphy, 1972b, 490-492; Farmer, Levoratti, McEvenue e Dungan, 1999, 1353-1354; Oporto et al., 1995, 311-312; Orchard et al., 1956a, 744-746)

O evangelista refere que Jesus, consciente da sua grandeza, levantou-se da mesa para fazer um ato servil a todos os seus apóstolos, incluindo Judas. Contando cuidadosamente todos os gestos do Salvador naquela cena, refletindo admiração. O gesto de Jesus enquadra-se nos ritos da ceia pascal judaica, o cerimonial de costume exigia lavar as mãos, Jesus põe-se a lavar os pés aos discípulos. O lava-pés era tarefa própria de um escravo, embora também realizada por esposas e filhos menores. A reação de Pedro serve para assinalar a incongruência aparente do que está a acontecer, a inversão de papéis de amo e escravo. Pedro demonstra que não compreende nada do que está acontecer, pois insiste com Jesus que não deveria rebaixar-se tanto. (Brown et al., 1972b, 490-492; Farmer et al., 1999, 1353-1354; Oporto et al., 1995, 311-312; Orchard et al., 1956a, 744-746)

Este gesto de Jesus tem dois significados, um simbólico, à maneira dos profetas, e outro de atitude a imitar. Jesus é quem purifica os seus (simboliza o Batismo) para poderem entrar em comunhão com Ele, partilhando dos seus bens messiânicos. A vida cristã consiste em seguir, imitar e praticar o exemplo de Cristo, o que fará a felicidade dos discípulos verdadeiros. Jesus dá uma lição de humildade (vv.12-17), num ato de amor, e orienta os seus discípulos para o imitarem realizando este humilde serviço, uma entrega ao outro. Os discípulos aprendem a prestar uns aos outros os serviços mais humildes. O lava-pés é um símbolo da paixão e um exemplo para os discípulos, os dois

estão implicados mutuamente (Jo 13,14). (Brown et al., 1972b, 490-492; Farmer et al., 1999, 1353-1354; Oporto et al., 1995, 311-312; Orchard et al., 1956a, 744-746)

A passagem bíblica destaca o ato servil que os cristãos devem imitar, não sendo um bom recurso para abordar o amor universal de Deus. Jesus dá o exemplo do serviço, focando não em quem recai mas em quem serve. Neste ato servil há uma inversão de papéis, entre o escravo e o amo, algo que Pedro não compreende. A passagem bíblica é muito simbólica e convida o leitor a imitar, a seguir o exemplo de servir o outro, tal como fez Jesus, demonstrando humildade. Pelo que falar do Amor Universal de Deus com esta passagem bíblica é desadequado, pois seria necessário uma análise profunda para refletir sobre o Amor de Deus, algo complexo para alunos. Mas é um bom recurso para dar o exemplo de comportamento a ser seguido por crentes e não crentes.

Outra passagem bíblica proposta pelo programa e pelo manual para falar do amor universal de Deus e da comum filiação divina é Mt 5,43-48 (SNEC, 2014, 61; 2015, 101).

Na SE, a passagem enquadra-se no Anúncio do Reino dos Céus, nomeadamente no Discurso: O Sermão da Montanha, abordando o Amor aos inimigos.

O preceito de amor ao próximo está prescrito no AT, já o preceito de odiar os inimigos não está como a antítese (Lv 19,18). Para os rabinos, o próximo era só o israelita, uma vez que estavam em luta contínua contra os estrangeiros pagãos, sendo uma ameaça à pureza da raça e da religião (Dt 23,6). Em tempos de ocupação, encontram-se mandamentos como Ex 34,12; Dt 7,2; 20,16; 23,3 que parecem ensinar o “ódio ao inimigo”. Este acrescento é na realidade uma interpretação posterior que não se deve entender literalmente pois em muitas línguas semíticas o verbo “odiar” pode significar “não amar”. Sem dúvida, que os judeus interpretaram o preceito levítico no sentido restrito e o aplicaram somente aos membros do povo eleito. (Orchard et al., 1956a, 363)

A interpretação de Jesus oferece um novo horizonte, pois a palavra não admite exceções (Lc 10,36). Jesus corrige com o amor cristão a mentalidade de aversão aos pecadores, a paixão individual e coletiva contra aqueles que não pertenciam à mesma comunidade de amigos, de que alguns textos pareciam fazer eco (Sir 12,4-7). O amor Universal é condição para o discípulo se tornar filho do Pai do Céu (v.48), amando os bons e os maus, justos e pecadores. A recompensa vem da bondade gratuita de Deus, o qual não exclui ninguém do seu amor (v.46-47). O ensinamento de Jesus não era completamente novo, no AT, passagens como Lv 19,34 ensinavam a amar os

estrangeiros, mas o que se ensinava frequentemente era amar os do grupo e odiar os de fora. Jesus não faz distinção entre os próximos e os inimigos, pois todos são recetores do amor de Deus. (Orchard et al., 1956a, 363)

Jesus, ao longo sermão, levou os ouvintes à ideia do Reino, onde todos acabam por formar parte da família universal de Deus, reconhecendo-o como Pai. Jesus recomenda a virtude de fazer o bem, para sermos imagem e semelhantes a Deus (Gn 1,27), para sermos seus filhos. A conclusão exorta os filhos a aspirar à perfeição da sua capacidade espiritual, refletindo o amor indiscriminado de Deus. A palavra “perfeito” traduz a palavra hebraica que significa “todo” ou “íntegro”, no contexto do amor de Deus é no sentido de completo, isto é, inclui os que amam a Deus e os seus inimigos. (Brown et al., 1972a, 190-191; Farmer et al., 1999, 1160)

Este ensinamento explica o alcance do amor cristão. Um amor que inclui amigos e inimigos, um amor sem fronteiras como expressão do Amor de Deus, que é para todos. Os discípulos devem amar assim e viver com o olhar em Deus, pois estão chamados a manifestar na sua vida a perfeição de Deus, cuja expressão mais acabada é o amor incondicional a todos. (Oporto e García, 1995, 48-49)

A passagem fala do amor ao próximo e não odiar o inimigo, isto é, amar também os inimigos. Este amor universal é importante para o discípulo, mas não fala do Amor Universal de Deus. O amor a todos, universal, é semelhante ao amor de Deus, que ama todos, pois é perfeito. Todos fazemos parte da família universal de Deus, que Ama todos. Para alunos do 5º ano falar de amar ao próximo e ao inimigo é de fácil compreensão, mas relacioná-lo com o Amor Universal de Deus, já exigiria uma reflexão mais profunda que seria mais complexa para os alunos entenderem, pelo que a passagem não é a mais adequada ao conteúdo proposto pelo SNEC.

O texto de apoio seguinte é “Filhos do mesmo Deus”, do Papa Bento XVI, apresentado no manual, mas não no programa, para abordar o amor universal de Deus e a comum filiação divina. (SNEC, 2014, 61; 2015, 101)

Neste texto, o Papa convidou os polícias romanos que vigiavam a fronteira com o Vaticano a ver em cada uma das pessoas, irmãos, filhos do mesmo Deus. O Papa falava no encontro de início de ano com os representantes da Inspeção Geral de Segurança Pública da Polícia Italiana, que se encarrega de ajudar os peregrinos e da segurança do Papa em algumas das saídas fora do Vaticano. (Agência Ecclesia, 2008)

O texto chama à atenção para o pedido do Papa de ver o outro como irmão, filho de Deus, mas não se enquadra com o Amor Universal de Deus. O texto reflete de uma

forma simples o olhar o próximo, o cuidado do próximo, o amor ao próximo, dado fazermos parte de uma grande família, sendo um bom exemplo noutra contexto da UL.

A passagem bíblica seguinte, At 2,42-47, é proposta pelo programa e pelo manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 102) como recurso para abordar a vida em comunidade dos primeiros cristãos.

Na SE, encontra-se na parte da Igreja de Jerusalém, sobre a primeira comunidade cristã, uma comunidade modelo. O crescimento da comunidade cristã é um dos temas da primeira parte dos atos e serve para descrever a vida da igreja de Jerusalém.

Estes versículos constituem o primeiro resumo da vida da comunidade de Jerusalém, existindo mais dois, At 4,32-35 e At 5,12-16. O que caracteriza o sumário é a sua função generalizadora de acordo com os acontecimentos ou situações singulares que se apresentam como normais, típicas ou permanentes. Estes resumos apresentam elementos comuns e afinidades de estrutura, mas cada um acentua uma ideia de acordo com o tema do contexto. Neste evidencia-se a unidade da comunidade. O acontecimento do Pentecostes adquire projeção eclesial com este resumo e cobre um carácter normativo ao descrever os rasgos característicos e essenciais da vida da Igreja nascente. Estes versículos revelam o poder que veio habitar na Igreja e apresenta os apóstolos ensinando a vida que tinham aprendido com Jesus. Procura-se o reino, de onde provem a simplicidade e a alegria, uma comunidade de bem, onde o efeito do desprendimento, é prova especial do amor mútuo e da unidade, atraindo os que não creem. (Brown et al., 1972a, 448-449; Oporto e García, 1995, 352-353)

Este resumo é a descrição de uma “vida” e não um enunciado de princípios teológicos abstratos. A “vida” eclesial é feita da presença e alento do Espírito Santo que, com a sua vinda, manifesta um “culto” no Espírito, uma “unidade” no Espírito, um “crescimento” em e no Espírito. Não é nem quer ser uma história da comunidade de Jerusalém, embora possa ter certas bases históricas. Trata-se, sobretudo, de uma descrição que pretende servir de modelo à igreja e igrejas de todos os tempos. (Brown et al., 1972a, 448-449; Oporto e García, 1995, 352-353)

Os primeiros cristãos viviam unidos e desejavam sentir a sua presença em quem os rodeava. De notar que o ensino dos Apóstolos, a união fraterna, comunhão fraterna, a partilha dos bens, a unanimidade, a fração do pão, as orações e atividade miraculosa dos apóstolos eram elementos que resumem os rasgos principais da vida da comunidade primitiva, da Igreja nascente. O espaço dessa realização comunitária era o culto, do qual faziam parte a fração do pão, a Eucaristia, e as orações, quanto ao conteúdo, estas

deviam ser cristãs embora os crentes continuassem a frequentar o templo. Os sinais e milagres que os apóstolos faziam eram a prova visível de que o Espírito Santo trabalhava neles. Eram o testemunho divino que suportava o testemunho que davam na sua pregação. A comunidade de Jerusalém tornou-se um exemplo para todos os crentes e para todas as igrejas. (Brown et al., 1972a, 448-449)

Lucas (vv.44-45) insiste mais que os outros evangelistas no ensinamento de Jesus sobre a pobreza voluntária. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Ao viver juntos, os primeiros cristãos praticavam uma absoluta comunhão de bens, pois individualmente não tinham nada próprio. Os discípulos punham em prática as instruções de Jesus de desprender das posses para dar aos pobres (Lc 12,33-34). A vida em unidade é o ideal da comunhão apostólica. (Brown et al., 1972a, 448-449; Oporto e García, 1995, 352-353)

A comunhão de bens é onde mais se nota a visão idealizada da comunidade, mas passagens como a de Barnabé (At 4,36), de Ananias e Safira (At 5,1-11) e de murmúrios sobre desigualdades materiais (At 6,1), mostram que havia problemas com a comunidade primitiva. Pelo que esta descrição é algo a que a toda a comunidade cristã deve aspirar confiando na força de Espírito, o caráter de resumo destes versículos procura evidenciar os aspetos ideais da vida da comunidade primitiva. (Brown et al., 1972a, 448-449; Oporto e García, 1995, 352-353)

A instrução dos apóstolos, a união, os bens comuns, a coleta para os pobres, a celebração da Eucaristia, as orações em comum: tudo isso ia construindo a vida interna da Igreja Nascente. Todos se entregam ao Espírito. Este foi na Igreja durante séculos o modelo da vida religiosa. (Orchard, Sutcliffe, Fuller e Russel, 1956b, 24) Este estilo de vida era a continuação da que levavam os apóstolos com Jesus. Formavam um grupo unido em torno dele, indo juntos a todas as partes e alojavam-se juntos onde podiam (Lc 9,57-58). Tinham deixado tudo o que possuíam para seguir Jesus (Lc 18,28), embora conservassem algo para as necessidades materiais (Lc 8,1-3). Quando Jesus os deixou para ir para o Pai, os discípulos levaram o mesmo estilo de vida em Jerusalém. Viviam juntos, tinham uma bolsa comum e davam esmolas da venda. (Brown et al., 1972a, 448-449; Farmer et al., 1999, 1379-1380; Oporto e García, 1995, 352-353)

Esta situação era comum entre os primeiros discípulos, mas os recém-chegados eram livres de unir-se a eles ou de levar uma vida mais normal. Em qualquer caso, nem no tempo de Jesus todos compartilhavam com os discípulos a vida errante, como sabemos pelo relato de Marta e Maria (Lc 10,38-42). O crescimento da comunidade

teria tornado impossível que todos vivessem no mesmo lugar. (Brown et al., 1972a, 448-449; Farmer et al., 1999, 1379-1380; Oporto e García, 1995, 352-353)

A passagem bíblica refere-se a um resumo, a um modelo de comunidade, vivido e proposto pelos primeiros cristãos para viver dessa forma e não a um relato histórico. Mas nem sempre essa vivência corria bem, como nos episódios de Ananias e Safira. O texto força a intenção de demonstrar que tudo corria bem e que a vida da comunidade de Jerusalém era um exemplo. O texto convida a viver do modo como é relatado no resumo e já vivido por muitos. Ao ser usado nas aulas é necessário ter em atenção este sentido.

O texto AT 5,12-16 é proposto pelo programa e sugerido no manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 102) para falar da vida em comunidade dos primeiros cristãos.

Na SE a passagem bíblica faz parte da secção Igreja de Jerusalém e aborda os milagres dos Apóstolos. A passagem refere-se ao terceiro sumário e último quadro da vida da primeira comunidade cristã, cujo tema é a atividade taumatúrgica dos Apóstolos, fazendo eco da oração de At 4,30 e um desenvolvimento de At 4,33. Tendo como ponto de partida o acontecimento de Ananias e Safira, donde vem o temor. (Brown et al., 1972a, 460)

Descreve com certo detalhe os sinais e prodígios realizados pelos apóstolos e as reações da gente. Tal como nosso Senhor havia prometido, Jo 14,12, os milagres vieram como resposta da Oração. A referência aos restantes (v.13) é dos cidadãos de certa posição que se mantinham afastados por medo do Sinédrio, em contraste com o povo. Já enfermos ricos e pobres eram expostos. A igreja tinha-se empenhado em expandir-se na Judeia, mas do mesmo modo que a ação de Jesus causou discórdia, também a ação dos apóstolos provocou oposição. (Orchard et al., 1956b, 28)

O pórtico de Salomão representa o “templo” como ponto de reunião em At 2,46. A ação e palavra, perseguição, esperança e avanço são os motivos que aqui reaparecem, mas não como algo privativo de umas personagens especiais como Pedro e João, não se precisando quem são. Certamente Pedro seria um protagonista particular, mas a menção plural orienta para outras pessoas. (Farmer et al., 1999, 1384)

Lucas descreve um quadro perfeito, mas até que ponto é que seria assim, em atos há esse contraste em At 4,36-37 e At 5,1-11 em função do quadro utópico de At 4,32-35. Estes versículos acentuam o tom otimista e os efeitos benéficos da ação apostólica, sendo semelhante aos relatos das curas dos evangelhos. O que indica que se trata de um resumo teológico e não histórico e que há uma continuidade entre Jesus e a sua

comunidade, não só factual mas salvífica. A atividade salvadora de Jesus está agora na sua Igreja (Lc 4,14-15; 6,17-19). (Farmer et al., 1999, 1384)

Neste relato a sombra de Pedro cura, o que não tinha sido dito de Jesus. Isto não significa que Pedro seja portador de mais salvação que Jesus, mas uma vez colocados na esfera salvífica, tudo é possível para o seguidor de Jesus que tem a força do Senhor. Nesta passagem a força salvadora de Deus aparece como força divina que vincula os discípulos com o Senhor ressuscitado. O Espírito está presente na realidade da salvação de Deus. A passagem é um núcleo de tradição sobre a comunidade, um sumário, que se generalizou (v.12.16). (Brown et al., 1972a, 460; Oporto e Garcia, 1995, 353-354)

A passagem é um sumário, um resumo da vida da primeira comunidade, mas com referência à atividade taumatúrgica e a um modelo de vida, realçando os milagres e os sinais como resposta das orações, demonstrando cumprimento. É um resumo teológico e não um relato histórico, não se enquadrando com o tema do modelo de vida das primeiras comunidades cristãs, pois faz referência a muitos fiéis, pelo que seria melhor contextualizar a passagem aos alunos referindo que numa fase mais avançada da comunidade cristã se verificava estes acontecimentos. A passagem é muito teológica para ser explorada na aula, mas serve para abordar subtilmente as atividades realizadas na época.

O texto “Pai-Nosso da Humanidade” é um texto adaptado de Pai-Nosso Missionário, proposto apenas pelo manual, e de uma forma solta, para abordar a vida em comunidade dos primeiros cristãos. (SNEC, 2014, 61; 2015, 103) O Pai-Nosso Missionário é uma adaptação do Pai-Nosso contido na Bíblia, nomeadamente em Mateus e Lucas.

Na SE o texto encontra-se em Mt 6,9-13, na parte do Anúncio do Reino dos Céus, no Discurso: O Sermão da Montanha. Sendo também apresentado em Lc 11,2-4, na parte da Subida a Jerusalém. Em Mateus, a oração do Pai-Nosso aparece em contraste não com a oração judia, mas sim com a pagã. Em Lucas, o Pai-Nosso aparece como resposta a uma pergunta dos discípulos como devem orar. As formulações no plural realçam o carácter comunitário da oração. (Brown et al., 1972a, 191-192)

As duas versões são diferentes, mas as duas adaptam a oração ensinada por Jesus à comunidade. Tem pontos comuns com as orações judaicas, mas elementos originais como a simplicidade, a confiança em Deus Pai. O Pai Nosso de Mateus é mais longo que o de Lucas. A expressão do Pai Nosso considera os seguidores do nosso Senhor em conjunto como filhos de uma mesma família. Tudo indica que a forma de Mateus é mais

primitiva, uma vez que Lucas tinha o costume de abreviar. (Orchard et al., 1956a, 364-366.611)

Um texto solto, sem explicar a vida dos primeiros cristãos, relaciona a oração do Pai Nosso com a vida de todos os seres humanos, uma grande comunidade que habita a terra, e com uma vertente catequética, não sendo adequado para o ambiente escolar.

O texto “Para Anne F.” é proposto apenas pelo manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 106) para abordar as fragilidades e ameaças à fraternidade e a crueldade das guerras.

Um texto que faz parte da obra de Theo Olthuis. Um autor que é professor de teatro, escritor de canções, de poemas e de letras para crianças e adultos, também escreve para o teatro e televisão e fez várias compilações. (Theo Olthuis, 2017; Wikipédia, 2015)

Anne Frank é uma menina judia que, durante a Segunda Guerra Mundial, se escondeu para escapar aos militares nazis. Após a sua morte, torna-se famosa no mundo inteiro devido ao diário que escreveu enquanto estava escondida, no qual se correspondia com uma amiga imaginária, Kitty. No diário relatou acontecimentos e experiências que viveu enquanto estava escondida num quarto oculto, durante a ocupação alemã nos Países Baixos, ao longo da Guerra. O diário foi um grande apoio para Anne Frank. A sua família tinha decidido esconder-se nesse quarto secreto de um edifício comercial e dividia-o com mais quatro pessoas. Perto do fim da guerra, o grupo foi traído e transportado para campos de concentração. Anne e sua irmã, Margot Frank, foram para Bergen-Belsen, onde morreram em fevereiro de 1945. Após a guerra, o pai de Anne, Otto Frank, único sobrevivente da família, regressou a Amesterdão e descobriu que o diário da filha, que tinha sido salvo por Miep Gies, a pessoa que os tinha ajudado a esconder no edifício. O pai de Anne Frank publicou o diário, e desde então, é dos livros mais traduzidos do mundo. (Anne Frank, 2017; Biography, 2017)

O texto enquadra-se ao tema pois demonstra as ameaças à fraternidade. Sendo um texto real, os alunos projetam-se nessa realidade, supondo que o mesmo poderia ter acontecido com eles e como iriam viver essa experiência. Um bom exemplo para contextualizar os problemas que as guerras provocam na vida de cada um e da humanidade, fragilizando a vivência e a construção da fraternidade. Possibilitando a reflexão sobre o que cada um pode fazer para a construção de um mundo melhor.

O excerto de GS 79 apenas é proposto pelo manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 106) para abordar as fragilidades e ameaças à fraternidade e a crueldade das guerras. A GS

resulta do CVII onde se procurou reformular a fé católica tendo por base o mundo moderno. A GS trata das relações entre a Igreja Católica e o mundo onde está e atua.

O excerto apresentado encontra-se na segunda parte da constituição que trata de alguns problemas mais urgentes, abordando o tema da promoção da Paz e a Comunidade Internacional (77-93), referindo-se como evitar a guerra (79-82) e a construção da Comunidade Internacional (83-93).

O texto refere que apesar dos prejuízos da guerra, o ser humano continua as guerras, provocando desta forma uma desumanidade.

Este excerto enquadra-se na temática, pois demonstra as ameaças à fraternidade que a guerra provoca, a crueldade das guerras e o que provoca na relação entre os homens, evitando desta forma, a construção de um mundo melhor e levando mesmo a atos desumanos.

O poema “O Bom” de Theo Olthius apenas é proposto pelo manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 106) para falar sobre as ameaças e fragilidades à fraternidade e da crueldade das guerras.

O poema é um bom exemplo para demonstrar as consequências das guerras e como elas fragilizam e ameaçam a fraternidade.

Um outro texto, apenas proposto pelo manual, para abordar as fragilidades e ameaças à fraternidade e a crueldade das guerras é sobre as declarações do Alto Comissário da ONU para os Refugiados, António Guterres. (SNEC, 2014, 61; 2015, 107)

A ONU engloba o ACNUR, a Agência para Refugiados, que tem como objetivo dirigir e coordenar a ação internacional para ajudar e proteger as pessoas deslocadas em todo o mundo e encontrar soluções duradouras para todas. Esta Agência é, por vezes, a última esperança para uma vida normal, por parte daqueles que fugiram das suas casas devido às guerras e perseguições. (ACNUR, 2016)

O documento refere os custos e os danos que as guerras provocam, convidando a encontrar soluções de forma a acabar com as guerras e os conflitos que existem nos mais diversos lugares.

O texto enquadra-se na temática demonstrando como a guerra nos vários lugares é cruel. Convidando a uma mudança de comportamento perante as guerras de forma a evitar o sofrimento dos refugiados. Problemática que no presente os alunos conhecem bem, pois é um assunto abordado nos meios de comunicação social.

A passagem bíblica Sir 28,1-7 é proposta pelo programa e pelo manual. (SNEC, 2104, 61; 2015, 109) para falar sobre a mensagem cristã sobre o perdão.

O texto enquadra-se na secção da Natureza e benefícios da sabedoria, abordando a vingança. Ben Sira abandona o autocastigo e aborda a retribuição divina, o que representa um avanço definitivo sobre a lei da Talião. A menção ao pecador (Sir 27,30) introduz-nos numa atmosfera teológica. O rancor geralmente desemboca na vingança, atitude detestável punida pelo Senhor, pelo que, o rancoroso se expõe à vingança do Senhor. A atitude correta frente às queixas constantes consiste em esquecer, perdoar e orar (Sir 8,5). Somente assim evitaremos o castigo divino. (Brown, Fitzmyer e Murphy, 1971, 547-548; Nova Bíblia dos Capuchinhos, 1998, 1090-1093.1128)

A passagem refere-se à atitude de sabedoria de não cultivar o espírito de ira, de vingança e de ódio, uma vez que provoca novos males e novas injustiças. O reconhecimento de que todos precisam da misericórdia de Deus deve fazer com que todos sejam bondosos e estejam dispostos a perdoar. Dizer não à vingança é reconhecer os limites perante a sabedoria universal do Senhor. Os que usam a vingança para com os outros terão de enfrentar a justiça de Deus. (Brown et al., 1971, 547-548; Nova Bíblia dos Capuchinhos, 1998, 1090-1093.1128)

Dois dos atributos básicos de Deus são a justiça e a misericórdia. Os que vão atrás da misericórdia de Deus devem estar dispostos a ser misericordiosos com os outros (28,2-5). Somente quem é misericordioso pode esperar a misericórdia de Deus, caso contrário deverá estar preparado para a justiça de Deus. (Farmer et al., 1999, 858; Oporto e García, 1997, 773-774)

O sábio convida a recordar a morte e os mandamentos da Aliança de Deus (At 28,6-7), como motivação para o perdão. A menção da morte confirma a ideia do autor de que Deus colocará todas as coisas em ordem antes do momento crucial (Sir 7,36; 8,7; 9,12; 11,26-28; 14,12; 18,24-25). Desta forma, é fácil descobrir que o chamamento ao perdão das ofensas não constitui uma particularidade cristã, pois já no judaísmo se verificava. (Farmer et al., 1999, 858; Oporto e García, 1997, 773-774)

Esta passagem bíblica não se adequa aos alunos pois o objetivo é falar do perdão cristão. Relacioná-lo com tema da vingança como oposição é uma boa estratégia, mas o conteúdo da passagem bíblica para os alunos do 5º ano é complexa. Abordar apenas Sir 28, 2 bastaria para salientar o perdão na relação com o outro, sendo necessário explorar com os alunos os efeitos de não perdoar e o espírito de vingança, mas seria necessário explorá-lo com o objetivo de falar do perdão cristão.

A passagem bíblica Lc 6,36-38 é proposta pelo programa de EMRC e dada como sugestão no manual para falar da mensagem cristã sobre o perdão. (SNEC, 2014, 61; 2015, 109)

A referida passagem está na secção do Ministério na Galileia, abordando a Misericórdia e gratuidade, mais concretamente o facto de não Julgar os Outros.

Lucas usa o termo misericordiosos em vez de perfeitos como Mateus, o que é uma característica. As palavras são dirigidas aos discípulos, que devem exercitar a autocrítica tendo como exemplo a inspiração de Jesus. Destacando a centralidade do Perdão de Deus que nos leva a perdoar a todos, Jesus refere a consequência lógica: se o amor de Deus habita em nós, nós seremos benévolos nos nossos juízos para com o próximo. (Brown et al., 1972a, 348-349; Orchard et al., 1956a, 596)

Por vezes interpretou-se erradamente esta passagem para sustentar que os cristãos não deveriam julgar em absoluto o outro. Mas não é correto, a palavra grega deste texto é “katadikazo”, um termo que significa condenar ou denunciar alguém. Jesus não proíbe apreciar as coisas com objetividade, mas em condenar os outros usurpando assim a autoridade exclusiva de Deus como Juiz (Sl 50,6). O que Jesus quis dizer foi para sermos mais tolerante nos juízos, pois somos todos humanos. Jesus pretendeu que esses dizeres fossem exemplos, recordações delicadas mais do que duras exigências. De facto, Cristo convida a emitir um juízo sobre o mundo em que se vive (Mt 10,16). Os cristãos têm que estar com atenção ao que acontece no mundo, sem limitar-se unicamente aos assuntos “religiosos”. A Igreja tem que emitir juízos em casos de má conduta dentro e fora dela (cf. 1 Cor 6,1-11; Mt 18,15-20). (Farmer et al., 1999, 1264)

No AT, a misericórdia atribuía-se a Deus, raramente aos homens, embora a perfeição seja um objetivo que deve ser alcançado pelo homem. No AT o amor e o perdão ao inimigo aparecem apenas para os do mesmo povo e com mesma religião. Aparecendo o ódio ao inimigo como algo natural (Sl 35). Mas Jesus altera este pensamento, pois junta o preceito do amor aos inimigos com o amor ao próximo, tomando o comportamento misericordioso de Deus (Lc 6,35-36) para recriar uma humanidade nova. Nenhuma atitude humana deve ter em conta uma segunda intenção, pois deve esperar apenas a recompensa de Deus. Fazendo o bem aos seus inimigos imita a vontade de Deus. (Farmer et al., 1999, 1264; Oporto e García, 1995, 207-208)

O amor do discípulo de Jesus, entendido com uma ação e tarefa, deve alcançar, além dos inimigos, os que nos odeiam, os que nos ferem e os que nos roubam. O amor aos inimigos e o perdão são pressupostos para se conseguir o perdão do Pai que está no

Céu, como expressa a petição do Pai Nosso (Mt 6,12). O perdão converteu-se num dos rasgos mais distintivos dos crentes, de que se encontra no tempo da salvação e já assumido no comportamento de Jesus, que na cruz pede perdão para os seus inimigos (Lc 23, 34). A misericórdia do homem para com os seus irmãos encontrará resposta na misericórdia de Deus. (Oporto e García, 1995, 207-208)

A passagem bíblica é um bom exemplo para abordar o perdão, pois a forma direta de falar do perdão facilita a compreensão da mensagem cristã. A passagem refere para não se julgar ou condenar e sugere que cada um seja mais tolerante com os outros. Contudo o cristão deve fazer juízos sobre o mundo em que vive de forma a alterar e ajudar a mudar determinadas atitudes e comportamentos que existem, para se construir um mundo melhor, um mundo mais fraterno. A passagem termina com o convite a fazer o bem ao próximo.

A passagem bíblica Mt 18,21-22 é proposta apenas pelo manual. (SNEC, 2014, 61; 2015, 110) para falar sobre a mensagem cristã sobre o perdão.

Na SE encontra-se na parte do Anúncio do Reino dos Céus, nomeadamente no Discurso Eclesial, abordando o Perdão na Comunidade.

Esta sentença é um desenvolvimento introduzido por Mateus sobre outra que aparece em Lc 17,4. A preocupação pelo pecado do outro estava motivada por um desejo de eliminar todo o obstáculo da pessoa e da comunidade, que ameaçam romper com a harmonia. Não há lugar para a vingança pessoal, porque cada um vive sempre no amor misericordioso do Pai (Is 40,2; 43,25) e por isso deve refletir esse amor nos outros. (Brown et al., 1972a, 246-247; Oporto e García, 1995, 87-88)

A passagem começa com o ensinamento sobre a reconciliação dos irmãos que erram, mas não aborda as faltas repetidas. Pedro tenta clarificar alguns aspetos e introduz uma nota pessoal, o “me ofender” que até então não se havia referido. Pedro toma a palavra como porta-voz dos discípulos e torna-se um destinatário de um ensinamento particular de Jesus. A sua pergunta refere-se aos limites do perdão. À oferta de Pedro de perdoar “sete vezes” responde Jesus e contrasta com o castigo de sete vezes maior em Caim (Gn 4,15, Lv 26,21). Sete vezes, para os semitas, é um número redondo, indefinido, mas não específico, tem que haver um momento em que o perdão é perfeito, e o dever de perdoar cessa assim a ofensa continua. Pedro faz um cálculo generoso, mas não é o suficiente para ter o espírito do Reino. (Farmer et al., 1999, 1189-1190; Oporto e García, 1995, 87-88)

A resposta de Jesus de perdoar “setenta vezes sete” assemelha-se à vingança de Lamec (Gn 4,24). Sete e os seus múltiplos são símbolo de plenitude. Jesus multiplica várias vezes o número sagrado a fim de dar a impressão de um perdão sem limites. No Reino, o perdão ilimitado há de ocupar o lugar da vingança. Jesus responde que o perdão tem de ser ilimitado, e para mostrar o seu ensinamento propõe uma parábola. (Orchard et al., 1956a, 424-425; Brown et al., 1972a, 246-247)

A passagem bíblica adequa-se ao objetivo de abordar a perspetiva cristã sobre o perdão. Estes versículos mostram que não há lugar para a vingança, desde o início projetam para uma reconciliação e termina salientando que devemos perdoar sempre, isto é, que o perdão é sem limites.

O texto “O Homem que Não sabia perdoar” está conforme Mt18,21-35, um texto apenas proposto pelo manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 110-112) para falar sobre a mensagem cristã sobre o perdão.

Na SE a passagem bíblica está na secção do Anúncio do Reino dos Céus, na parte do Discurso Eclesial e do Perdão na Comunidade, sendo reconhecida como A Parábola do devedor implacável.

A parábola é um drama em três cenas: misericórdia (v.23-27), crueldade (v.28-30), justiça (31-34) e epílogo (v.35), onde o pecado é comparado metaforicamente a uma dívida. A noção de perdão é fundamental e representa-se o reino mediante os termos da misericórdia e justiça. O objetivo é aplicar à parábola a ideia da nossa dívida com Deus. (Brown et al., 1972a, 246-247; Oporto e García, 1995, 87-88; Orchard et al., 1956, 424-425)

Aos funcionários do Rei chegou o momento de ajustar contas com ele. De início foi levado à presença do Rei um que devia dez mil talentos. A dívida era muito grande mesmo para um funcionário que ocupava um bom posto. O servo não tinha possibilidade de a pagar, apesar da sua promessa de o fazer. O rei ordena que o homem e sua família sejam vendidos como escravos para pagar uma parte da dívida, algo comum no Antigo Próximo Oriente, mas esse procedimento era utilizado como castigo e não como meio de pagamento de dívidas. Mas perante o seu gesto de humildade e submissão o rei, embora conheça os absurdos das promessas do homem, compadece-se, e com um gesto próprio de um monarca, perdoa toda a dívida. O aspeto mais importante desta primeira cena é o valor da dívida. (Brown et al., 1972a, 246-247; Oporto e García, 1995, 87-88; Orchard et al., 1956, 424-425)

O devedor perdoado encontra um companheiro, não um súbdito, que lhe deve uma quantia pequena, aborda-o com violência, sem dar tempo para falar, maltrata-o, quando na realidade a atitude e as palavras do seu companheiro deveriam fazer recordar a entrevista com o misericordioso Rei. Finalmente lança o seu devedor na prisão para o forçar a procurar o dinheiro de algum modo. A parábola mostra o contraste entre as duas cenas, repetindo o esquema narrativo com a mesma súplica, para que os ouvintes se fixem na desproporção que há entre a primeira e a segunda, e na atitude que o servo a quem se havia perdoado a dívida tem. (Brown et al., 1972a, 246-247; Oporto e García, 1995, 87-88; Orchard et al., 1956, 424-425)

O contraste entre a conduta do rei e a do servo põe em evidência a terceira cena. A misericórdia do Rei não se reflete na atitude do servo a respeito do seu companheiro e o facto leva a que a misericórdia do Rei seja revogada. Narra-se ao Rei o sucedido e este descarrega sobre ele a rigorosa justiça que o cruel servidor havia exigido. O servo é entregue aos torturadores que talvez o forcem a declarar algumas reservas escondidas ou até que pague essa dívida impossível de pagar. Nos ouvidos dos que escutavam a parábola queria-se ressoar a pergunta que resume o ensinamento da parábola: “Não devias ter perdoado o teu companheiro como eu te perdoei a ti?” (Brown et al., 1972a, 246-247; Oporto e García, 1995, 87-88; Orchard et al., 1956, 424-425)

No epílogo, identifica-se o Pai com o Rei, cuja característica é a misericórdia sem limites. A parábola supõe que os seres humanos são os “servos” que vivem uma relação análoga com Deus e que têm uma dívida incalculável com o Pai. Mas o Pai exige duas condições: que peçamos perdão e que façamos o mesmo. A primeira está implícita na parábola, a segunda está explícita. A parábola é o desenvolvimento gráfico da oração “perdoa-nos... assim como nós perdoamos” (Mt 6,12). O perdão deve ser profundo, absoluto e há de vir do nosso coração. Não perdoar é situar-se fora do reino e fora da esfera do amor misericordioso de Deus. Mas trata-se de um perdão condicionado, pois se os discípulos não forem capazes de perdoar os seus irmãos, a oferta inicial será revogada (Mt 6,14). Quem tenha experimentado a misericórdia do Pai, não pode andar a calcular as fronteiras do perdão e do acolhimento do irmão. Reforça a obrigação de perdoar apelando a outro motivo: o perdão que os homens se concedem entre si como condição do perdão do homem por Deus (Mt 6,15). (Brown et al., 1972a, 246-247; Oporto e García, 1995, 87-88; Orchard et al., 1956, 424-425)

Esta parábola aponta para que viver o Reino significa experimentar o perdão de Deus, e que quem pertence ao reino reflete essa misericórdia nas suas relações com os

outros. A ideia é que a soberania de Deus exige que a misericórdia divina seja a medida do perdão nas relações com os outros. O modelo é o perdão que Deus concede, que não tem limites, pelo que o perdão concedido pelo homem também não deve ter. Se o homem não perdoa, não pode esperar ser perdoado, se não renuncia às suas próprias exigências, não poderá pedir a Deus que diminua as suas com ele. (Farmer et al., 1999, 1189-1190; Brown et al., 1972a, 246-247)

Um texto adequado para falar sobre a perspectiva cristã do perdão. A forma como é apresentado no manual, permite fazer uma leitura em que os alunos assumem o lugar das personagens, levando a que a compreensão seja mais acessível. Sendo compreensível a postura errada que o devedor perdoado teve. Entendendo que se deve perdoar o outro, assim como nós fomos perdoados, que devemos aplicar misericórdia na relação com os outros, uma misericórdia sem limites, um perdão sem limites.

A passagem bíblica Mt 7,12 apenas é proposta pelo manual para abordar a construção de um mundo fraterno, sendo apresentada como uma regra de ouro. (SNEC, 2014, 61; 2015, 115)

Na SE, a passagem está na secção do Anúncio do Reino dos Céus, nomeadamente no Sermão da Montanha, sendo abordada como “Regra de Ouro”.

Este versículo sintetiza a mensagem total das antigas escrituras e que Jesus vinha a cumprir em relação ao próximo (caridade prática, perdão, benignidade nos juízos...), a norma mais útil de conduta é que a nossa ação seja semelhante ao que quisermos receber (apesar de não termos recebido) deles. Constituindo uma regra de ouro do comportamento cristão. Mateus inclui este amor ao próximo, no amor de Deus, que é a sua verdadeira causa (Mt 22,34-40). (Orchard et al., 1956a, 369) O versículo resume o que Jesus disse acerca de viver em relação com o outro, como povo de Deus. Ditos semelhantes já se tinham encontrado em forma negativa tanto no judaísmo, em Tb 4,15, como noutras literaturas antigas, nomeadamente a frase atribuída a Hillel, “Não faça aos outros o que lhes é odioso. Essa é a lei. O resto são comentários”. (Brown et al., 1972a, 196-197) Ao expressá-lo na forma positiva, Jesus transformou um dito sapiencial num ato de amor. (Farmer et al., 1999, 1164) A “Regra de Ouro” é corrigida por Jesus, uma vez que o discípulo deve tomar a iniciativa de fazer o bem, sem ter em conta que será retribuído por isso, e esse espírito de fazer é como uma síntese do pensamento bíblico da Lei e dos Profetas (Mt 5,17). (Nova Bíblia dos Capuchinhos, 1998, 1575)

A referência aos ensinamentos da lei e dos profetas estabelece uma clara inclusão com Mt 5,17, fechando assim a parte central do sermão, em que o evangelista oferece à

sua comunidade os ensinamentos de Jesus que levam à plenitude os ensinamentos contidos no AT. (Oporto e García, 1995, 52-53)

Uma passagem adequada para orientar no sentido do bem comum e o cuidado do outro. Um versículo que é uma norma útil, uma regra de ouro, sugerindo que a conduta de cada um seja aquela que pretenda que os outros tenham consigo. Esta regra indica que cada um tenha a iniciativa de fazer o bem ao próximo, sem pensar na retribuição, com vista à construção de um mundo mais fraterno.

A passagem bíblica Lc 6,31 é proposta pelo programa e apresentada no manual como sugestão (SNEC, 2014, 61; 2015, 115) para falar da construção de um mundo mais fraterno, surgindo como uma regra de ouro.

Na SE o versículo encontra-se na parte do Ministério na Galileia, sobre o Amor aos inimigos, surgindo como “Regra de Ouro”. Se para Mateus, a “Regra de Ouro” é a síntese da Lei e dos Profetas, o resumo da revelação do AT, para Lucas, a Lei e os Profetas são as profecias de Jesus (Lc 24,27.44). (Nova Bíblia dos Capuchinhos, 1998, 1680)

A afirmação de Lucas geralmente chamada de “Regra de Ouro” da caridade cristã. Indica que o amor não se limita a excluir o mal, mas implica um compromisso operativo para fazer o bem ao próximo. (Orchard et al., 1956a, 595-596) O que procura sempre é o bem do outro e não a estrita reciprocidade como aparece nos versículos seguintes (Lc 6,32-34). Esta interpretação transforma radicalmente um princípio comum, de que era falado quer no AT (Lv 19,18; Tb 4,15), quer por autores tão longe culturalmente de Jesus como Confúcio ou Filón. Jesus dá aos seus seguidores o supremo exemplo da sua observância, esperando deles a mesma caridade. (Oporto e García, 1995, 207-208; Brown et al., 1972a, 348-349)

Um versículo adequado para abordar a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro, pois convida a fazer o bem ao próximo e não se limita a excluir o mal.

O texto que o manual propõe a seguir faz parte da Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões em 2014. Um texto apenas proposto no manual para falar de ser missionário (SNEC, 2014, 61; 2015, 122).

O excerto da mensagem do Papa refere que existem pessoas que não conhecem Jesus Cristo, pelo que continua a ser necessário sair nessa missão. A 1 de outubro de 2015, no Vaticano, o Papa Francisco explicou que o missionário “é o servidor de Deus que fala, que deseja falar aos homens e mulheres de hoje, como Jesus falava às pessoas

de seu tempo e conquistava o coração das pessoas que iam ouvi-lo e ficavam admiradas com os seus ensinamentos”. Ser missionário é ser enviado, é levar uma mensagem importante, neste caso levar a conhecer Jesus Cristo. (Papa Francisco, 2014a)

A mensagem enquadra-se com o conteúdo de Ser missionário, um conteúdo que promove a construção da fraternidade, dando a conhecer Jesus. É uma ação importante ao longo da história do homem, ajudando na construção de um mundo melhor.

O texto “Para Ti, Homem com outros Horizontes!...” é proposto só pelo manual para abordar o tema de ser missionário. (SNEC, 2014, 61; 2015, 123)

O texto trata do pedido de um bispo africano aos missionários, contido na revista “O Amigo dos Leprosos”, convidando a que estes acompanhem quem precisa a viver e chegar a Deus. (APARF, 2017b)

A revista pertence à APARF. A associação tem como objetivos dar assistência moral, sanitária e material com base nos princípios da solidariedade e da fraternidade humanas; promover ações de luta contra a doença de Hansen e outras causas de marginalização social. Para atingir os seus objetivos, a associação apoia projetos para o tratamento da doença, acompanha e assiste famílias e pessoas vítimas de exclusão social, tentando restituir a saúde, a dignidade e a alegria de viver. (APARF, 2017a)

Um texto que se enquadra no conteúdo de Ser missionário, mas que força a relação com a fraternidade em ambiente escolar, pelo que não é adequado.

Um outro texto sugerido é uma adaptação de um conto chinês, um texto apenas proposto pelo manual (SNEC, 2014, 61; 2015, 124).

O conto refere a relação vivida dentro de dois grupos de pessoas. Cada um deles age de forma diferente, num não existe relação entre as pessoas, provocando a morte, no outro, existe relação entre as pessoas, provocando felicidade e boa saúde.

O conto adequa-se ao objetivo do compromisso para a construção de um mundo mais fraterno. O texto mostra que a existência de uma boa relação entre as pessoas é benéfica para cada uma das delas, pois consegue-se alimentar. A boa relação permite a construção de um mundo melhor e mais fraterno, pois cuidando e ajudando o outro está-se a promover o bem comum. Um texto de fácil compreensão, contudo nas aulas foi explorado o vídeo “Partilhar e Dar de Comer” que apresenta a mesma história.

O texto “Amaremos” é proposto apenas pelo manual como uma atividade (SNEC, 2014, 61; 2015, 125).

O texto é uma adaptação de uma Oração do Papa Paulo VI, citado em várias publicações, que fala sobre o amor, a atenção e disponibilidade de acolhimento ao próximo.

O texto adequa-se como atividade de final de UL. Uma atividade que procura sintetizar o amor, a atenção e o acolhimento ao próximo de forma a construir um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.

Na lecionação da quarta aula da UL (aula n.º 27) recorri a outras passagens bíblicas não indicadas pelo programa e não incluídos no manual. Com exceção de duas, as passagens não foram lidas, mas estiveram na base de exploração de algumas imagens para que os alunos fizessem o caminho, a descoberta e a aprendizagem desejada, nomeadamente para conhecer o fundamento da fraternidade para os cristãos e reconhecer o modelo e a forma de viver da comunidade cristã de Jerusalém. (Anexo 2.3.1.4)

Com a exploração das imagens e da leitura e interpretação de Mt 5,43-45 e de At 2,42-47 pretendia-se levar à compreensão de que Jesus se relacionava com todos com base no amor e humildade, sendo o exemplo a seguir pelos cristãos, e à compreensão da forma de viver da primeira comunidade cristã, sendo um exemplo e um modelo ideal a seguir. No final da exploração de cada imagem procedeu-se a uma breve síntese de acordo com a passagem bíblica. De seguida, apresenta-se as passagens bíblicas utilizadas e uma análise das mesmas.

Inicialmente explorou-se um vídeo sobre Gn 1,1-2,4, Criação do mundo. Na SE a passagem está na parte da História das Origens, narrando a Criação do Mundo.

Esta passagem bíblica relata a criação do mundo, a semana da criação, destacando que Deus não fez o universo, mas criou-o com o poder divino único. O Génesis surpreende com o milagre de uma criação submetida à mão de Deus. Deus simplesmente começa a falar e as coisas simplesmente existem. O poder de criar mediante a palavra. Toda a narração tem um estilo de profissão litúrgica de fé, ou credo, realçando que as coisas criadas obedecem à Palavra de Deus e atuam tal como está destinado. Tudo o que foi criado é bom tanto em si mesmo como no plano de Deus. Como tudo foi criado por Deus, Deus é o Pai de tudo. Nesta passagem vemos as qualidades de Deus que nos permitem orientar o mundo enquanto comunidade de pessoas que são fecundas e eficazes e vivem em paz com todas as demais criaturas. A criação termina com o 7º dia, o número 7 significa totalidade e acabamento. O descanso sugere duas conclusões, por um lado que Deus pode cruzar os braços e contemplar a

criação com alegria e satisfação, sabendo que não falta nada, e por outro lado, que a deixará só porque está completa e é apropriada para as criaturas que a habitam, especialmente o Ser Humano. (Farmer et al., 1999, 331-333)

Seguidamente exploraram-se algumas imagens baseadas em passagens bíblicas.

A passagem bíblica Mt 8,1-4 esteve na base da exploração da primeira imagem. Esta passagem está na secção do Anúncio do Reino do Céu, nomeadamente ao Dinamismo do Reino, e refere-se à passagem da Cura de um leproso.

A lepra era contagiosa, exigia quarentena, o afastamento do doente, as pessoas eram excluídas ou marginalizadas da vida social pois a sociedade preocupava-se com a pureza. O facto de o leproso se aproximar de Jesus e se ajoelhar perante ele, era prova da sua convicção de que Jesus o podia curar. O leproso chama Jesus de Senhor e Mestre, Jesus responde tocando-lhe, algo que na época era considerado impuro, e cura-o imediatamente. Jesus pede que não divulgue o ocorrido. A Lei exigia que a cura tivesse o reconhecimento por parte de um sacerdote e foi isso que Jesus solicitou. A purificação do leproso é uma demonstração do restabelecimento do povo de Deus na integridade, quem foi desprezado é agora acolhido. (Farmer et al., 1999, 1166; Oporto e García, 1995, 54-55) Mateus ao colocar este milagre neste lugar, isto é, depois do sermão, quer mostrar o poder de Jesus e ao mesmo tempo o seu respeito pela Lei. (Orchard et al., 1956a, 372-373)

Uma outra imagem esteve baseada em Jo 5,1-9. Esta passagem encontra-se na parte da Manifestação de Jesus ao Mundo, em Jesus Revela a Sua Divindade, e refere-se à cura do paralítico da piscina de Betzatá.

A cura do paralítico tem lugar numa festa dos judeus, Jesus vai a esse lugar e toma a iniciativa de curar. Nos sinóticos, os amigos do paralítico iam levá-lo a Jesus, aqui a paralisia é associada a um pecado pessoal, comparando a um afastamento de Deus. Nesta passagem é Jesus que toma a iniciativa perante a passividade do doente, vai ao seu encontro. (Oporto e García, 1995, 283) Os 38 anos de doença aparecem em relação à perfeição dos 40 anos, comparando a condenação e a liberdade, lembrando o tempo no deserto. (Orchard et al., 1956a, 704-705) Jesus perguntou se o homem se queria curar e o paralítico respondeu que não tinha quem o colocasse na água. Jesus aceitou a resposta e mandou-o levantar, carregar a sua enxerga e andar, como sinal de que estava bem e disposto a assumir a responsabilidade de viver. O verbo grego em João para a ordem de levantar é o mesmo que é usado para dar a vida aos mortos. Era como se o paralítico estivesse morto, antes de Jesus o encontrar e depois devolveu-o à

vida e à saúde do corpo e alma. (Farmer et al., 1999, 1338) Da análise do milagre se deduz claramente que a sua importância reside no ensinamento fundamental sobre a palavra vivificante de Jesus. A Palavra de Jesus dá vida. A Palavra de Jesus é suficiente e imediata para realizar aquilo que não eram capazes as “águas do judaísmo”. (Brown et al., 1972b, 446-447)

Outra passagem usada para explorar uma imagem foi Mc 8,22-26. A passagem encontra-se na parte da Viagem por Tiro, Sídon e Decápole, e refere-se à Cura do cego de Betsaida.

Depois de advertir os discípulos contra a cegueira que os rodeava, Jesus devolve a vista a um cego. A cura do cego de Betsaida é o único milagre do NT que requer uma segunda atuação de Jesus. Jesus leva o cego para fora da cidade. Depois do primeiro contacto com Jesus, o homem vê turvo, de maneira muito semelhante aos Doze, apesar do seu contacto com Jesus, veem as coisas sem chegar a captá-las verdadeiramente. Jesus atua de novo para que o homem e os discípulos o vejam com clareza, há uma cura gradual. (Farmer et al., 1999, 1228) Jesus pede para não divulgar o que aconteceu. Um relato com pouca descrição e em que o cego não tem nome, convidando para que cada discípulo, cada um de nós, se ponha nesse lugar. Um processo de cura lento e trabalhoso, para demonstrar que o processo da fé é pausado, gradual e com incertezas. (Oporto e García, 1995, 156-157)

A passagem Mt 23,1-12 serviu de base à exploração de outra imagem. Estes versículos fazem parte do Anúncio do Reino do Céu, no Ministério em Jerusalém, e referem-se à passagem sobre a Condenação do Farisaísmo.

Esta passagem é uma introdução a um discurso de condenação que Jesus faz contra os líderes religiosos de Israel. A acusação que Jesus lança contra os fariseus é que estes não procuram a vontade de Deus, mas sim a sua própria vontade. Jesus diz aos seus ouvintes para fazer o que os escribas e fariseus dizem e não o que eles fazem. Jesus ensina uma atitude diferente a respeito da Lei, uma atitude em que o jugo era suave e a sua carga ligeira. Jesus recorda aos seus ouvintes que no Reino de Deus só há um Mestre e Pai, e é Deus, e que com o ensinamento de Deus no coração todos são iguais, em contraste com os escribas e fariseus que querem ser os maiores no reino. (Farmer et al., 1999, 1196-1197; Brown et al., 1972a, 263-265) O importante na comunidade não são os títulos, mas sim a fraternidade, pois todos são irmãos, que nasce do facto de terem um Pai comum, em oposição ao judaísmo que tem esquemas hierárquicos. (Oporto e García, 1995, 101-102) Os discípulos têm um Pai que está no céu, existindo

um princípio de autoridade hierárquica, mas o espírito com que essa autoridade é exercida é de humildade. (Orchard et al., 1956a, 445-446)

A passagem bíblica Jo 4,1-30 serviu para a exploração de outra imagem. Esta passagem está na parte da Manifestação de Jesus ao Mundo, nomeadamente no Primeiro Ciclo da Manifestação de Jesus, e refere-se ao Diálogo com a Samaritana.

A missão de Jesus pela Samaria parece provocar a hostilidade dos fariseus, mas a missão é de apresentar e proclamar o evangelho a todas as nações, primeiro aos judeus, depois aos samaritanos e por fim aos gregos. O relato chama atenção para o poço, relacionando com o poço de Jacob, e para o cansaço de Jesus, um cansaço missionário. No diálogo com a Samaritana, Jesus dá a conhecer o dom de Deus e dá-se a conhecer. Mas a Samaritana é uma personagem importante no diálogo, pois para os judeus os samaritanos são impuros e não achavam digno um diálogo com uma mulher em público. (Brown et al., 1972b, 442) Jesus usa a experiência diária de ir buscar água para anunciar o evangelho, remontando ao poço de Jacob. A mulher não fica impressionada pelas promessas de água viva que Jesus faz, até que ele refere a sua vida privada, os cinco maridos, em analogia às cinco nações estrangeiras, aos cinco livros de Moisés que os samaritanos admitem. Ao dar-se conta que Jesus é um profeta, a mulher coloca-lhe um problema sobre o verdadeiro culto de Deus. Jesus refere que chega a hora em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade. (Farmer et al., 1999, 1335-1336; Oporto e García, 1995, 279-281)

Outra passagem usada como base para exploração de uma imagem foi Jo 8,1-11. Estes versículos estão na secção da Manifestação de Jesus ao Mundo, em Jesus é a Luz do Mundo, e referem-se à passagem da Mulher adúltera.

Neste episódio da mulher adúltera, Jesus estava a ensinar quando é interrompido maliciosamente pelos chefes religiosos judeus para que emita um juízo sobre a mulher surpreendida em adultério. Os chefes referem que devia ser apedrejada até à morte, mas na época só os romanos podiam condenar à morte. Mas Jesus contrapõe com um juízo sobre eles próprios, um confronto aberto com os chefes religiosos. É a única passagem dos evangelhos em que se diz que Jesus escreveu algo. Jesus não os condena, simplesmente leva-os a reconhecer a sua própria pecaminosidade. Jesus também não condena a mulher. Jesus apenas refere para que não torne a pecar. (Farmer et al, 1999, 1344) O seu conteúdo é claro, proíbe emitir juízos severos sobre os outros e a sua culpabilidade. Jesus veio salvar os pecadores e não perdê-los. Rompe com os moldes estabelecidos pelo puritanismo da época, deixa livre a mulher concedendo-lhe a vida.

(Oporto e García, 1995, 293) Deus estende a sua misericórdia ao pecador para que este se afaste do seu pecado. (Brown et al., 1972b, 466-467)

Uma imagem usada baseou-se na passagem bíblica Mc 14,1-2. Estes versículos encontram-se na secção da Paixão e Ressurreição e referem-se à Conspiração dos judeus.

Neste texto a indicação cronológica do evangelista situa a ação dos chefes dos sacerdotes e dos escribas judeus contra Jesus no calendário litúrgico hebreu, a dois dias da Páscoa e dos Ázimos, iniciando-se o relato da paixão de Cristo. (Farmer et al., 1999, 1238) O breve diálogo das autoridades mostra a intenção de matar. (Oporto e García, 1995, 174) O relato da paixão segundo Marcos apresenta-se como o culminar da vida de Jesus, finalmente reconhecido como Messias, constituindo o clímax do seu evangelho. (Brown et al., 1972a, 139-140)

As passagens bíblicas Jo 13,14, Jesus lava os pés aos discípulos, At 2,42-47, Uma comunidade modelo e At 5,12-16, Milagres dos Apóstolos, também estiveram na base da exploração de imagens sobre o seu conteúdo. A sua análise já foi efetuada anteriormente.

Por fim, a passagem At 4,32-35 também suportou uma imagem explorada. Estes versículos estão na secção da Igreja de Jerusalém e referem-se à Partilha dos bens.

O texto, o sumário que faltava referir dos três, descreve a vida da comunidade de Jerusalém, ressaltando a unidade e a prática da comunidade de bens, algo que terá atraído muitos cristãos ao longo dos séculos e inspirado muitos a recuperar o estilo de vida dos primeiros seguidores de Jesus. Semelhante a At 2,44-45, mas com mais membros na comunidade, descreve as relações sociais e a estrutura organizativa que se desenvolveu conforme o crescimento da comunidade. Aqui não se trata tanto de uma comunidade física, de viver juntos, mas de uma unidade espiritual e psicológica. Descreve-se o modo como os cristãos compartilhavam os seus recursos materiais, que tinham tudo em comum. Em At 2,45 cumpria-se o mandato de Jesus de vender e dar aos pobres, fossem esses quem fossem, nesta passagem salienta-se que é para os do mesmo grupo. O crescimento da comunidade exigia uma estrutura diferente. (Farmer et al., 1999, 1383-1384) Estes versículos não são uma descrição real da comunidade de Jerusalém nos primeiros anos, mas um ideal pensado por Lucas. (Oporto e García, 1995, 352) A generalização da comunidade de bens neste sumário é maior, por um lado destaca-se que se partilhava todos os bens e por outro, que havia indivíduos de fora que vendiam as suas posses para distribuir depois. (Brown et al., 1972a, 458-459)

De um modo geral os textos são adequados, mas há algumas exceções.

No que diz respeito aos objetivos propostos pelo SNEC, “Valorizar a comum filiação divina” e “Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs” os textos utilizados (Mt 7,11; Jo 13,14; Mt 5,43-48 e Filhos do mesmo Deus) não são os mais adequados, pois orientam para outro sentido e para alunos do 5º ano de escolaridade são de difícil compreensão tendo em conta os objetivos definidos pelo SNEC. (SNEC, 2014, 60-61; 2015, 100-103)

Quanto ao objetivo “Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs” proposto pelo SNEC, os textos aplicados necessitam de ser trabalhados com os alunos e referir que se tratam de um modelo, um exemplo, um resumo, do que se pretendia, embora muitos já vivessem dessa forma. (SNEC, 2014, 60-61; 2015, 100-103)

No objetivo “Identificar a perspetiva cristã sobre o perdão”, o texto Sir 28,1-7 também não é o mais adequado, pois não trata do perdão diretamente e para ser explorado nesse sentido com os alunos do 5º ano é mais complexo. Contudo, estando o recurso no manual do aluno, pode-se destacar o versículo Sir 28,2.

Após ter reformulado a UL propondo uma nova sequencialidade da mesma (Anexo 2.2.4), foram usados alguns dos textos propostos no manual e no programa do SNEC, mas com uma abordagem diferente da proposta inicialmente pelo SNEC. Deu-se o exemplo da vida de Jesus, que o crente e não crente têm para construir um mundo fraterno e o caso da primeira comunidade de Jerusalém como um modelo e exemplo ideal de viver para construir esse mundo fraterno, indo ao encontro do esquema hermenêutico proposto, nomeadamente a necessidade de uma mudança de comportamento para a construção de uma sociedade mais justa. Também as imagens exploradas usadas com bases nas passagens bíblicas adicionados ao programa permitiram atingir os objetivos reformulados e propostos, nomeadamente: conhecer o fundamento da fraternidade para os cristãos e reconhecer o modelo e a forma de viver da comunidade cristã de Jerusalém. Mas é certo que muitas outras podiam ser utilizadas e, talvez, com melhor resultado no processo ensino-aprendizagem.

3.2.2.2. Teologia

A ideia de um Deus Pai está na base de muitas religiões. Aparece nas origens do povo judeu, no segundo milénio antes de Jesus, e foi-se abrindo à universalidade. (Orcal, 1997, 577-578)

O conceito de Deus deve ter por base uma perspetiva icónica e não idolátrica. O modo icónico é aquele que permite contemplar o invisível, o transcendente, transpondo o efeito do espelho da idolatria, o visível. No contexto judaico-cristão é assumida a possibilidade de conhecer Deus pela revelação na história, dando uma racionalidade que leva à necessidade de ser transcendente. O conceito bíblico de Deus implica um modo de relação com ele que se articula numa experiência concreta e particular, sem deixar de ser uma experiência transcendente. O monoteísmo bíblico parte da experiência de Deus numa história particular e a sua compreensão leva à ideia de um único Deus, universal, criador e fundamento de tudo o que existe. No conceito cristão de Deus assume-se o monoteísmo trinitário, reforçando-se a importância da relação pessoal entre Deus e o homem. O conceito trinitário de Deus é condição originária de possibilidade da relação de Deus ao mundo e deste a Deus. A relacionalidade é fundamental para o conceito de Deus, pois possibilita a real relação ao mundo, a qual possibilita o próprio conceito “humano” de Deus. (Duque, 2008, 233-243)

O povo de Israel tinha a fé num Deus criador e num Deus Salvador, Libertador, um Deus que elegeu um Povo, que o salva do Egito e o leva para a terra prometida. O Deus do Povo de Israel revela-se na sua história. Com o exílio na babilónia, o profeta, o autor de deutero-isaias, anuncia a libertação do Povo do exílio, para criar mais confiança refere que a criação do mundo tem um carácter salvífico, referindo que Deus tem duas ações, criadora e redentora. O povo de Israel chegou à noção de criação do mundo, partindo de uma relação de Yahweh com Israel e só depois com o mundo. Concluindo-se que a criação é uma ação contínua de Deus com o objetivo da Salvação. (Mielgo, 1975, 135-138)

A fé na criação não é única de Israel, outras religiões já a conheciam, através de mitos e crenças. O povo de Israel aderiu mais tarde à fé da criação porque a sua experiência religiosa resultou de factos históricos e não de uma reflexão filosófica. A reflexão sobre os factos históricos de Deus abre a fé à descoberta do Deus universal, que é Deus Criador. Hoje em dia o raciocínio é ao contrário, o Deus Criador, Yahweh, é o Deus de Israel. (Mielgo, 1975, 136)

A ideia da criação está cada vez mais na atualidade, pela necessidade de um pensamento ético. Tendo em conta que tudo tem origem no Deus Criador, todos somos irmãos. (Mielgo, 1975, 139)

No NT, a criação é em Cristo, Deus projeta em Jesus a coerência do mundo. O NT não fala da criação, pressupõe que o mundo existe por um ato de Deus. No NT a ideia da criação é a doutrina de Jesus Cristo que tem a função de redenção. Em 1 Cor 8,6, há uma fé que influencia o futuro. Pai e Filho estão lado a lado na criação, Pai é o criador e salvador e o Filho a mediação da criação e da salvação, assumindo a redenção, criando um homem novo, ordenando o mundo, criando um novo mundo, uma nova criação, que se traduz numa história salvífica. A Carta aos Hebreus destaca a mediação de Cristo, dizendo que o Pai fala pelo Filho, e que Jesus tem a palavra poderosa do Pai, impedindo a recaída no caos. Cristo tem a função escatológica. (Mielgo, 1975, 140-142)

Quando Paulo fala da “nova criação” e do “homem novo” refere-se a estas ideias, em que a nova criação é a consumação da primeira, tratando-se de uma transformação do mundo atual. (Mielgo, 1975, 142-143)

A Fé na criação constitui uma base firme para a unidade do homem e da sua fraternidade. Deus é criador do céu e da terra, de tudo, incluindo o homem. Deus, Pai de todos os homens, ama o homem ao ponto de o perdoar (Os 11,8-9). Esta Fé tem vários aspetos visíveis desde o princípio, como é exemplo o duplo relato da criação. A SE ao referir-se a Adão refere-se à humanidade, isto é, ao comum entre os homens. Cada homem tem a sua história, mas todos o mesmo destino, um destino biológico comum, apesar da dimensão espiritual. (DCE 9-10; Ratzinger, 1964, 1155-1156) Sendo criados por Deus, todos os homens são irmãos e estão em comunhão. Cada homem é individual, mas está em comunhão com os outros, com a comunidade, levando à fraternidade. (Cândido, 1989, 471)

Para além dos aspetos terrestres, a história da criação fala do sopro de Deus (Gn 2,7). Assim, o que une os homens, acima das fronteiras históricas, é a vocação divina que está neles, a verdadeira dignidade. Há uma relação imediata do homem com Deus. (Ratzinger, 1964, 1156)

Os homens têm uma origem comum, o que confere um parentesco. No paganismo, poucos viam a humanidade como família, prejudicando o amor entre todos e a fraternidade. Para o judeu, apesar da origem comum em Adão, o não-judeu não era irmão, logo a referência ao Pai era ao Pai de Israel e não Universal, pelo que a fraternidade tinha fronteiras. Só após um longo processo, para o qual muito contribuiu a

revelação judaico-cristã, é que a consciência humana viu em cada homem um filho de Deus Criador, chamando-o de irmão. (Jacquemet, 1956a, 1568; 1956b, 877-878; Marsot, 1956, 1587-1588)

Nesse processo longo, Deus, cheio de amor, fala e convive com os homens como um amigo para os levar a comunhão com Ele (Ex 33,11; Jo 15,14-15; Br 3,38), a revelação dá-se por palavras e ações/gestos. Deus chamou Abraão, instruiu Moisés e os profetas, para que o povo o reconhecesse como Deus único, um Pai providente e misericordioso, um juiz justo, e esperassem o Salvador. Fala depois através do Seu Filho (Heb 1,1-2) e após a paixão de Cristo envia o Espírito para levar o povo à vida eterna, à contemplação da Verdade. Através da revelação Deus manifesta-se e comunica a sua vontade sobre a salvação do homem. As palavras de Deus estão depositadas na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura, bem como no Magistério da Igreja. (DV 2-16) As Escrituras e a Tradição realçam que a fraternidade cristã tem uma relação com o Amor de Deus, dando o modelo da primeira comunidade em Jerusalém. (Jacquemet, 1956b, 877)

A história do Amor de Deus permite observar a história do Homem e a sua criação. Deus Pai criou o Homem livre por amor, dando razão à existência do amor, do dever, da esperança e da fé em que nos movemos no mundo. Deus valoriza todos os seres humanos e fundamenta a sua dignidade. Acolher esta história com fé, esperança e amor é compreendermo-nos Filhos de Deus. (Orcal, 1997, 579)

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27, 5,1-2), tem algumas qualidades de Deus, como amor, verdade, bondade, unidade, liberdade e espiritualidade. Deus é a causa primeira de todas as criaturas, todas são semelhante a Deus, mas não têm a mesma essência, trata-se de uma semelhança participada. Deus é o Ser e a criatura tem um ato de ser. Este ato é um efeito metafísico da ação criadora. Deus tem todas as perfeições das criaturas, mas a criatura não tem todas as perfeições de Deus. A visão cristã acrescenta uma interpretação teológica, na sua essência a pessoa participa da realidade de Deus. (Cândido, 1989, 471-472; Ocáriz, 2000, 28-30)

Deus cria o homem por um ato de amor, pelo que o homem vive debaixo de um ritmo de amor, vive para amar e ser amado, e o fim da sua vida é amar. O homem encontra a felicidade no amor. No Amor o divino e o humano estão presentes, o Amor caracteriza Deus e o homem. (Heredia, 1997, 74; Panimolle, 1990, 60)

Todos sabem o que significa amor e ao mesmo tempo muito poucos o vivem. O amor é a plenitude. A SE refere que “Deus é Amor” (1 Jo 4,8), plenitude que todos

recebemos (Jo 1,18). Deus criou a partir do amor (Pr 8,27-31), o amor unifica o homem e Deus, dada a sua imagem e semelhança. O Amor é fazer do outro o centro, é uma mão ao encontro de outra mão, é amar o outro, vai de dentro para fora. O homem torna-se Eu através do Tu, pois é no outro que encontra a sua essência. Porém, o homem criou a desordem, mas tem esperança de viver a liberdade dos filhos de Deus (Rom 8,20ss). (Heredia, 1997, 73-75)

A relação com o outro leva à amizade. A amizade é um amor em diálogo, deseja-se para todos, mas universalidade é diferente de igualitário e o amor não é igual para todas as pessoas (Heredia, 1997, 75-76)

A essência do homem tem o modelo de Deus, a sua imagem e semelhança, mas dada a sua liberdade que o levou à desordem, necessita de uma transformação seguindo Jesus Cristo. (Hildebrand, 1973, 449-451) Jesus é o modelo de vida (Mt 20,26-28), a presença dinâmica, a força do anúncio, da fraternidade. Para Jesus, a paternidade de Deus concretiza-se na história com o Reino de Deus, transformando o velho em novo. Cristo com a sua paixão abre o caminho da vida e é o mestre da Fraternidade (At 1,1). (Cândido, 1989, 466; Masserdotti, 1992, 29)

A revelação de Jesus, Filho de Deus Pai, é o alicerce da fraternidade cristã. A presença de Cristo leva ao Pai (Ef 1,3-14, 2,11-22), ele é o alfa e ômega (Ap 22,13), ele é a palavra (Jo 1,1-18). Através dele conhece-se Deus (Jo 1,18), os homens conhecem-se e compreendem-se (Jo 1,14) e conhece-se a criação (Jo 1,3.10). Aqueles que têm Deus como Pai são irmãos. Paulo refere que Cristo é o primogénito entre os irmãos (Rm 8,29). Jesus anunciou-o com a expressão “vosso Pai que está nos céus” (Mc 11,26; Mt 5,16.48, 7,11, 18,14) e os discípulos fazem a oração que Jesus ensinou dirigida ao Pai (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4). Cristo é a ligação entre as pessoas isoladas e as outras, é o mediador da comunhão. (Cândido, 1989, 465-466; Ratzinger, 2005, 59)

A fraternidade cristã orienta-se pela Palavra de Deus. Palavra que é única, convergente, de união e de procura comum. A Palavra de Deus é o próprio Cristo (Jo 1,1-18), o irmão universal, a pedra angular de toda a construção eclesial (Ef 2,20). Pela Palavra, os cristãos descobrem a paternidade de Deus e os outros como irmãos, fazendo todos parte uma grande família, colocando de lado dogmas sociais e descobrindo a Verdade que os torna livres (Jo 8,32). Para além da dimensão biológica que torna os homens irmãos, há uma componente espiritual que os torna irmãos na fé. A fraternidade é um processo cultural de abstração com base no termo irmão. Irmão é uma pessoa que

tem determinadas características identificadas pela experiência e pela elaboração cultural na fraternidade. (Cândido, 1989, 465-466.469; Ratzinger, 1964, 1159-1160)

A fraternidade tem a ação do Espírito Santo. Como Cristo permanece até ao fim dos tempos (Mt 28,20), o Espírito permanece sempre com Ele (Jo 14,16). O Espírito unifica a compreensão da mensagem, torna filhos de Deus (Rm 8,15-16), colabora na salvação (Tt 3,4-7), une ao corpo da Igreja (1 Cor 12,12-13) e põe em comunhão os ouvintes e todos os que buscam a Verdade. O Espírito forma o novo povo e faz com que os discípulos do Senhor descubram que são irmãos. Com o Espírito, os discípulos organizam a Igreja Primitiva, recorrendo a tradições já existentes (oração no templo) e a novas (ensino e fração do pão). A comunidade eclesial de Jerusalém, modelo de Igreja, é renovada e fortalecida pelo Espírito e caminha em ambiente de fraternidade. (At 2,42-47) A Igreja é uma comunidade de irmãos. (Cândido, 1989, 466)

A fundação da Igreja de Jesus dá à fraternidade uma outra visão. Pois os cristãos, membros do corpo de Cristo, são irmãos de forma sobrenatural, pela unidade original com a natureza e pela filiação da graça. A fraternidade da graça torna os homens irmãos em Jesus, e o desejo do Pai é que todos se tornem seus filhos adotivos. (Jacquemet, 1956a, 1568)

O amor fraterno manifesta-se na comunhão de bens e na caridade. A comunhão fraterna está relacionada com a experiência de koinonia da comunidade apostólica primitiva (At 2,42). Comunhão é colocar a própria pessoa e a sua existência junto com outra, dar-se ao irmão, dar afetividade, por em comum, dar os bens materiais, é viver juntos, é solidariedade. A Caridade traduz-se em gestos sobretudo para o pobre, o necessitado, o sofredor, o enfermo. O cristão é irmão porque atua e ajuda o próximo, o irmão. (Cândido, 1989, 472)

Também o pecador é irmão e necessita de ajuda para a sua salvação. A mensagem evangélica põe o discípulo diante do irmão que errou em duas atitudes positivas: o perdão e correção fraterna. Perdoar é readmitir na paz da fraternidade, elimina a tensão e o afastamento da comunidade (Jo 13,35). O perdão é dado por um sacerdócio ministerial (Mt 16,19) ou sacerdócio universal (Mt 18,18). A correção fraterna é autocrítica e conversão favorecida pelo amor recíproco. É um dom. A correção fraterna, não é uma crítica, tenta acautelar o perigo de culpa, ajuda o irmão em dificuldade, foge da tentação de marginalizar e evita o juízo moral. Perdão e correção fraterna põem à prova a fraternidade, são a verificação da capacidade de obedecer ao evangelho (Mt

6,12-14, 18,15-18.23-35; Mc 11,25; Lc 17,3-4; Gl 6,1-2; Ef 4,32; Cl 3,12-13; Tg 5,19.20...). (Cândido, 1989, 472-473)

A fraternidade relaciona o conhecimento e fé e implica o homem todo. Só a conhecemos se a vivemos, isto é, fazendo da história do homem uma história de amor, onde cada homem se descobre como pessoa no outro. A fraternidade é o reconhecimento da dignidade do outro, criando uma relação entre os homens de amizade na alegria, na esperança e na fé de que o amor tem a última palavra da existência. Amor que compreende a esperança e fé. A esperança é o ponto de apoio da nossa vida. A fé é o ponto de apoio para amar o outro. Amor, esperança e fé dão-se mutuamente na fraternidade. Os cristãos dizem que o homem consegue cumprir um imperativo absoluto pela graça de Deus. (Orcal, 1997, 578-579)

Todo o homem no seu interior, todas as culturas e todas as religiões procuram uma fraternidade. A fraternidade permite superar limites sociais, formas de submissão, mitos de bem-estar e de consumo. Mas essa procura no mundo atual, por vezes, fica presa a ideologias, levando a que as relações humanas sejam preocupantes (Mt 24,4-29; Mc 13,5-25; Lc 21,8-28). A fraternidade está no mundo atual, mas este, às vezes, relega o homem para a solidão. Mas este no seu íntimo procura a relação, a comunidade. As relações terrenas levam a que a fraternidade absoluta seja incompleta, porque o mal está no coração do homem (Mt 15,19-29; Mc 7,21-23), o homem é estrangeiro e peregrino na terra (Heb 11,13), onde o pecado atinge o justo sete vezes (Pr 24,16), mas a Fraternidade é indispensável para a construção do Reino. (Cândido, 1989, 470-471)

As práticas e as atitudes que manifestam a experiência de Deus na pessoa, neste caso a espiritualidade cristã, dão um sentido à vida orientadas pelo Espírito, inspiram o homem e tornam-no dom para os outros. Mas a vida cristã é um compromisso que por vezes é invadido pelo desânimo. A espiritualidade vive uma crise que é expressão da crise da sociedade. Vive-se a cultura do ter e da superficialidade. (Masserdotti, 1992, 11-13) Isto é, a liberdade do homem leva-o por vezes a comportamentos desviantes do absoluto. Mas a redenção dá ao homem a possibilidade de redescobrir a imagem e semelhança de Deus, isto é, dar um passo para Deus de quem se torna filho. Esta redenção resgata a pessoa, resgatando também a fraternidade. (Cândido, 1989, 472)

O mundo atual está cheio de horrores devido à demissão do homem do seu valor e fruto da história da liberdade que construiu. A liberdade que o homem possui, por vezes, leva-o a agir de uma forma incorreta com os outros, provocando injustiças e desumanizando-se. O homem tem de relacionar o pensamento e a ação, pois o seu

futuro passa pela construção da fraternidade, acabando com as injustiças e humanizando-se. Não basta proclamar, é necessário praticá-la. (Orcal, 1997, 579-580) Mas as injustiças que cada um sofre, por vezes, criam ainda mais revolta, ódio, vontade de vingança e distanciamento do outro. Pelo que para a construção de um mundo melhor é necessário também viver o perdão.

O CVII reconhece que o mundo atual procura colaborar no bem da civilização, mas está perante encruzilhadas: liberdade ou escravidão; progresso ou retrocesso; fraternidade ou odio (GS 9). Pelo que, propõe inserir o evangelho na história para a liberdade, o progresso e fraternidade (AG 8). Instaurar a fraternidade é fundamental, juntamente com a justiça e uma ordem mais humana (GS 35), para a paz (AG 12). O diálogo fraterno e o trabalho dos leigos são essenciais no sentido de uma solidariedade entre todos com vista ao bem comum (AA 14). (Cândido, 1989, 473) Apesar de Deus bater à porta de todos os homens (Ap 3,20), muitos homens não creem no seu Amor, mas vivem o amor aos homens. Estes homens que se relacionam com o outro estão em comunhão com Deus (Mt 25), vivem com Deus sem o saber. (Orcal, 1997, 580)

A ajuda ao outro é solidariedade e caridade. Mas os cristãos, sob ação do Espírito Santo, vão mais longe no reconhecimento de uma verdadeira fraternidade, confissão do mesmo Pai. A filiação adotiva está na base do cristianismo, no seu desenvolvimento e consequentemente na vida espiritual e ética. A estrutura familiar, em analogia com o Deus Pai, dá um exemplo de socialização. A socialização exige direitos e deveres, mas a história mostra que não chega. A liberdade e igualdade não são suficientes para construir a fraternidade (Jacquemet, 1956b, 879-880), é preciso tratar todos, nomeadamente os mais “baixos”, como irmãos. (Jacquemet, 1956a, 1569)

A construção da fraternidade exige uma ação global. Neste sentido as obras do Espírito conduzem, num amor oblativo, à fraternidade. Paulo enumera como obras do Espírito o amor, a alegria, a paz, a paciência, a benevolência, a bondade, a fidelidade, a mansidão e autodomínio (Gl 5,22-23). Mas as obras da carne que resultam do egoísmo, ofendem o outro, o irmão, arruinam a fraternidade. (Cândido, 1989, 473)

Para o cristão, o maior valor humano é o amor fraternal, sendo o modelo desse amor, o amor do Pai pelo Filho. O amor que Deus pede aos homens é o amor ao próximo. (Jacquemet, 1956a, 1568-1569; Urteaga, 1966, 216)

O verdadeiro amor leva ao caminho da correção fraterna e da fraternidade cristã. Não viver a correção fraterna é não viver o amor (Heb 12,8; Mt 18,15), pois a correção do outro envolve a paz, como refere o Evangelho, e não a ira (Didachê 15,3), dizendo as

coisas aos outros com clareza e verdade. Seguindo exemplo de Paulo para com Pedro “resisti-lhe cara a cara, por ser digno de repreensão” (Gl 2,11) isto é a correção fraterna. (Urteaga, 1966, 217-218)

Viver um amor que se traduza em obras boas, leva a dizer a verdade com prudência, para fazer um mundo mais fraterno. (Urteaga, 1966, 219) Para a construção desse mundo é necessário estar atento aos outros e acolhe-los. (Ratzinger, 1964, 1156-1157)

O homem tem uma dimensão escatológica. Por um lado, a comunidade biológica refere-se ao destino comum a todos os mortais, voltando à mãe comum, à Terra, por outro lado, o sopro de Deus dá uma comunidade eterna com Deus, que é uma comunidade fraterna levando à salvação de todos (1 Tm 2,4). (Ratzinger, 1964, 1156)

A construção da fraternidade é uma obra fascinante, mas trabalhosa. A fraternidade tem de traduzir-se em atos diários. Muitos consideram uma utopia, mas é um objetivo importante. (Cândido, 1989, 473; Jacquemet, 1956a, 1569) O que distingue a fraternidade universal da fraternidade especial dos cristãos é a crença no Pai de Jesus Cristo, levando à filiação adotiva, tendo Jesus como o irmão primogénito. A história da salvação mostra o caráter da fraternidade cristã, ou seja, a esperança de salvação para todos. (Ratzinger, 1964, 1158)

3.2.2.3. Magistério da Igreja

A Igreja analisa a pessoa humana inserida na vida social. Pelo que o homem é o centro do ensinamento social católica, o qual tem uma dignidade humana a defender. A verdade cristã sobre a dignidade da vida está relacionada com a sua origem em Deus e com o destino de comunhão com Deus e no seu Amor. (CDSI 105-107; EV 38; LG 2-4)

A pessoa humana, única e irrepetível, tem consciência e liberdade sobre os seus atos, o que lhe dá subjetividade. Assim, todos devem ser respeitados e respeitar o outro. Mas a ordem pessoal deve ordenar a social com vista a uma sociedade justa, respeitando a dignidade transcendente do homem, o sentido último da vida. A dignidade humana exige que o homem aja em consciência, liberdade e não por imposição para alcançar a sua realização. Tais escolhas permitem o crescimento como ser. (CDSI 131-135)

A liberdade do homem não se opõe à dependência de Deus, pois pode ou não acolher os mandamentos de Deus. Mas o homem orienta-se para o bem, na liberdade que Deus lhe deu, na aceitação da lei moral de Deus, atingindo a plena realização. Não

cumprindo a lei moral, o homem destrói a fraternidade com os semelhantes indo contra a verdade divina. (CDSI 135-137)

O homem pratica atos bons quando age com responsabilidade e em prol da sociedade, e não pretende ser o senhor absoluto. Deus estabelece o bem e o mal, e o homem pelo juízo de consciência assume a responsabilidade do que faz, em busca da verdade absoluta. Pelo que o exercício da liberdade exige uma relação com a lei moral natural. (CDSI 138-139)

Com o Mistério Pascal de Cristo, para os cristãos, o homem liberta-se do amor desordenado e volta à comunhão com Deus e os outros. Para Deus todos têm a mesma dignidade, o que deve ser compreendido pelo homem, sendo o fundamento último da igualdade e da fraternidade. O reconhecimento da dignidade de todos os homens permite o progresso de cada um, de todos, da humanidade. (CDSI 143-145)

A Igreja, na procura de uma vida social verdadeira, do bem comum, e no combate aos atentados à dignidade humana, tem princípios (dignidade humana, do bem comum, do destino universal dos bens, da subsidiariedade e da solidariedade) que são enunciados de verdade sobre o homem, com base na razão e na fé, relacionando a vida da sociedade e a mensagem evangélica. Estes princípios, complementares, permitem compreender os factos sociais, levando à tomada de consciência de que cada homem é responsável pelo outro, por todos, pois têm uma base moral que indicam o sentido último da vida, da vida social, onde o homem se realiza. (CDSI 160-163)

O Princípio do bem comum refere-se ao conjunto de condições sociais que permitem que cada homem atinja o pleno sentido da vida a nível social e particular, dada a sua dignidade, igualdade e unidade. O bem comum ultrapassa a soma dos bens e do agir moral de cada um numa sociedade, pois juntos consegue-se mais. O bem comum é a dimensão social e comunitária do bem moral. Os esforços para atingir o bem comum dependem do momento da sociedade, do empenho e responsabilidade de cada homem pelo bem do outro e do comum, como se fosse o seu. A sociedade não pode deixar de procurar o bem comum para a sua realização. A instituição Estado é responsável e tem como objetivo o bem comum, devendo criar organizações e legislação para conciliar com justiça os interesses de todos. O bem comum da sociedade, de todos, leva ao fim último, à plena realização, à transcendência, a Deus. Sem esta dimensão, o bem comum reduzia-se a um bem-estar material. (CDSI 164-170)

O princípio do destino universal dos bens indica que todos os homens têm o direito de uso dos bens para o seu bem-estar e desenvolvimento, tratando-se de um

direito natural e não jurídico. Deus criou tudo para uso dos homens (Gn 1,28-29), permitindo satisfazer as suas necessidades primárias. Mas apesar do destino universal dos bens e do seu uso, a sua prática tem de ter acordos económicos baseada em valores morais para realizar um mundo equitativo e solidário. É necessário haver um esforço para criar condições para um desenvolvimento integral, com vista à promoção de um mundo mais humano, tendo especial atenção com os pobres e pessoas sem condições para um crescimento adequado, indo ao encontro da caridade cristã. Neste sentido o Evangelho inspira a Igreja para o amor pelos pobres (Mt 25,40.45; Mt 11,5). Apesar da destinação universal dos bens, o homem pode adquirir uma propriedade privada, através do seu trabalho. A Igreja reconhece isso mesmo, e acrescenta que essa deve estar em referência ao bem comum, isto é, os novos bens que a sociedade cria devem beneficiar o bem comum e evitar a escravidão. Só orientado para o bem comum, em relação a Deus Criador, o homem se desenvolve. (CDSI 171-184)

A promoção da dignidade passa também pela ajuda nas relações entre grupos de pessoas contribuindo para o crescimento social, no qual o Estado tem um papel importante. Esta ajuda traduz-se no princípio da subsidiariedade, protegendo contra abusos de umas instituições sobre outras. (CDSI 185-188; DCE 26-27)

Com vista ao bem comum, a uma sociedade mais justa, todos os cidadãos com capacidades técnicas, crentes e não crentes, e as diversas instituições que participam na vida pública necessitam de agir de uma forma responsável. Garantir os direitos dos cidadãos é fundamental para que todos tenham uma vida verdadeiramente humana, pelo que todos os homens necessitam de ter possibilidade de participar no estabelecimento das bases jurídicas e organizacionais da sociedade. Esta participação na vida comunitária é uma aspiração do cidadão e a base do ordenamento democrático. (CDSI 189-191; DCE 29; GS 73-76)

Na ajuda a todos os homens está presente a solidariedade com vista ao bem comum. As relações solidárias permitem relações verdadeiras e ético-sociais. A solidariedade é uma virtude moral, orientando as instituições, com ajuda de leis e regras, para a eliminação do pecado. A solidariedade reflete a liberdade e o agir de cada um e da sociedade para o bem comum. O cristão reconhece que em Jesus a solidariedade é semelhante ao agir de Deus, construindo um mundo melhor, mais fraterno. Jesus liga a solidariedade e a caridade. Pela fé a solidariedade inclui uma gratuidade total, perdão e reconciliação, levando a que o outro seja imagem de Deus. (CDSI 192-196)

Na base dos princípios estão valores relacionados com a dignidade humana e que permitem o crescimento humano, nomeadamente a verdade, a liberdade, a justiça e o amor, que têm de ser vividos. Vivendo na verdade, o homem influencia a sociedade, permitindo o seu crescimento, desenvolvimento e realização. A liberdade encontra-se no homem, mas só existe verdadeiramente na relação com o outro, de forma a permitir um crescimento pessoal e social, o bem comum. A justiça consiste em dar ao outro aquilo que lhe é devido. O Magistério destaca a justiça social em relação com as questões sociais, porque no mundo atual o valor da pessoa é visto à luz da utilidade e do ter, mas o homem tem uma identidade muito mais profunda. A verdade plena é superior à justiça contratualista, levando à solidariedade e ao amor. (CDSI 197-203)

A verdade, a liberdade, a justiça e o amor estão relacionados com a caridade. As relações humanas devem orientar-se pela justiça, mas submetidas à caridade, pois nenhuma regra, direitos e deveres, por si, leva o homem a viver em unidade e fraternidade. A justa ordem da sociedade, do Estado, é uma questão política, uma razão prática que precisa de ser purificada pela fé para não se cair em interesses privados. A caridade completa a justiça com o dom, o perdão, a comunhão, a gratuidade e a misericórdia. A caridade deve estar presente nas relações com o próximo e com o mundo, uma vez que nenhum ordenamento jurídico pode desprezar esta dimensão do homem. Uma vez que a caridade leva o homem amar o bem comum, a procurar o bem de todos, o bem da comunidade. Neste contexto, entende-se o próximo como a sociedade. Deus criou os homens para que todos formassem uma família única e se tratassem como irmãos, daí que o amor a Deus e ao próximo seja o primeiro mandamento e a caridade a lei na sua plenitude (Rm 13,9; 1 Jo 4,20). (CDSI 204-208; CV 6; DCE 28-29; GS 24)

Mas o mundo atual, repleto de tecnologia e de relações de conveniência, não permite um desenvolvimento correto do homem e da sociedade, o qual se alcança com a caridade e verdade (Rm 12,21; Jo 8,32). A existência de instituições, por si, não garante o desenvolvimento integral do homem, é necessário vocação. Esse desenvolvimento requer uma visão transcendente da pessoa, uma perspetiva de vida eterna, para ver no outro o verdadeiro outro e não um outro. (CV 9.11)

A evolução do mundo origina alegria e esperança, mas também problemas, tristezas e angústias ao homem os quais têm de ser resolvidos através do diálogo. A Igreja contribui, à luz do Evangelho, na resolução dos problemas para levar o homem à salvação, tornando a sociedade mais humana, instaurando a fraternidade universal, pois

o mundo dos homens constitui uma inteira família humana. Neste sentido a Igreja tem de analisar os sinais dos tempos, na busca de respostas aos problemas dos homens, do seu sentido da vida, destacando os verdadeiros valores da vida. (GS 1-4)

O Papa Paulo VI, já em 1967 (PP 13-14.21.44.67.76), referia a necessidade de ser fiel à mensagem da caridade e da verdade relativamente às questões sociais e da relação entre a vontade de unidade da humanidade e o ideal cristão de uma família única, solidariedade na fraternidade comum. Também o Papa João Paulo II, em 1987 (SRS 17.33.46), refere que Igreja deve servir o mundo com amor e verdade. A atuação da Igreja na caridade, permite o desenvolvimento integral do homem e de uma fraternidade universal. A Igreja fomenta a união e a caridade entre todos os homens (crentes, crentes de outras religiões e não crentes), constituindo uma só comunidade, pois todos têm a mesma origem e um fim último em Deus, rejeitando qualquer discriminação para com o outro, dado que todos somos filhos de Deus Pai. Paulo VI referia ainda que o progresso é uma vocação e que a Igreja deve iluminar as questões sociais com o Evangelho, uma vez que o desenvolvimento humano integral resulta de um chamamento interior, refletindo-se sobre a liberdade, a verdade e a caridade. A Igreja visa o desenvolvimento integral do homem e o desenvolvimento solidário da humanidade. Desenvolvimento que supõe uma liberdade responsável, respeitando a verdade, pois a vocação cristã empenha-se na promoção de todos os homens, sem olhar a privilégios e méritos individuais, e na caridade, uma vez que o desenvolvimento por vezes descuida-se da solidariedade, pois a globalização torna-nos vizinhos, cidadãos, mas não irmãos. Paulo VI tinha uma visão articulada do progresso para assegurar a liberdade e a paz, pois a evolução deu origem a crises. Contudo as crises são momentos de reflexão que permitem novas orientações e planificações projetando um novo caminho para a humanidade redescobrimo os valores fundamentais para construir um mundo melhor, uma sociedade mais justa. (CV 11.13.16-21, NA 1.5, PP 5; Versaldi, 2017, n.º 3)

O desenvolvimento do mundo levou ao aumento da riqueza mundial, mas também provocou desigualdades, o verdadeiro progresso tem de incluir todos e tem de ser integral. Paulo VI, na PP (51.65.78.80), já referia que era necessário incluir todos os povos no desenvolvimento económico para assim se ter um mundo mais humanizado, para tal é necessário eliminar a miséria, eliminar os efeitos negativos das colonizações, acabar com os desequilíbrios no crescimento económico e bens alimentares, reduzir os conflitos sociais provocados pelos desequilíbrios económicos e adaptar as estruturas antigas às novas condições sociais fruto do desenvolvimento (PP 6-10). O Homem,

criado por Deus, é cocriador e corresponsável por tudo, pelo bem comum, na casa comum, o planeta Terra, tal como refere o Papa Francisco. Pelo que todos os homens têm de dialogar sobre todos os problemas, incluindo os ambientais. (LS 3.14)

Este desenvolvimento levou a que os Estados se preocupassem muito com os aspetos económico-financeiros, mas é fundamental que se preocupem também com o indivíduo, a sociedade e o bem comum. Esse desenvolvimento proporcionou em alguns Estados a negação do direito de liberdade religiosa, pois por um lado o fanatismo religioso impediu o exercício da liberdade religiosa e por outro, a programação da indiferença religiosa de alguns Estados levou à impossibilidade de um desenvolvimento integral. O desenvolvimento levou a um maior respeito pela vida humana, apesar dos atentados que ainda se verificam, um tema fundamental para pensar no verdadeiro bem do homem que é imagem de Deus, devendo a fé em Deus também deve ser refletida no desenvolvimento do homem. (CV 22-29.39)

O mundo atual necessita de uma ação conjunta de forma a solucionar os problemas existentes e permitir um desenvolvimento adequado, integral e não só económico da humanidade. O desenvolvimento pleno é um dever do homem, da sociedade, da humanidade, dada a sua origem em Deus, pelo que a solidariedade universal deve ter por base a verdadeira escola de valores, em benefício do bem comum, pois sem esses valores o desenvolvimento é desumano. Assim, as organizações do mundo devem distribuir os recursos de uma forma melhor para realizar a verdadeira comunhão no mundo. Eliminar as desigualdades provém da fraternidade universal e da dignidade transcendente que se traduz no dever de solidariedade e caridade, ajudando os mais necessitados e promovendo um mundo mais fraterno. (GS 63-72; PP 13-18.24.42-44)

O verdadeiro desenvolvimento integral do homem tem de relacionar os vários saberes. O desenvolvimento tecnológico e científico e os aspetos morais devem crescer com a caridade, pois orienta o homem aos princípios e fins últimos. O desenvolvimento sem a caridade pode originar vários problemas, mas animado pela caridade e verdade, caminha em direção a uma “civilização do amor”. (CV 30-33)

A caridade na verdade coloca o homem perante a experiência do dom, a dimensão espiritual. A gratuidade confronta-se com o utilitarismo e a autossuficiência do homem, que relaciona a felicidade e a salvação com o bem-estar material. A visão económica do mundo leva à destruição da liberdade do homem não garantindo a justiça necessária e dificulta a realização da esperança cristã para o desenvolvimento integral. A esperança

orienta a razão para a caridade na verdade, transcendendo a norma e unificando os homens. A comunidade dos homens só se torna uma comunidade plenamente fraterna pela palavra de Deus. Um desenvolvimento verdadeiramente humano tem de acolher a gratuidade como expressão de fraternidade. (CV 34)

Neste sentido, a doutrina social indica que o mercado económico deve ter uma justiça distributiva e social, e não só comutativa, pois sem solidariedade e confiança não se atinge a coesão social. Este mercado deve ter princípios como a transparência, honestidade, responsabilidade, mas também o da gratuidade, a lógica do dom, a caridade e a verdade. A gratuidade tem de estar presente para alimentar a solidariedade e a responsabilidade pela justiça e o bem comum (CV 35-38)

O desenvolvimento do mundo levou à globalização e provocou o fim das fronteiras materiais e culturais, possibilitando uma unidade da família humana, sendo necessária uma orientação cultural personalista e comunitária, com abertura ao transcendente, para um processo de integração mundial. Pois, algumas pessoas reconhecem os seus direitos, mas esquecem-se dos seus deveres. (CV 42-43)

A evolução também alterou a forma de comunicação, permitindo uma maior relação entre os homens, podendo levar a uma verdadeira comunhão, mas pode também conduzir a relações superficiais, relações não fraternas. O homem pode experimentar a solidão, fruto da reclusão em si, da recusa do amor de Deus, do pensamento de autossuficiência, do pensamento de ser um facto passageiro e insignificante, levando à sua alienação e à adesão a falsas utopias e ideologias. O homem desenvolve-se integralmente relacionando-se com os outros e com Deus, “para que sejam um como Nós somos um” (Jo 17, 22). (CV 53-54; DCE 30; GS 6.23)

O desenvolvimento tecnológico, ligado à biologia e bioética, e económico não chegam para o desenvolvimento integral do homem, pois limitam-se ao “como” e não incluem o “porquê”. O desenvolvimento integral só é possível com homens retos, conscientes do bem comum, centrados num amor verdadeiramente humano que reconhece o bem que lhe precede. (CV 68-70.74)

Os problemas socioeconómicos (p.e. migrações, pobreza, desemprego...), a manipulação da comunicação social e os acordos internacionais curtos de paz estão ligados, por vezes, apenas a aspetos técnicos e com origem na tecnologia, mas a sua resolução tem de estar relacionados com a solidariedade, a educação, a verdade da vida, a promoção da dignidade humana, animados pela caridade, ao serviço da verdade, do

bem e da fraternidade natural e sobrenatural para serem duradouros. (CV 60-63.72-75; GS 77-90; OT 16)

Os problemas do desenvolvimento dos povos levam ao desânimo e à rendição. A mentalidade técnico-científica do mundo leva a considerar os problemas interiores como psicológicos, pois valoriza-se o material em detrimento do imaterial, da interioridade. Assiste-se a um eclipse de Deus e por consequência do sentido do homem, levando a que a vida seja uma “coisa” que o próprio pode dominar, valorizando o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo, prevalecendo o ter ao ser, deixando de questionar o sentido autêntico da vida. O homem, sem Deus, não sabe o caminho a seguir e quem é, não conseguindo gerir o progresso. É na consciência moral de cada um que se verifica este eclipse, que depois influencia a sociedade, levando a uma confusão entre o bem e o mal. (CV 76-78; EV 21-24)

A evolução rápida do mundo, para lá de tudo de bom que proporcionou, também levou a uma alteração de mentalidades, de valores, da consciência moral, das leis e o afastamento da vida religiosa em detrimento da científica. Criando condições para alguns conflitos em que o homem é em si causa e efeito, pois não conseguiu acompanhar tal evolução. Mas a fé e a ciência, em conjunto, podem contribuir para eliminar esses conflitos, criando um mundo mais justo e melhorando o bem comum. (GS 5-8.36-37)

O homem no seu íntimo tende para uma vida plena. A Igreja acredita que Jesus é a luz do caminho que orienta o homem na busca da vida plena, logo ajuda na resolução dos problemas atuais da sociedade. Cristo mostra o Amor de Deus (1 Jo 4,8) e o mandamento do amor como caminho para a perfeição e realização humana. Os valores que existem na humanidade são bons, têm origem em Deus, mas a contaminação do coração humano fez com que sejam vistos de outra forma, é preciso observá-los corretamente, para a construção de um mundo fraterno (GS 9-11.38-39)

O desenvolvimento tem de ter como centro o Homem, “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,27), que confere uma dignidade inviolável e um valor transcendente das normas morais naturais. O homem na sua essência tem o Amor e a Verdade que indicam o bem e a felicidade, indicando o caminho para o verdadeiro desenvolvimento. Este desenvolvimento deve ter em conta a solidariedade, o acompanhamento, a formação, o respeito por todos, o respeito pelo ambiente, o respeito pelos recursos energéticos não renováveis e o respeito pelas futuras gerações. O desenvolvimento humano integral deve ter como orientação a força da caridade na verdade, assim o homem tem de adotar

uma nova mentalidade, novos estilos de vida, em benefício do bem comum. Tudo o que diga respeito à vida humana deve ser considerado numa visão global e integral do homem, tendo em conta a sua vocação natural e terrena, bem como a transcendente e eterna, é necessário haver uma nova visão de ajudar o próximo, uma ajuda humanitária global. (CV 45-52; DCE 30; HV 7; LS 202)

O mundo necessita de uma viragem cultural, de um novo estilo de vida, reforçando-se a consciência moral do valor da vida humana, valorizando o ser e não o ter, valorizando a pessoa, o outro e não a matéria, o que permitirá a realização plena e integral da pessoa, a promoção da vida e do bem comum. (EV 96-101; GS 53-62)

O verdadeiro desenvolvimento humano passa pelo contributo da religião cristã integrada na sociedade, através da sua doutrina social. O diálogo entre razão e fé mostra a eficácia da ação da caridade e incentiva a colaboração fraterna entre todos, crentes e não-crentes, com vista à justiça e paz. A ajuda no desenvolvimento tem de incluir todas as dimensões da sociedade, pois existem leis naturais que não podem ser esquecidas, na busca comum da verdade, do bem e de Deus. (CV 56-59)

No mundo atual, a questão do Senhor a Caim é bastante atual “Que fizeste?” (Gn 4,10), para que o homem reflita sobre os atentados à vida humana e à sua inviolabilidade, uma vez que alguns são resultantes do próprio homem e outros consequências da violência já instalada no mundo. Vive-se uma época que se por um lado se defende os direitos humanos e o valor da vida, provenientes de um longo processo histórico da humanidade, como direitos invioláveis, por outro em várias momentos os mesmos são desprezados. (EV 10.18.40)

O mundo está cheio de relações sociais e de instituições fruto dessas relações. Mas esta socialização leva a problemas, que poderiam ser evitados se as relações seguissem as leis morais, a justiça e a equidade com vista ao bem comum. Existem países com um bom nível de vida e os outros que não, assim a solidariedade humana, que une todos os homens e os tornam uma só família, indica que os países mais favorecidos devem ajudar os mais carenciados. A solidariedade humana procede da paternidade universal, os cristãos sentem mais intensamente por serem membros do corpo místico de Cristo (1 Jo 3,16-17), assim, a solidariedade humana e a fraternidade cristã contribuem para o fim das desigualdades e realizam o Reino de Deus na Terra, tendo por base o princípio do destino universal dos bens, para que todos tenham dignidade, com vista ao bem comum. (LS 158; MM 59-67.121.153-159.259)

Hoje em dia verifica-se, cada vez mais, a colaboração entre as instituições estatais e a Igreja, o que demonstra que no seu íntimo, o homem sente necessidade de ajudar, de ser solidário com o próximo necessitado. As experiências de voluntariado, cada vez mais frequentes, mostram a solidariedade e o diálogo fraterno no seio da sociedade civil entre crentes e não crentes. (CDSI 419; DCE 30)

A solução dos problemas da humanidade tem de relacionar a razão e a fé. A colaboração entre a razão e a fé mostra o bem, a lei natural indica a grandeza do homem e o caminho para a salvação do homem. Os cristãos adotam o compromisso de procurar soluções para os problemas humanos na verdade eterna, em Cristo. (CV 60-63.72-75; FR 1-33; OT 16)

A modernidade tentou uma fraternidade sem Deus Pai, mas não conseguiu pois não havia o fundamento último, o amor de Deus para com todos. Um amor que leva ao perdão, pois o bem é mais forte que o mal. A luz da fé não apaga o sofrimento do mundo, mas dá esperança que através do serviço da fé se progrida no bem comum. A humanidade necessita de um sentido de vida verdadeiro. A fé, a esperança e a caridade (1 Ts 1,3; 1 Cor 13,13) levam o homem a preocupar-se com os outros na construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. (CDSI 575; LF 1-11.21-22.25-27.51-57; SS 2-38)

A Igreja manifesta o sentido último da vida humana, o mistério de Deus pela revelação do Jesus, a verdade plena. A Igreja, como mãe, preocupa-se com os problemas terrenos e com as ameaças à dignidade humana e procura elevar o homem, fazendo-o participar da grande família dos filhos de Deus, do Reino de Deus. A Igreja, orientando-se pela luz da caridade, tem de continuar a anunciar o Evangelho a todos procurando o bem comum, e reconhecendo tudo o que contribui para isso. O Reino de Deus não é neste mundo, mas começa a ser construído desde já, apesar de ainda não o ser. (CDSI 576; EV 1-3; GS 41-43; MM 3-6)

A palavra de Deus e o pensamento de ser filho de Deus ajudam o homem a produzir um novo caminho para um verdadeiro humanismo integral. O amor a Deus leva-nos a procurar o bem comum. O humanismo cristão reavive a caridade e guia-se pela verdade promovendo a realização de uma verdadeira vida social, a fraternidade. A fraternidade permite um desenvolvimento integral do homem no mundo atual. (CV 78)

Constata-se que a visão comunitária sempre esteve presente no plano de Deus, desde o homem e mulher serem uma só carne, um ser relacional, até completar-se em Jesus Cristo, que na sua pregação mandou aos filhos de Deus tratarem-se como irmãos e

que com a sua morte e ressurreição e com o dom do Espírito, estabelece uma comunhão fraterna. A ordem do mundo criada por Deus está na consciência do homem e realiza-se na vida social através da verdade, da liberdade, da solidariedade e da justiça, que levam à paz. A Igreja procura iluminar o mundo com a mensagem de Cristo, reunindo todos os homens num só Espírito, criando uma comunhão de homens, construindo um mundo mais justo, procurando construir fraternidade. (CDSI 383; GS 21-22.32.92)

Mas, no mundo atual há a necessidade de redescobrir os valores humanos e morais, valores fundamentais, que provêm da verdade do homem e que lhe confere dignidade, e colocar em sintonia a lei civil, em prol do bem comum. Os homens são chamados ao mesmo fim, a Deus, a viver em comunhão. Pois só na relação com o outro, numa vida social, é que o homem se realiza, levando a uma semelhança entre a Trindade e a Fraternidade dos homens baseada na verdade e no amor, pois o amor ao próximo é inseparável do Amor a Deus. Neste sentido é fácil compreender que o bem de cada um reflete-se no bem comum que inclui o respeito e a promoção dos direitos de cada um, o desenvolvimento dos bens temporais e espirituais, e ainda, a paz e a segurança de todos. Todos os homens, e os cristãos em particular, devem proteger, promover e fomentar as condições necessárias para melhorar as condições humanas em todas as áreas com vista ao bem comum, a uma fraternidade universal. (CIC 1878-1880.1905.1925; EV 71; GS 47-52)

3.2.3. Fundamentação antropológica

Para compreender o homem e tentar responder a questões fundamentais como “De onde vimos?” ou “Para onde vamos?” é fundamental conhecer a sua história. Assim, cada nova descoberta sobre o homem e a reavaliação das antigas permite compreender melhor o nosso passado, o presente e projetar o futuro. (E. Cunha, 2010, 11-12)

Para conhecer o passado do homem, a paleontologia humana dá um contributo fundamental, pois a maior parte da história do homem refere-se a um período em que a escrita não existia. Essa história do homem, dos hominídeos, enquadra-se num tempo designada de pré-histórica, o período mais longo da Humanidade, isto é, desde o aparecimento dos primeiros hominídeos (3,3 milhões de anos) até à invenção da escrita (3500 a.C.). (Amaral, Alves, Jesus e Pinto, 2012, 14-29; Barreira e Moreira, 2014, 2-31;

E. Cunha, 2010, 12; Neves, Maia, Baptista e Amaral, 2002, 14-35; Oliveira, Cantanhede, Catarino, Gago e Torrão, 2012, 4-29)

Há cerca de 12.000 anos, a temperatura na Terra aumentou e provocou uma alteração na fauna e flora. Uma vez mais o homem teve de se adaptar, os animais tinham partido para outros locais devido ao degelo, Período Glaciar, e surgiram novos cursos de água que produziam cereais espontaneamente. Nesta altura, há cerca de 9.000 anos a.C., o homem decidiu e começou a produzir as suas próprias fontes de subsistência, começou a cultivar, a semear, surgindo a agricultura e a domesticar animais. Estas práticas levam o homem a ficar junto dos campos e dos animais, tornando-se sedentário. A ação humana levou a uma transformação do meio. Para transportar os produtos, o homem inventou a roda e o barco, todas estas alterações, uma verdadeira revolução, dão origem a um novo período, o Neolítico. O homem torna-se sedentário, as tendas e cabanas dão lugar a casas permanentes, surgindo as aldeias. Nas aldeias, as tarefas eram divididas entre os membros da comunidade de acordo com as suas capacidades, levando a uma diferenciação social. Tanto os homens como mulheres tinham papéis fundamentais na sobrevivência da comunidade e do bem comum. (Amaral et al., 2012, 14-29; Barreira e Moreira, 2014, 2-31; Neves et al., 2002, 14-35; Oliveira et al., 2012, 4-29)

O homem, um dos muitos primatas vivos, tem inteligência e capacidade de adaptação, o que constitui a base do seu sucesso evolutivo. Facilmente se constata que o homem tem uma origem comum, biologicamente tem uma descendência comum, o que torna todos irmãos, todos iguais e todos com a mesma dignidade. Pelo que a humanidade é uma sociedade de irmãos. Os cristãos vão mais longe e afirmam que essa origem comum é em Deus, Deus Pai. Antropologicamente, a pessoa humana é o conjunto das suas dimensões e aspetos. Esta conceção é reforçada no âmbito religioso pela doutrina da criação. A conceção teológica do homem refere que a pessoa é um todo orgânico. (Coutinho, 2004, 340.346; E. Cunha, 2010, 11-20.144-148)

Mas para falar do homem existem vários pontos de vista, pelo que a palavra antropologia pode tornar-se confusa. Surge logo a questão se a reflexão é numa perspetiva biológica, cultural, filosófica, bíblica, teológica, entre outras, ou se é a conjugação de todas ou de algumas. (Castro, 2011, 29; Ladaria, 1996, 9)

A reflexão da Antropologia Filosófica é complexa e tem como questão central o antropocentrismo. O antropocentrismo filosófico baseia-se na via da afirmação conjunta

do primado da existência e do ser do homem, em relação a todas as outras categorias. (Castro, 2011, 29.33)

Kant inverteu a reflexão do ser para o homem. Construiu o pensamento como filosofia crítica e como pensamento transcendental conduzindo o homem a um lugar fundamental, mas problemático e crítico. A elevação do pensamento, da ação e do real, leva a que o homem para ser plenamente sujeito tenha de ser objeto de si mesmo. Este é o centro do antropocentrismo moderno, longe das definições do ser relacional ou à imagem e semelhança de Deus. (Castro, 2011, 31-33)

A Antropologia Filosófica, no séc. XXI, articula o pensamento especulativo com os dados das ciências humanas e biológicas e afirmação do ser do homem resistente às determinações positivas, dada a sua matriz ontológica-existencial. (Castro, 2011, 33)

Para Husserl e Heidegger, a questão da subjetividade e intersubjetividade relacionam-se com a fenomenologia e as filosofias da existência. Husserl explica a intersubjetividade dizendo que o outro é condição para a constituição do eu, partindo do eu em direção ao mundo e ao outro. Heidegger refere que a relação com o outro é uma relação de conhecer, de ser, de ser-com-os-outros, relação constitutiva do próprio eu, e que desde sempre estamos com-os-outros. Nesta linha de pensamento, Carlos Beorlegui refere que não há um eu sem algo que não seja eu, que não há consciência que não seja consciência de algo e que o outro, não se funda no meu eu, mas em si mesmo, que também é um eu. Contudo, o meu eu não esgota a minha realidade, pois no meu interior existem dimensões que não domino (o inconsciente), pelo que o eu só se concretiza com o outro. (Castro, 2011, 41-42)

H. Jonas (2007), para uma ética moderna, formulou o Princípio da Responsabilidade para todo o ser humano. Essa universalidade parte do carácter axiomático e da sobrevivência da espécie humana. H. Jonas (2007) critica todas as éticas anteriores à condição pós-moderna, devido ao fixismo e essencialismo incompatíveis à pós-modernidade, sendo a realidade fixa e determinada, a relação Homem/Natureza nunca se colocava a nível ético. Todas as éticas eram antropocêntricas. As alterações da vida pós-moderna, nomeadamente ecológicas e da biomedicina, levaram-no a formular um princípio base para uma nova ética, nomeadamente: “Age de tal maneira que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a preservação da vida humana genuína” (Jonas, 2007, 46) O pensamento ético de Hans Jonas procura ser uma resposta concreta às questões atuais. Tem uma inspiração naturalista, recusa o antropocentrismo e coloca em suspenso a dimensão da

transcendência, embora não elimine o divino da existência humana e natural. Esta ética procura ser fundamento de um novo humanismo, pois a questão é saber se o homem poderá continuar a existir dadas as transformações que tem existido na sociedade. (Castro, 2011, 45-47; Jonas, 2007, 27-61)

José Acácio Castro (2011) refere que “Dar prioridade à salvação da Criação talvez seja o início de um caminho que, reconciliando Homem e Natureza, reconduzirá o Homem a Deus”, este caminho em direção a Deus permitirá olhar o mundo de uma outra forma, com mais Amor, possibilitando a construção de um mundo melhor. (Castro, 2011, 47)

A reflexão filosófica da antropologia realça a importância do eu e do outro para a realização de todos. Neste sentido, a relação tem de ser boa, com vista atingir o bem comum, um mundo mais justo e mais fraterno.

À luz da antropologia personalista, uma pessoa humana não se realiza como tal sem reconhecer no outro, um digno de amor. No mundo atual pensar o próximo vai para além da proximidade geográfica, pois a globalização apagou as fronteiras da terra. A família humana é a que forma todos os homens. Assim a fraternidade, como meta e projeto humano, contém todos os homens, como se estivessem ao “nosso lado fisicamente” (Orcal, 1997, 580)

O homem procura construir um mundo mais humano, tem esperança, acredita na fraternidade, para tal combate as injustiças. O valor absoluto do homem é uma convicção religiosa, humanista e também política. A nível político é necessário uma organização social que permita um desenvolvimento integral da pessoa, pelo que a democracia parece a forma “menos má” de atingir esse objetivo, mas tem de ser humana e não só institucional. A medida da qualidade de uma democracia fraterna é aferida pelo trato que recebem os mais débeis. Parece utópico, mas é preciso sonhar e ter esperança para se construir um mundo melhor. (Orcal, 1997, 581)

Entre a antropologia e a teologia há aspetos comuns na procura de respostas às questões fundamentais do homem, pelo que não se deve cair em extremismos. A antropologia cristã tem de se basear na realidade, nos parâmetros antropológicos, em elementos transculturais e intemporais, sem extremismos. O mundo vive cheio de divisões, como: fé e razão, religião e cultura, teologia e filosofia, o que no início do cristianismo não existia. (Rulla, 1990, 58-61)

3.2.4. Fundamentação Moral

A liberdade dá ao homem a capacidade de decidir, escolher e agir, apesar de todos os condicionalismos existente no mundo. Mas a liberdade do homem tem limites, caso contrário chegava-se à sua negação, pois não se respeitava o outro. Assim, o homem por ser livre torna-se moral. Com a sua liberdade e com os valores morais de que possui, o homem deve procurar fazer o bem comum, pois só assim se realiza como pessoa. Para tomar as suas decisões o homem recorre à razão e aos seus valores, não devendo ser condicionado por fatores externos. A liberdade de escolha enriquece o homem e determina o que somos e o que queremos ser, devendo ter em atenção o bem comum como realização plena. A moral solidifica-se na pessoa através da configuração de uma atitude e só depois como um discernimento do comportamento. (Piana, 1992, 1064-1068)

A atitude moral refere-se a um conjunto de disposições adquiridas que nos levam a reagir diante um determinado campo de valores, como a vida ou a verdade. O Valor da Vida é o que sustenta os valores básicos morais. Logo, o Direito à Vida é o principal direito, sem o qual todos os outros perderiam a sua lógica. A vida só é verdadeiramente humana quando é assumida a sua responsabilidade e gerida como realização da pessoa humana, o seu sentido ético. A vida do "outro" exige reconhecimento, pois é diante desse outro que a primeira pessoa é constituída como sujeito de responsabilidade, ou seja, como sujeito ético. Para o crente, a vida do outro indica a relação com o "Outro" que é Cristo. O valor da vida é mais que o aspeto biológico, é a base da humanização, é a vida plena e a realização do homem. (J. T. Cunha, 2001, 29-30; SantaBárbara, 1998, 51; Sayés, 1997, 76)

Mas vivemos numa sociedade de contrastes, pois fala-se de globalização e ao mesmo tempo de individualismo. Muitas vezes, a vivência do homem passa pelo fechamento em si mesmo, o isolamento, o individualismo, separando-se do mundo real. O homem rompe o seu processo de personalização, destrói-se, gerando violência, levando a que uns vivam com uma consciência anestesiada, indiferentes a tudo e a todos, e outros vivam numa revolta provocada pela inveja, pela frustração e pela angústia. O que leva à perda do sentido da vida. (Oliveira, 1991, 184-186)

É preciso cortar com o individualismo dominante, afastar tudo o que impede o crescimento do Ser e acreditar que o processo de criação está em nós. Para acreditar

numa sociedade construída em harmonia com a criação é preciso estabelecer laços com todos, para viver autenticamente e em consciência. (Oliveira, 1991, 184-186)

A verdade do Ser resulta das relações com os outros. Cada pessoa é um ser único aberto à liberdade. Cada um desempenha as suas funções dando-se à integração num sistema aberto aos outros, construindo a sua identidade que tanto pode humanizar como desumanizar. Para encontrar o equilíbrio é fundamental o diálogo, a abertura à aprendizagem e o reconhecimento de cada um para continuar o processo de aperfeiçoamento. Os mecanismos humanos podem orientar para o bem, dom oblativo, mas também conduzir a um ódio destruidor. (Domingues, 2000, 27-28)

Questões fundamentais como “Quem somos?”, “De onde viemos?” e “Para onde vamos?” sempre marcaram a humanidade, mas o mundo atual mostra a importância de compreender o que cada um é e a sua relação com o outro, para a construção de um mundo melhor. (Andrade, 2010, 9)

Andrade (2010, 9-11) refere que o homem para ser Ser Humano tem de reconhecer o outro, a si no outro e a si a partir do outro e isto acontece na história. Na visão cristã, sendo o Homem imagem de Deus, tem de viver uma relação fraterna com os outros, como a Trindade. Mas as relações com os outros necessitam do Direito e da Justiça para as regular. Andrade (2010) considera a Fraternidade como componente do Ser e importante na organização da sociedade, em articulação com a Liberdade e Igualdade, considerando-a como um direito fundamental. Pois a procura da fraternidade nos homens parte da essência do ser humano que sabe o que é, mas também o que dever ser. (Andrade, 2010, 21-23)

Mas observando o mundo, com base na tríade republicana da revolução francesa (1848): liberdade, igualdade e fraternidade, esta última parece esquecida na relação com o outro em busca da justiça social. A liberdade e a igualdade, ao longo dos tempos, aparecem como princípios jurídicos, já a fraternidade como uma virtude cívica, mas todos relacionados com os direitos do homem. Alguns filósofos referem a liberdade e a igualdade como uma dimensão individual, o que a filosofia política mais valoriza, e a fraternidade a uma dimensão relacional. Levando, por vezes, a substituir fraternidade por justiça, mas justiça não é tanto um princípio e já se encontra subentendido nos anteriores. Por vezes, a fraternidade é vista como um princípio da solidariedade social, suportada na ideia de um laço fraternal que une os homens numa só família, com uma base religiosa, um termo que só se aplica às pessoas. (Andrade, 2010, 27-28; Munoz-Dardé, 2001, 632-634)

Munoz-Dardé (2001) refere que John Rawls propõe que a ideia de fraternidade tenha uma nova reflexão e interpretação como princípio complementar da Igualdade e Liberdade, referindo que a igualdade dos bens sociais primários é preferível à desigualdade com os desfavorecidos, analisando simultaneamente e metaforicamente, com referência à família e irmãos, levando à cidadania. Todos são tratados como indivíduos, na relação com o outro, todos constituem uma família. (Munoz-Dardé, 2001, 633-636)

O conceito político de fraternidade deve ser entendido como coesão social, um humanismo universal. A fraternidade, na perspectiva distributiva, é a justiça distributiva concreta, que permite a realização de cada um. A fraternidade, como virtude, projeta para uma comunidade política perfeita, em sintonia com uma comunidade espiritual de irmãos, uma comunhão, o paraíso perdido. O desenvolvimento político da noção de fraternidade passa pela análise das necessidades de cada um, a articulação com as instituições que as possam solucionar, formular e implementar uma teoria de justiça distributiva que permita a todos, aos irmãos, participar do contrato fraternal. (Munoz-Dardé, 2001, 633-636)

Na fraternidade, o homem toma consciência da sua liberdade, que o outro é igual a si, sabe da igualdade e da liberdade. Neste sentido, o homem procura uma ordem jurídica através do Estado para criar uma sociedade humana, onde se harmonize as relações entre os homens, os cidadãos, como uma grande família, levando a uma fraternidade. A lei jurídica expressa a vontade racional. A essência de um Estado, ser como “família”, é que os indivíduos se juntem na ação de ser Ser Humano e que não haja luta pela riqueza. (Andrade, 2010, 128.210-221)

Para alcançar a fraternidade o homem apela ao infinito, tem consciência de que é humano, sai de si e busca o outro, age na procura do outro, supera o individualismo, a identidade e a diferença dos homens, e torna todos como humanidade, surgindo a solidariedade como o primeiro momento da fraternidade. (Andrade, 2010, 79-96.136-143)

A solidariedade atual é um novo estilo de vida, uma preocupação pelos outros e pelas gerações futuras. A evolução do mundo no século XX foi influenciada pelas duas Guerras Mundiais, pois desrespeitaram a dignidade do ser humano, e para evitar acontecimentos semelhantes, os países decidiram criar em 1945 a ONU. Essa preocupação está espelhada, por exemplo, nos Acordos Internacionais sobre os Direitos Humanos, na DUDH, na Convenção de Genebra sobre os Refugiados, na Declaração

das Nações Unidas dos Direitos Básicos das Crianças. Apesar da tomada de consciência, da tomada de iniciativas, isso não chega. É preciso viver no dia a dia essas afirmações. (Oliveira, 1991, 185-186)

A fraternidade enquadra-se nos direitos que visam o género humano, direitos de terceira geração.¹ Exemplo disso é a DUDH, da Assembleia Geral da ONU, de 10 de dezembro de 1948. O Art.º 1º faz referência à fraternidade. (Andrade, 2010, 27-35)

Os direitos humanos são naturais, invioláveis, inalienáveis e universais. Naturais porque surgem da natureza humana e são anteriores ao direito positivo. Invioláveis porque ninguém pode ser privado dos seus direitos fundamentais. Inalienáveis porque ninguém pode recusar a titularidade de um direito. Universais porque são para todos os seres humanos. Na visão cristã, todo o ser humano tem dignidade dado ser imagem e semelhança de Deus. (SantaBárbara, 1998, 44-46)

A fraternidade só acontece na sociedade humana e se o homem estiver em relação com o outro. Na relação com o outro, o homem torna-se Ser Humano. A Humanidade é a relação entre todos, que vai para além da religião. O mandamento de Cristo “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”, reflete isso mesmo, pois exige a presença do outro com quem se relaciona. Na Humanidade todos são livres, iguais e fraternos e procuram construir uma sociedade mais justa. Na visão cristã, todos são irmãos porque são filhos de Deus. (Andrade, 2010, 40-43)

O Homem tem na sua essência o Ser que se alcança através da relação com o outro. O Ser Humano é o devir do homem consciente do que não é e do que deve ser. Há um processo devir, pois Ser Humano é a razão do ser homem, fazendo-se fraterno sem ser necessário recorrer ao transcendente. Este pensar pela razão do outro leva o homem à essência do Ser Humano. O Ser Humano é causa e efeito, e o homem um meio. Mas, por vezes, o homem aliena-se do ser humano pelo processo histórico, tornando-se individualista. Para se ser Ser Humano e realizar a Humanidade é preciso o outro e sendo Ser Humano constrói-se um mundo melhor. Homem e Ser Humano são dois aspetos da realidade, o aparente e a essência. Ter consciência de saber Ser Humano é essencial para o homem criar racionalmente condições para surgir como Ser Humano,

¹ SantaBárbara (1998, 50-63) recorre à classificação de Karel Vasak para agrupar os direitos e para mostrar a sua evolução. Os Direitos de primeira geração visam diminuir a influência do Estado na vida de cada um, são os Direitos Cívicos e Políticos, como por exemplo o direito à vida, à sobrevivência, à propriedade e à liberdade. Os direitos da segunda geração implicam uma maior participação do Estado para que os homens tenham os direitos fundamentais, os Direitos Sociais, Económicos e Culturais. Os direitos da terceira geração visam a humanidade e a sua proteção, que procuram reconhecer os valores para a convivência harmoniosa em sociedade, como a solidariedade e a fraternidade. Os direitos de quarta geração, estão relacionados com os avanços sociais, genéticos e tecnológicos.

constituindo uma unidade, surgindo a humanidade fraterna e não uma comunidade de homens. (Andrade, 2010, 51-79)

Pela razão, o homem conhece a si mesmo como Ser Humano, podendo alcançar a liberdade e construir um mundo melhor, mais humano, mais próximo do modelo divino. A evolução da sociedade é consequência da ação do homem. Pelo que a fraternidade é o fim último do mundo da cultura, uma vez que a organização é mais correta. (Andrade, 2010, 79-96)

Para que haja uma verdadeira fraternidade é necessário que haja liberdade e igualdade, contudo no mundo ainda existem situações que impossibilitam uma verdadeira sociabilização, uma vez que impossibilitam a consciência de si a partir do outro, pois não reconhecem o outro como livre e igual. Pela sua ação, o homem torna-se Ser Humano e constrói uma humanidade, cujo objeto da relação é a fraternidade, com base na liberdade e igualdade. Com base na razão, o Ser Humano é ação do homem na organização social, política e moral, alcançando a essência humana, a fraternidade. (Andrade, 2010, 110-119.125-128)

Mas o homem tem consciência da sua abertura ao infinito e dos limites como criatura, isto leva-o a trabalhar no seu futuro, pois tem aspirações. Ser e fazer-se constituem a existência Humana. Mas isso tem de ser na relação com os outros e com o mundo. A luta por uma sociedade mais justa está no coração da história da salvação, pois há falta de fraternidade e de amor nas relações com o próximo. (Piana, 1992, 1077-1078)

A compreensão do homem como imagem de Deus orienta a difícil fundamentação da moral cristã, tanto nos aspetos formais como conteúdos morais, pois projeta para um horizonte de uma cosmovisão que funciona no âmbito das motivações e finalidades do comportamento humano responsável. (Flecha, 1989, 117)

J. Duque (2011) refere que a reflexão de Kant sobre a religião tem por base que o mal está radicado na natureza humana, isto é, que o homem é mau por natureza. Este mal identifica-se com o mal moral, pois o homem tem consciência da lei moral, mas afasta-se dela. Na origem do homem está o desejo do bem, mas na sua natureza também está presente o amor-próprio que o orienta para o mal, pelo que, segundo as tradições aristotélicas e platónicas, existe uma tensão entre o que é e o que deseja ser. Daí que a salvação do homem, a vitória do bem sobre o mal, é de ordem escatológica, sendo necessário superar esse individualismo. Logo é necessário que todos os homens pensem no outro para o bem da humanidade. A salvação do homem é dom de Deus e não pura

construção humana. Para tal é necessário que o amor-próprio dê lugar ao ágape, possibilitando a realização de uma comunidade ética com base nas leis de Deus, dando origem a uma sociedade que é “povo de Deus”, uma sociedade fraterna. (Duque, 2011, 50-55)

O caminho cristão, solidário com os movimentos que procuram moralizar a humanidade, tem de aparecer com uma forte orientação escatológica, que em termos seculares poderá traduzir-se numa orientação prospetiva e imaginativa. Contudo a dimensão ética cristã é coerente com as ciências antropológicas, como vimos anteriormente. (Vidal, 1990, 869-870)

Nesse sentido, M. Vidal (2001) apresenta a moral cristã como uma ética simbólica, com base na racionalidade ética e no contexto da fé. Uma ética de autonomia teônoma que apresenta conteúdos humanos e referencias religiosas cristãs. A simbólica do “contexto cristão” concretiza-se em Jesus, o acontecimento normativo, emanando outros como a caridade, o seguimento, a fraternidade e a igualdade. Todos constituem o universo simbólico da moral cristã. (Vidal, 2001, 77)

No NT, “Deus é Amor” (1Jo 4,8.16), o seu Ser e o seu atuar baseiam-se no Amor, orientando a moral cristã para uma moral de Amor, tal como antecipa o AT (Dt 6,5; Lv 19,18), formula Jesus (Mc 12,28-34), reconhece Paulo (Rm 13,9), aprofunda João (1 Jo 3,23) e enuncia a Teologia. No NT e na Patrística, a fraternidade universal não é algo estático, mas algo em constante construção. Tal como o homem que tem de reconhecer o outro para se tornar pessoa. (Ratzinger, 1964, 1149-1150; Vidal, 2000, 52)

O CVII refere a caridade como a síntese das exigências da vocação cristã, sendo o fundo da moral cristã. A caridade é o caminho da ética cristã, o caminho da perfeição pessoal, da transformação do mundo, baseada no mandamento do Amor. (Vidal, 2000, 51-53)

Neste sentido, o cristianismo trouxe uma nova ética, que transforma as coisas pelo interior, levando ao fim de alguns problemas. Colocar o espírito de fraternidade nas organizações sociais continua a ser um fundamento da ética cristã. Mas a construção de fraternidade não é simples e natural, é um dever espiritual propô-la e realizá-la através de atos e atitudes. A fraternidade cristã não pode ser apenas algo sobrenatural e de vida interior, mas de conhecimento e de vida exterior. (Ratzinger, 1964, 1162)

Os cristãos estão destinados a construir a “comunhão dos santos”, procuram uma unidade e têm esperança. Logo, o destino de cada um relaciona-se com o do outro,

constituindo um todo. O Destino dos cristãos é a salvação de todos. (Ratzinger, 1964, 1160)

A fraternidade cristã é alimentada e concretiza-se na vida da comunidade cristã (Mt 18). Depois é alimentada em encontros fraternos como é o caso da eucaristia, exemplo de uma comunidade fraterna. Neste sentido, para a ética da fraternidade ser cristã, o interior deve refletir-se na realidade. (Ratzinger, 1964, 1160)

Na Igreja, a Palavra e os Sacramentos constroem a comunidade e a comunhão fraterna. Pela Palavra, a Igreja anuncia e leva o homem, a humanidade, para o Reino de Deus, e pelos Sacramentos, meio de graça, reflete a vida do Povo de Deus. Sendo por exemplo: o batismo, a incorporação no Corpo de Cristo, a comunidade agregada do Deus visível; a Eucaristia, a reunião da alma com Cristo e o banquete fraternal; e, a penitência, a absolvição pessoal e a reconciliação com a comunhão da Igreja. (Ratzinger, 1964, 1161)

O cristão está chamado, no quadro da mundividência que professa e pela qual organiza a sua vida, a superar o individualismo, a recuperar a denominação de irmão que foi abandonado e a recuperar a dimensão social do Evangelho, entrando na realidade cristã. Pois a fé não é em Deus, o Pai, mas em Deus, nosso Pai, conhecido no seu Filho do qual somos irmãos, pelo que não posso ignorar os outros irmãos. Estes pontos de vista têm de influenciar o anúncio da Palavra e a celebração dos sacramentos. O anúncio não é de ideias filosóficas, mas tem por objeto o Corpo de Cristo. A celebração dos sacramentos, nomeadamente da Eucaristia, deve relacionar-se com a comunidade, não limitar ao interior da Igreja, mas tem de refletir-se no quotidiano da vida. Levando a que atitude fraterna seja para os que estão fora da igreja, reconhecendo responsabilidade fraterna pela vida em relação aos outros. (Ratzinger, 1964, 1161-1163)

A Fraternidade é uma tarefa urgente, tanto para os de dentro como para os de fora da comunidade. (Ratzinger, 1964, 1163-1164)

A comunidade fraterna cristã, na sua essência, está aberta aos outros, a todos os homens, o que deve ser assumido numa ética de comunhão cristã. O cristão, seguidor do mandamento do amor (Lc 10, 25-37), não pode limitar a fraternidade apenas a irmãos e a situações de perigo, mas a todos e a todos os momentos da vida (Mt 5,47). A fraternidade cristã leva a que o homem seja justo com os outros, cristãos e não-cristãos. (Ratzinger, 1964, 1164-1165)

A fraternidade cristã tem na sua essência a correção fraterna (Mt 18,15-18), a correção do irmão face a face, a qual é uma norma concreta. Contudo existem caminhos

diferentes, cada um pode ter um percurso diferente dentro da unidade da fé, manifestando a riqueza da grande família de Deus. (Ratzinger, 1964, 1163)

A Igreja através da missão cumpre a sua vocação de abertura ao mundo. Transmitindo a todos a boa nova, os cristãos devem ser a luz da vida (Mc 4,21; Mt 5,14; Fl 2,15), devem dar o testemunho da palavra (Mt 28, 19), incluindo os leigos, construindo fraternidade. (Ratzinger, 1964, 1165)

Presente na história dos humanos, Deus transforma a história em teofania salvífica, Deus faz-se homem. Através de Cristo, o ser humano ganha a consciência que tem de pertencer a uma realidade mais vasta, que o leva a relações universais entre todas as criaturas. Cristo lembra-nos a nossa condição de seres relacionais e convida-nos para passarmos de uma história pessoal para uma universal, construindo fraternidade. (Varanda, 2007, 80-86)

3.2.5. Relevância Educativa

Ao longo da história verifica-se que o homem tem causado vários atentados à sua própria dignidade. Estes acontecimentos provocam males e refletem que o homem tem preferido colocar no centro da vida o seu interesse e não os interesses dos outros. Para os crentes, consiste em ir contra Deus, afastando-se de Deus. Contudo, todos os homens, crentes e não crentes, têm esperança de um mundo melhor, disso é exemplo os imensos acordos internacionais que se fazem à procura de um mundo melhor e da Paz.

Esses acordos tentam garantir os direitos humanos, mas trata-se de um tema complexo. Se hoje é um dado adquirido, algo natural, a história mostra que nem sempre foi assim. Com a modernidade o homem começa a tomar uma maior consciência dos direitos humanos, mas a pessoa humana não tem só direitos, tem também deveres, estando os dois relacionados. (SantaBárbara, 1998, 35-41)

Ter esperança de um mundo melhor é uma virtude que deve ser ensinada e cultivada. A base da esperança cristã, perante toda a dureza da vida, é de o homem crescer, até atingir a plenitude de Cristo. A dimensão escatológica da fé cristã dá uma perspectiva de futuro ao presente da humanidade, é a força que inspira, desafia e apela à responsabilidade. (Coutinho, 2004, 359; Queiruga, 2005, 132-133.138-139)

Mas o mundo atual suspeita das utopias, dos projetos globais e do futuro. O mundo pensa, muitas vezes, em termos pessoais e no presente, só depois no coletivo e

numa sociedade mais justa e fraterna. Pelo que o seu sentido da vida é parcial, não social, não fraternal, nem transcendental. (Beytía, 2008, 18)

A evolução do mundo proporcionou que as pessoas se tornassem fragmentadas interiormente. Parecem ser várias pessoas conforme o contexto social, levando a que haja falta de interesse pelos outros e pela sociedade, pois estão centrados em si próprios e na sua própria satisfação através de bens materiais e não pelo estilo de vida. O ser humano está absorvido pelo mundo que incentiva o individualismo e o consumismo, e não pelo amor ao próximo. Fala-se de um "mundo globalizado", mas não existe uma verdadeira relação pessoal. (Beytía, 2008, 12-14.17-18)

O homem atual tenta, muitas vezes, ser feliz através do consumo e da aquisição de bens, mas o grande mistério da felicidade não se limita aos bens que se pretende ter, por vezes, este tipo de comportamento leva ao inverso, à frustração. A compreensão antropológica da felicidade cristã tem um elemento específico, o facto de o Ser Humano ser um ser social e relacional, pelo que a felicidade é coletiva e a salvação universal. (Couto, 2002, 47-88; Dussel, 2007, 263-265; Velasco, 2007, 65-68)

Vivemos num mundo de transformações rápidas que impossibilita definir o melhor caminho a seguir. Há uma mudança do modo de viver, multiplicam-se as relações entre os homens, mas sem a sua conveniente maturação. Estas transformações levam a uma mudança de mentalidade pondo em questão os valores admitidos, sobretudo nos jovens que se tornam impacientes, inquietos e rebeldes. (GS 4-10)

O mundo atual apresenta-se poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio. E o homem torna-se consciente de que compete a ele dirigir as forças que suscitou, e que tanto o podem esmagar como servir. (GS 4-10)

É preciso mudar a cultura que fomenta o individualismo, o desinteresse e o consumo de experiências fúteis. Num mundo globalizado é necessário fomentar o interesse por um diálogo verdadeiro, por construir projetos comuns, ser capaz de se colocar no lugar do outro, sair do egoísmo, redescobrir a contemplação, o silêncio, procurar a realização da humanidade no amor. Pois o amor é a plenitude do desenvolvimento do ser humano. É preciso comunicar aos jovens, o futuro da humanidade, essa experiência de um mundo melhor e, na perspetiva cristã, de fraternidade, de salvação. (Beytía, 2008, 21-25)

Nos dias que correm, a formação da identidade do jovem é construída a partir do exterior, indicando o que deve ser, e não a partir do seu interior, indicando o que deveria

ser. A formação a partir do interior, através de reflexões e análises das experiências, permite um modo de ser completo, em sintonia com a fé, e a incorporação de valores universais com vista à construção de um mundo mais justo. Nesta formação completa e integral do jovem, a escola tem um papel fundamental. (Beytía, 2008, 21-25; GE 1-6)

A SE mostra uma humanidade, tal como a atual, marcada pela posse, cobiça, inveja e violência, retratada por exemplo no episódio de Babel, uma humanidade e identidade sem Deus. Mas reforça que o homem caminha para o futuro, para a salvação, orientando-se pelo passado. (Couto, 2002, 58-60)

Mas apesar do individualismo, o homem contemporâneo adere facilmente a movimentos de solidariedade devido ao seu isolamento, tornando-se um alvo fácil de manipulação das campanhas de solidariedade em massa. Contudo a solidariedade cristã é diferente, é concreta e autêntica com aqueles que ninguém ajuda, tal como Jesus fazia, sem interesse e sem aceção de nenhuma pessoa. O desafio é converter a solidariedade ambígua numa cristã, procurando atingir uma solidariedade de amor, a entrega de nós ao outro, ágape, construindo assim fraternidade. Pelo que o homem deve ser agente de transformação do mundo atual. (Duque, 2004, 11; Versaldi, 2017, n.º 5)

O mundo atual pode ser, muitas vezes, comparado à parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37). Os ladrões viram um “homem objeto” que podiam apoderar-se para aumentar o seu mundo e seu domínio, deixando-o meio morto. Os homens de poder, sacerdote e levita, que passaram pela estrada, vendo que este já não podia aumentar o seu mundo e o seu domínio, passaram ao lado. Mas o samaritano vendo o mesmo homem teve compaixão, interrompeu a sua viagem, cuidou dele, perdeu tempo e dinheiro. Os primeiros vivem para si e a partir de si, o samaritano vive para o outro e a partir do outro. (Couto, 2002, 243-247)

Vive-se num mundo globalizado, mas fragmentado, pois não existe uma verdadeira relação com o outro, e secularizado. A secularização também pode contribuir para um processo de individualização da busca do sentido da vida e da felicidade, isto é, sem ter em atenção o outro. Contudo o homem só se realiza plenamente na relação com o outro. (Velasco, 2007, 65-68)

Neste sentido, Velasco (2007) propõe o desenvolvimento da dimensão mística do cristianismo como resposta a esta crise, tal como Karl Rahner, isto é, que o cristão faça a experiência pessoal de Deus. A experiência de Deus é uma forma de realização da atitude teologal. Uma coisa é o conhecimento do amor que se obtém pelo estudo dos tratados sobre o amor e outra, a experiencial, o conhecimento que se obtém por ter sido

amado e por amar. Essa atitude teologal é, na reflexão cristã, fé, esperança e caridade. A vida plena em sociedade não se alcança apenas com acordos políticos, mas também pela amizade que une os cidadãos, pela fraternidade. (Velasco, 2007, 68-78)

Duque (2004) faz uma proposta para repensar um modelo de presença do cristianismo no contexto cultural atual. Propõe que a Igreja seja companheira do ser humano e da cultura, por dever evangélico para uma verdadeira humanidade. Defende que se realize um trabalho profundo de leitura crítica da cultura e que se anuncie o Evangelho como solução dos problemas, pela da dignidade do ser humano, criando novas formas culturais e ajustadas para constituir alternativa à cultura consumista que vai absorvendo a humanidade. Só o respeito pelo outro concreto é que permite acolher o outro naquilo que é, isto é, como pessoa humana, com base numa solidariedade que “não dá nas vistas”, pois não existe para parecer, mas para ser o que é. (Duque, 2004, 125-128)

O pluralismo do mundo atual leva à existência de um "mundo fragmentado" que só se consegue compreender com uma chave de pluralidade, pois vive-se em “vários mundos do Mundo”. (CEP, 2008, n.º 12; Duque, 2004, 62-65) Neste sentido uma formação integral é fundamental para o objetivo da construção de um mundo mais justo.

A mudança de mentalidades na sociedade não é fácil, mas se todos pensarem na necessidade de mudança e fizerem algo por isso, consegue-se mudar lentamente, construindo uma sociedade mais justa e mais fraterna. (Beytía, 2008, 21-25) Neste sentido, a educação tem um papel fundamental na formação e mudança de mentalidades de forma a construir uma sociedade mais justa, mais fraterna. Pelo que a formação tem de ser completa e integral, logo o Ensino Religioso não pode ficar excluído. O ERE permite uma melhor compreensão da sociedade ocidental, pois a sua história e cultura tem muitos aspetos religiosos. (CEP, 2008, n.º 1, n.º 29; SNEC, 2007, 13-14.22-25)

A educação é um percurso de socialização, de formação para a cidadania e personalização, procurando uma educação integral do aluno para que cresça e se desenvolva como pessoa (CEP, 2002, n.º 4, n.º 13, n.º 18; 2008, n.º 5, n.º 24). A DUDH, Art.º 26º, n.º 2, refere que "*A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz*". A educação tem de permitir desenvolver as capacidades físicas, intelectuais e morais e transmitir valores morais e normas de

conduta para uma integração social. Como refere, Moreira (2012, 51-52), a escola deve acolher todas as vertentes que ajude a construir o homem de forma integral, pelo que a dimensão espiritual/religiosa não pode ficar de fora da formação do aluno. Sem a inclusão da dimensão religiosa na educação não haveria uma formação integral. A formação global do aluno passa pelo diálogo da cultura e dos saberes adquiridos noutras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa (CEP, 2002, n.º 9; 2006, n.º 6, n.º 9). A compreensão da realidade social, que a escola deve promover requer o conhecimento do fenómeno religioso, das suas expressões e das suas influências na sociedade. (CEP, 2006, n.º 1; 2008, n.º 3, n.º 7; Moreira, 2012, 10-13.32-38.44-52; SNEC, 2007, 13-14.22-25; 2014, I-IV.3-5.162-164)

A educação deve contribuir para um diálogo pacificador, possibilitando o encontro entre as diversidades com o objetivo de construir um mundo melhor, tendo na base um desenvolvimento integral e transcendente da pessoa e da sociedade. (Versaldi, 2017, n.º 15)

Como refere Moreira (2012, 50), a educação tem de ser educativa e cultural do facto religioso partindo das realidades históricas e seguindo a multiplicidade das suas dimensões. O caso da Europa que tem uma matriz cultural comum onde se integra a cultura grega, romana, hebraica, cristã, germânica, céltica, eslava e islâmica, leva à necessidade de uma educação para a identidade constituinte, integrada e integradora do conhecimento multidimensional, pelo que todas as dimensões do ser humano têm de ser tidas em conta na educação. O ERE tem um contributo válido pois parte de uma interpretação humanista e humanizadora da realidade humana. (CEP, 2002, n.º 2, n.º 5, n.º 7; Moreira, 2012, 11.23-24.50)

R. Debray (2002) refere que o religioso aparece em várias áreas de estudo e atividades humanas, pelo que o ensino do facto religioso é fundamental, sugerindo a passagem de um laicismo de incompetência para um de inteligência, levando ao entendimento do facto religioso integrado na sociedade. Esclarecendo que o ensino do religioso tem de ser objeto de cultura e não de culto, pois falta uma ciência do crer para definir o irreal no mundo real. Debray (2002) usa a expressão “facto religioso”, para encontrar o equilíbrio entre o culto e a cultura, assim o laico pode afastar a parte religiosa, tal como o crente pode afastar a parte positivista. Mas só estudando tudo é que se compreende a realidade humana, pois as religiões influenciam os factos. (Debray, 2002)

Em Portugal, facilmente se constata que o religioso está presente na sociedade. Pelo que é preciso compreender os factos sociais e religiosos para compreender a realidade social portuguesa. É fundamental ter um conhecimento do facto religioso, pois faz parte da história, é um facto da civilização, dado que a religião só existe porque está encarnada histórica e culturalmente. Desta forma, só se compreende verdadeiramente a realidade social com o conhecimento do fenómeno religioso. (Debray, 2002; Moreira, 2012, 53; SNEC, 2007, 13-15.18-25; 2014, III.4)

A educação escolar religiosa, como refere Moreira (2012, 50), deve ter uma abordagem educativa e cultural do facto religioso, partindo da realidade histórica. Debray (2002) defende que o facto religioso tem de ser abordado a partir da vida concreta, refletido e apreendido. A. Botton (2012, citado por SNEC, 2014, I) refere que uma educação secular preocupada em transmitir informações, não é suficiente para mudar mentalidades, daí que o ensino religioso contribua para a formação integral do aluno. (Botton, 2012; Debray, 2002; GE 1-6; Moreira, 2012, 50; SNEC, 2014, I-III)

Neste sentido, tanto a LBSE como as grandes declarações de direitos reconhecem a importância do ERE. Reconhecem ainda que os encarregados de educação têm a possibilidade de escolher a educação dos seus filhos incluindo a educação religiosa e moral (Art.º 26º da DUDH e Art.º 36 da CRP), que a formação tem de ser integral (Art.º 26º da DUDH e Art.º 3º, 7º e 50º da LBSE) e que o ERE defende e reforça a identidade nacional sendo fiel à matriz histórica. (CEP, 2006, n.º 7; 2008, n.º 17; Lei n.º 49/2005; SNEC, 2007, 13-15.18-25)

A educação a este nível está disponível na disciplina de EMRC. A disciplina responde às necessidades provenientes da realidade social portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento integral da pessoa, incentivando a formação de cidadãos livres, autónomos, responsáveis e solidários e enaltecendo a dimensão humana do trabalho, de acordo com a LBSE, Lei n.º 49/2005. A EMRC contribui para o reforço da matriz cultural portuguesa, dado que o desenvolvimento histórico é marcado pela mundividência cristã. A EMRC também promove o conhecimento do fenómeno religioso em outras religiões. A religião aproxima as pessoas, leva à concórdia e à paz entre os povos, permitindo construir fraternidade. (CEP, 2002, n.º 3, n.º 7, n.º 28; Lei n.º 49/2005, Art.º 2, pt. 4; Nunes, 2011, 107-112; SNEC, 2007, 13-15.18-25; 2014, I-IV.3-5.162-164)

A EMRC interpreta e favorece o fenómeno cultural como o campo do agir humano. A pessoa, imagem e semelhança de Deus, esta vocacionada à felicidade e

procura-a. Sendo o amor de Deus inseparável do amor ao próximo, a realização de cada um e a sua felicidade, só são possíveis com a fraternidade, na vivência da Verdade e do Amor. Pelo que a EMRC deve proporcionar uma reflexão que contribua para uma sociedade mais justa, mais fraterna. (SNEC, 2014, 154.163) Pelo que a UL "Construir fraternidade" refletida e trabalhada neste Relatório Final é relevante para a formação integral do aluno.

Importante neste enquadramento é o papel do professor, como afirma Santomé (2008, 66), pois é ele que irá transmitir a informação aos alunos. Não se pode esquecer que os alunos já têm uma experiência de vida, conhecimentos, conceitos, expectativas e juízos de valor apreendidos na família, na sociedade e na comunicação social. (CEP, 2002, n.º 12, n.º 19; 2008, n.º 9; Santomé, 2008, 66)

3.2.6. Opções pedagógicas-didáticas

Com a investigação realizada sobre o conceito de Fraternidade, verifica-se que a construção da fraternidade sempre foi um objetivo do homem, contudo nem sempre caminhou nesse sentido. A promoção do bem comum, o cuidado do outro e a procura da paz estão no mais íntimo do homem, mas o mundo reflete uma realidade diferente.

Todos os homens, independente da perspetiva analisada, têm uma origem comum, todos têm dignidade, todos são irmãos, logo formam uma grande família que habita o planeta terra. Os cristãos vão mais longe e referem que Deus é o Pai de todos os seres humanos. Em qualquer Família o amor deve estar presente para possibilitar uma boa convivência entre todos. Esse amor na Família que habita o planeta permite construir um mundo melhor. Algo que não é fácil, mas que se deve procurar constantemente de forma a construir uma sociedade mais justa, mais humana e mais fraterna.

Para tal é fundamental refletir sobre o nosso comportamento, mudar atitudes, tomar novas ações, substituir o ódio e a inveja pelo perdão e a correção fraterna, para assim acabar com as desigualdades e injustiças verificadas no mundo, privilegiando o bem comum e o cuidado do outro, criando um mundo melhor e mais fraterno, como uma “Grande Família”. Para tal é fundamental (re)educar para valores e atitudes esquecidas no mundo atual. Na visão cristã, o exemplo a seguir é o de Jesus, o caminho da vida e o mestre da fraternidade. Como refere Milcent (1978, 89) a construção da fraternidade tem de incluir o amor ao próximo e o amor a Deus. A fraternidade

contempla o reconhecimento do outro, da sua dignidade, outro que é igual a mim. E só reconhecendo o outro é que me torno verdadeiramente Humano, tal como os diversos autores abordados anteriormente referiram.

A construção da fraternidade não é fácil, obriga a ação, a atos diários, não basta apenas pensar e refletir, todos nós temos de fazer acontecer esse mundo melhor e mais fraterno. O homem tem de ser o transformador do mundo atual, havendo imensos exemplos de pessoas que fizeram muito por esse mundo mais justo.

Na perspetiva pedagógica-didática, verifica-se que o programa proposto pelo SNEC (SNEC, 2014, 60-61) para a UL 4 – Construir fraternidade, do 5º Ano de Escolaridade, está de acordo com enquadramento teórico. Os conteúdos apresentados no manual adotado (SNEC, 2015, 90-126) também estão de acordo, mas alguns têm uma visão catequética, não sendo os mais adequados para um ambiente escolar (cf. CEP, 2006, n.º 8). A planificação proposta pelo SNEC (2014, 60-61) é:

Metas	Objetivos	Conteúdos
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	- Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.	- O significado da palavra «fraternidade» e o seu alcance social e religioso; - Somos todos irmãos: - Todos somos seres humanos; - Todos somos dotados de razão e consciência (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo I); - Somos todos habitantes da mesma casa: o universo e a Terra são o nosso lar.
	- Valorizar a comum filiação divina.	- Deus, como Pai, ama a todas as pessoas: - Jo 13, 14; - Mt 7, 11; - Mt 5, 43-48.
G. Identificar os valores evangélicos.	- Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.	- Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo: - At 2,42-47; - At 5,12-16.
	- Verificar quais são as fragilidades e ameaças à fraternidade.	- O mal, fragilidades e ameaças à fraternidade, vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa: - Mentir; - Pensar mal do outro; - Desejar mal ao outro; - O conflito não resolvido e a violência; - A maledicência; - O egoísmo; - A inveja; - A ofensa; - A rejeição.

	- Identificar a perspectiva cristã sobre o perdão.	- A mensagem cristã sobre o perdão: - Sir 28,1-7, perdoar o outro e recusar a vingança; - Lc 6,36-38, ser misericordioso.
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	- Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.	- Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: - Aceitar os erros (a revisão de vida); - Estar disposto a pedir perdão; - Aceitar os outros, apesar dos seus erros; - Ser capaz de perdoar; - Aceitar ser perdoado.
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	- Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	- A regra de ouro, Lc 6,31: “O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também”. - Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida

Refletindo e analisando o programa proposto com o estudo efetuado e com o método da disciplina, o método existencial e hermenêutico (SNEC, 2007, 22; 2014, 154), o qual parte da realidade e exerce uma ação interpretativa, proponho uma nova planificação para a unidade, partindo da realidade do aluno:

Metas	Objetivos	Conteúdos
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	- Identificar fragilidades e ameaças à relação humana no contexto em que nos inserimos e no mundo que nos rodeia.	- As diferentes origens do mal e o sofrimento que provoca. - A dignidade e a felicidade da pessoa perante o mal.
	- Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano e os seus fundamentos.	- O comportamento do ser humano e as consequências nos outros. - Os Seres Humanos e a sua origem comum. - A Igual Dignidade da Pessoa Humana, a qual tem de ser respeitada.
	- Compreender a noção fraternidade no ambiente social e religioso.	- Noção de Fraternidade: laço de união entre os homens com base no respeito, na igualdade e nos sentimentos de afeto próprios dos irmãos. - Para os cristãos, todos são irmãos porque Deus é o Pai.
G. Identificar os valores evangélicos.	- Conhecer o fundamento da fraternidade para os cristãos.	- O Amor de Deus: Pai e os seus filhos. - Os Cristãos e a transmissão do Amor de Deus. O amor cristão e a fraternidade universal.
	- Reconhecer o modelo e a forma de viver da comunidade cristã de	- O exemplo da vida da comunidade de Jerusalém.

	Jerusalém.	
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	- Valorizar a mudança de comportamento como a melhorar forma de combater os atentados à dignidade da pessoa.	- O domínio de impulsos e atitudes erradas como forma de lutar contra o mal no mundo. - A mudança de comportamentos humanos como forma de evitar males.
	- Compreender o perdão como forma para construir um mundo fraterno, em sintonia com a visão cristã.	- A importância da concórdia e da paz para um mundo fraterno. - Perdoar para restaurar a união necessária à nossa Felicidade. - Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais. - Perdoar sempre, tal como Deus. Os cristãos e Paz de Cristo.
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	- Reconhecer valores e atitudes essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, necessários na construção de um mundo fraterno.	- Valores essenciais na procura do bem e do cuidado do outro. - A regra de ouro para a construção de um mundo mais fraterno.
	- Identificar a ação de personagens históricas que se distinguiram na construção de um mundo fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.	- Exemplos de pessoas que construíram um mundo mais fraterno: Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e S. João de Deus

Deste modo, o aluno parte da realidade e faz um caminho reflexivo de forma a compreender o conceito de fraternidade. Convidando-o para uma mudança comportamento e para a vivência de valores éticos que possibilitam a construção de uma sociedade mais justa. (Anexo 2.2.4)

Esse caminho parte da reflexão das fragilidades e ameaças do quotidiano. Compreendendo-se que nenhuma pessoa gosta de as viver e que dada a origem comum de todos os seres humanos, ninguém as devia viver, pois todos são iguais em dignidade. Tendo todos uma origem comum, sendo todos iguais, devia-se viver com base no respeito, igualdade e com sentimentos próprios de irmãos, surgindo o conceito de Fraternidade, em termos sociais e religiosos, que espelha essa realidade. Mas no mundo atual para se viver assim é necessário, mudar comportamentos para combater os ataques à dignidade e saber perdoar, evitando o ódio, para construir um mundo melhor. Pelo que é fundamental reconhecer valores e atitudes essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, para construir um mundo fraterno. A sequência do

processo ensino-aprendizagem é abordada no próximo capítulo mais pormenorizadamente. (Anexo 2.2.4)

Para fazer este caminho proposto recorreu-se, ao longo das aulas ao método existencial e hermenêutico (método da disciplina), ao método de problematização, a diálogos verticais e horizontais, a debates, a reflexões conjuntas, a breves exposições teóricas e a documentos de apoio (escritos e audiovisuais). (Anexo 2.2.4)

O tema possibilita o diálogo com outros saberes na escola, interdisciplinaridade, como por exemplo com Português, Francês, Inglês, História, Ciências Naturais, Educação Visual e Tecnologias de Informação e Comunicação. Ao nível do Português, no estudo do significado de “Fraternidade” e o aprofundamento de alguns textos utilizados nas aulas de EMRC. Em Francês e Inglês, o conhecimento de palavras importantes sobre o tema. Relativamente a história, conhecer algumas tentativas de construção de um mundo mais fraterno ao longo dos tempos. Em Ciências Naturais, os cuidados a ter com a casa comum. E por fim, em Educação Visual e Tecnologias de Informação e Comunicação, a realização de trabalhos relacionados com a fraternidade. (Anexo 2.2.4)

3.3. Sequência do processo de ensino-aprendizagem

O processo ensino-aprendizagem da UL “Construir fraternidade” decorreu ao longo de 7 aulas, de acordo com a proposta de planificação a médio prazo apresentada anteriormente. (Anexo 2.1.3 e 2.2.4)

Na primeira aula da unidade, aula n.º 23, o objetivo era identificar fragilidades e ameaças à relação humana no contexto em que nos inserimos e no mundo que nos rodeia. (Anexo 2.2.4.1.1)

Neste sentido foram exploradas imagens sobre diferentes manifestações do mal, visualizou-se um vídeo sobre uma menina refugiada e interpretou-se alguns textos do manual, nomeadamente “Para Anne F.”, “Excerto GS 79” e “mensagem ACNUR”, para que os alunos, através do diálogo, vertical e horizontal, refletissem e compreendessem que o mal tem origens diferentes e que o mal moral resulta da ação de alguém. Mal que provoca sofrimento, coloca em risco a dignidade da pessoa e que impede ver o outro como irmão. Para assimilar os conhecimentos adquiridos realizou-se uma atividade sobre o mal. (Anexo 2.2.4.1.1 e 2.3.1.1)

A aula seguinte, aula n.º 24, tinha como objetivo reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano e os seus fundamentos. (Anexo 2.2.4.1.2)

Através de um breve diálogo com os alunos, recordou-se a aula anterior e prosseguiu-se a com a exploração e troca de ideias resultantes da visualização de alguns vídeos e imagens sobre a relação entre as pessoas. Refletindo-se que o comportamento de cada um tem consequências nos outros, pois somos seres em relação. Relação que nem sempre é fácil. Mas no mundo em que vivemos, cada um tem o seu lugar, é livre, tem inteligência e a mesma dignidade. De seguida, procedeu-se a um diálogo sobre a origem dessa dignidade e breve exposição sobre a evolução do homem com base no manual e recorrendo a imagens, dada a origem comum de todos os homens, e a casa que habita, o planeta Terra. Terminando a aula com a atividade “Todos diferentes, Todos iguais” para identificar as diferenças e as semelhanças nos seres humanos. (Anexo 2.2.4.1.2, 2.3.1.2 e 2.3.2.1)

Tendo em consideração o caminho já efetuado, chegou-se à terceira aula da UL (n.º 26) que tinha como objetivo compreender a noção de fraternidade no ambiente social e religioso. (Anexo 2.2.4.1.3)

Após um breve diálogo sobre as aulas anteriores, foi visualizada e explorada uma curta-metragem, “Partilhar e Dar de Comer”. A curta-metragem retrata várias pessoas à volta de um poço com comida, mas cada um tinha uma enorme colher e não se conseguia alimentar, porém mudando o seu comportamento, ou seja, alimentado a pessoa em frente todos conseguiam alimentar-se. A curta-metragem permite visualizar uma mudança de comportamento e o seu benefício para todos. Possibilitando a reflexão sobre a importância e a necessidade de uma boa relação, de laços de união, de amor ao próximo, de sentimentos de afeto, de afeto de irmão para irmão, que se traduz no termo Fraternidade. Prosseguindo com a exploração do significado de fraternidade com base no manual na página 92. Salientando-se que para os cristãos, todos são irmãos porque Deus é o Pai. A aula terminou com a realização de uma questão aula, intitulada “Fraternidade: conceito e ameaças”. (Anexo 2.2.4.1.3, 2.3.1.3 e 2.4.4)

A aula que se seguiu, a quarta da unidade, aula n.º 27, teve uma abordagem mais religiosa, tinha como objetivos conhecer o fundamento da fraternidade para os cristãos e reconhecer o modelo e a forma de viver da comunidade cristã de Jerusalém. (Anexo 2.2.4.1.4)

Neste sentido, e após recordar o já apreendido sobre o conceito de fraternidade, explorou-se um vídeo sobre a criação do mundo por Deus (Gn 1,1-2,4), concluindo-se

que a perspectiva religiosa considera que Deus é origem de tudo, logo do homem, pelo que Deus é o Pai de todos os homens, pelo que somos todos irmãos. Seguidamente, procedeu-se à exploração de várias imagens sobre a vida de Jesus, Filho de Deus (cf. Mt 8,1-4; Jo 5,1-9; Mc 8,22-26; Mt 23,1-12; Jo 4,1-30; Jo 8,1-11; Mc 14,1-2 e Jo 13,14) levando a refletir que Jesus se relacionava com todos na base do amor e humildade, que Jesus fala do Amor de Deus através dos seus gestos e palavras, e que a sua postura levou-o a ser condenado à crucificação, à morte, seguindo-se a sua ressurreição. Pelo que o cristão é convidado a seguir os ensinamentos de Jesus, servindo os outros e a levar o Amor de Deus aos irmãos. Salientando que Jesus é também exemplo de um homem histórico para os não crentes. Este Amor é Universal originando uma fraternidade universal. Um Amor que inclui todos os homens, o próximo, em sintonia com Mt 5,43-45. Por fim, foi abordado o modelo e a forma da vida da comunidade cristã de Jerusalém, a vivência em fraternidade, recorrendo à leitura de At 2,42-47 e à exploração de imagens (cf. At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16) referindo que era o exemplo e modelo ideal a ser seguido e não o que acontecia na realidade com todos. Em diálogo com os alunos verificou-se que viver como irmãos leva à felicidade. (Anexo 2.2.4.1.4 e 2.3.1.4)

Na aula seguinte, a quinta, a n.º 28 do ano letivo, e após se ter caminhado e concluído que viver como irmão, viver em fraternidade, provoca felicidade, tinha como objetivos valorizar a mudança de comportamento como forma de combater os atentados à dignidade da pessoa e compreender o perdão como forma de construir um mundo fraterno, em sintonia com a visão cristã. (Anexo 2.2.4.1.5)

Assim efetuou-se um diálogo e a interpretação de alguns textos do manual (p.e. “O Homem que não sabia perdoar” cf. Mt 18,21-35) sobre formas de evitar o mal e combater os atentados à dignidade humana, nomeadamente o domínio de impulsos, o domínio de atitudes erradas e a mudança de comportamento. Em diálogo procurou-se ir ao encontro do conceito de perdão, pois todos os seres humanos no seu interior reconhecem a importância da concórdia e da paz. De seguida, exploraram-se imagens e realizaram-se interpretações de alguns textos do manual sobre o perdão (p.e. Sir 28,2-7; Lc 6,36-38 e Mt 18,21.22), refletindo sobre o que provoca no interior de cada um e na relação com o outro, compreendendo que permite viver em paz e harmonia com todos, restaurando a felicidade. (Anexo 2.2.4.1.5 e 2.3.1.5)

A sexta aula da UL, a n.º29 do ano letivo, tinha como objetivo reconhecer valores e atitudes essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, necessários na construção de um mundo fraterno. (Anexo 2.2.4.1.6)

Partiu-se da exploração de várias imagens que expressavam os valores essenciais na procura do desejo universal, o bem comum, como a justiça, a solidariedade, a compaixão, a verdade e a benevolência. Depois, procurou-se com os alunos, através do diálogo e da leitura e exploração da página 115 do manual, uma regra de ouro para a construção de um mundo mais fraterno, sendo um exemplo o provérbio português “Não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti”, que está em sintonia com “O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também” (Lc 6,31), relacionando a perspetiva social e religiosa da fraternidade. No final da aula realizou-se uma Questão Aula, intitulada “Construir fraternidade”. (Anexo 2.2.4.1.6, 2.3.1.6 e 2.4.5)

Na última aula sobre a UL, e na sequência da aula anterior, procedeu-se a um diálogo com os alunos na procura de um compromisso de cada um para a construção de um mundo melhor. A aula tinha como objetivo identificar a ação de personagens históricas que se distinguiram na construção de um mundo fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro. (Anexo 2.2.4.1.7)

Para tal realizou-se a ficha de trabalho “O bem comum e o cuidado do outro”, em grupo, com ajuda do manual. A ficha abordava os exemplos de Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e S. João de Deus. Após a conclusão da ficha de trabalho efetuou-se a atividade proposta pelo manual de completar o texto “Amaremos”. Para terminar a UL procurou-se através de um diálogo encontrar algumas características das pessoas que ajudam a construir um mundo mais fraterno, destacando-se a atenção e a disponibilidade no acolhimento ao próximo. (Anexo 2.2.4.1.7, 2.3.1.7 e 2.3.2.2)

3.4. Recursos ou documentos enriquecedores

Ao longo do processo de ensino-aprendizagem foram utilizados e elaborados vários recursos com o objetivo de auxiliar em todo o processo. Os recursos utilizados foram vários, nomeadamente: livro de ponto; caderno do aluno; manual do aluno; quadro branco; marcadores; caneta azul ou preta; lápis; borracha; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline (p.e. texto, imagens, vídeos,

atividades...); Bíblia; fichas de trabalho; matriz e critérios de correção da questão aula; matriz de correção da questão aula e folha da questão aula. (Anexo 2.2.4)

Se uns recursos são iguais e não se alteram ao longo das aulas, outros, como as apresentações em powerpoint, as fichas de trabalho, bem como os documentos relacionados com as questões aula, alteram-se. Com a exceção destes últimos, pois serão apresentados no capítulo seguinte, de seguida exponho e apresento os recursos elaborados para cada aula. Os recursos elaborados foram para beneficiar o processo ensino-aprendizagem tendo em conta o método existencial e hermenêutico.

Para o início da unidade elaborei uma apresentação em powerpoint com imagens e um vídeo sobre as diversas manifestações do mal. As imagens apresentavam várias situações do quotidiano e o vídeo mostrava a viagem de uma menina refugiada. Estes recursos foram explorados pelos alunos, com o apoio do professor, procurando através do diálogo identificar fragilidades e ameaças à relação humana neles representadas, bem como a origem do mal. O final da apresentação continha a correção da atividade realizada na aula. (Anexo 2.2.4.1.1 e 2.3.1.1)

Para a segunda aula, preparei nova apresentação incluindo vídeos sobre o relacionamento com os outros e imagens sobre o lugar de cada um no mundo. Tanto os vídeos como as imagens permitiram fazer um caminho no sentido de reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano. A apresentação continha também a evolução do homem e a sua forma de relacionamento, salientando a origem comum de todos os homens. (Anexo 2.2.4.1.2 e 2.3.1.2) Para o final da aula fiz uma ficha de trabalho sobre a dignidade humana, intitulada “Todos Diferentes, Todos Iguais”, para os alunos identificarem situações em que somos diferentes e iguais. (Anexo 2.2.4.1.2 e 2.3.2.1)

Na terceira aula foi apresentada uma apresentação que se divide em 3 três partes. A primeira refere-se à correção da ficha de trabalho “Todos Diferentes, Todos Iguais”. Depois, a apresentação da curta-metragem “Partilhar e Dar de Comer”, com o objetivo de os alunos compreenderem que a mudança de comportamento é benéfica, facilitando assim a compreensão do conceito de fraternidade. E por fim, a correção da questão aula “Fraternidade: conceito e ameaças” realizada na parte final. (Anexo 2.2.4.1.3 e 2.3.1.3)

Para a quarta aula preparei uma apresentação que é composta por 4 partes. Inicialmente tem um vídeo sobre a criação no livro do Génesis (Gn 1,1-2,4) para que os alunos, com a sua exploração, compreendam que para os cristãos Deus é origem de tudo, logo do homem, pelo que Deus é Pai de todos os seres humanos. Depois, apresenta-se imagens sobre vários momentos da vida de Jesus, nomeadamente: a cura

de um leproso (Mt 8,1-4), a cura do paralítico da piscina de Betzatá (Jo 5,1-9), a cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26), a condenação do farisaísmo (Mt 23,1-12), o diálogo com a Samaritana (Jo 4,1-30), a mulher adúltera (Jo 8,1-11), a conspiração dos judeus (Mc 14,1-2) e do Tríduo Pascal. Sucessão de imagens que procura levar os alunos a concluir que Jesus se relacionava com todos e que falava do Amor de Deus a todos através de gestos e palavras. O cristão é convidado a seguir o exemplo de Jesus, mas os não crentes também podem seguir o exemplo deste homem. Uma terceira parte, corresponde à correção de uma atividade do manual. Por fim, duas imagens que retratam a forma de viver da primeira comunidade cristã (At 2,42-47; At 4,32-35; At 5,12-16), para que os alunos reconheçam o modelo e o exemplo. (Anexo 2.2.4.1.4 e 2.3.1.4)

Na quinta aula, usei uma apresentação que inicialmente fazia uma síntese, através de imagens, do texto do manual, “O Homem que não sabia perdoar”, e da correção da atividade sobre o mesmo. Depois um conjunto de imagens sobre o perdão, para que os alunos refletissem e compreendessem que o perdão é uma forma para construir um mundo fraterno, dando o exemplo do Papa S. João Paulo II e Ali Agca. (Anexo 2.2.4.1.5 e 2.3.1.5)

Para a sexta preparei uma apresentação de um conjunto de imagens que permitissem que os alunos fizessem um caminho no reconhecimento, identificação e compreensão de valores essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, como: a justiça, a solidariedade, a compaixão, a verdade e a benevolência. A apresentação, também continha a correção da questão aula “Construir fraternidade” efetuada na aula. (Anexo 2.2.4.1.6 e 2.3.1.6)

Para a última aula da unidade, elaborei umas fichas de trabalho, para realizar em grupo, sobre personagens históricas que se distinguiram na construção de um mundo fraterno, nomeadamente Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e S. João de Deus, intitulada “O bem comum e o cuidado do outro”. Para a correção da ficha de trabalho e de uma atividade proposta pelo manual, “Amaremos” elaborei uma apresentação. (Anexo 2.2.4.1.7, 2.3.1.7 e 2.3.2.2)

3.5. Instrumentos de avaliação

A avaliação tem como missão melhorar o processo ensino-aprendizagem e proceder a uma classificação nos finais dos períodos letivos (muitas vezes apenas tem esta vertente), pois os professores têm que efetuar uma avaliação qualitativa ou quantitativa do aluno, conforme o ciclo de ensino e o agrupamento de escola onde esta a lecionar. A avaliação é considerada formativa, no primeiro caso, e sumativa, no segundo. Para além destas formas de avaliação, no início do ano também recorri, a uma avaliação diagnóstica para aferir os conhecimentos dos alunos. (Lopes e Silva, 2012, VII-IX.1-7.13-15)

Para proceder à avaliação dos alunos sobre a UL “Construir fraternidade”, tal como em todo o ano letivo, segui os critérios de avaliação das aprendizagens e o perfil de aprendizagens específicas por ciclo de escolaridade do agrupamento de escolas (Anexo 2.4.1), recorri à avaliação formativa e sumativa, usando grelhas de observação (para registo de intervenções orais, interesse, empenho e cumprimento das regras) (Anexo 2.4.2), fichas de caderneta do aluno (para casos mais específicos sobre o aluno) (Anexo 2.4.3), questões aulas (Anexo 2.4.4 e 2.4.5), fichas de trabalho individuais/grupo (apresentadas anteriormente, Anexo 2.3.2.1 e 2.3.2.2), de um diálogo constante com os alunos dando feedback do trabalho desenvolvido e de grelhas de avaliação para a avaliação final dos períodos (Anexo 2.4.6). As observações e os resultados obtidos foram utilizados para melhorar o processo ensino-aprendizagem, resultante de um diálogo aluno/professor, pois ambos são parte do processo, indo ao encontro da realidade dos alunos, fazendo com que estes adquiram novos conhecimentos e para auxiliar na avaliação quantitativa no final do período, de acordo com os critérios de avaliação da disciplina na escola.

Ao longo da UL “Construir fraternidade” foram realizadas duas questões aula.

A primeira, realizada na terceira aula da UL (aula n.º 26), tinha como objetivo refletir sobre o conceito e ameaças à Fraternidade, mais especificamente sobre: identificar as origens do mal, compreender o conceito de mal, identificar algumas situações de mal provocadas pela vontade livre de alguém, identificar atitudes e comportamentos de pessoas fraternas e desenvolver o conceito de fraternidade. Para a elaboração da prova recorri a perguntas de associação, a perguntas de resposta de escolha múltipla e a uma pergunta de desenvolvimento. (Anexo 2.2.4.1.3 e 2.4.4)

Na realização da segunda questão aula, efetuada na sexta aula da UL (aula n.º 29), o objetivo era refletir sobre o comportamento humano para construir fraternidade, mais concretamente: identificar alguns fundamentos da fraternidade para os cristãos, assimilar a mudança de comportamento como forma de combater os atentados à dignidade da pessoa, identificar situações de perdão como forma para construir um mundo fraterno, em sintonia com a visão cristã e reconhecer valores e atitudes essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, necessários na construção de um mundo fraterno. Na realização da questão aula recorri a perguntas de resposta de escolha múltipla, de resposta objetiva e de resposta “verdadeiro ou falso”. (Anexo 2.2.4.1.6 e 2.4.5)

Na preparação das duas questões aulas foram realizadas as matrizes e critérios de correção, a ficha da questão aula (“Fraternidade: conceito e ameaças” e “Construir fraternidade”, respetivamente), a matriz de correção e a uma grelha de correção (Anexo 2.4.4 e 2.4.5, respetivamente).

3.6. Análise crítica da lecionação da Unidade Letiva e prospetivas

A opção tomada no início do ano letivo de trabalhar a UL “Construir fraternidade” no relatório final teve por base apenas o tema. Verifico agora que foi uma opção muito benéfica pois, na altura do ano letivo em que foi lecionada, já tinha apreendido e alterado a forma de planificar, de preparar os recursos e a forma de estar em sala de aula, pelo que estava mais capaz no plano científico, metodológico e comportamental.

De tal forma que após estudar a planificação proposta pelo SNEC para a UL (SNEC, 2014, 60-61), senti necessidade de a reformular e de ir ao encontro dos alunos, tendo em conta o método da disciplina, o método existencial e hermenêutico (SNEC, 2014, 154). Para além de todo o processo de aprendizagem que tinha realizado no estágio, o facto de conhecer melhor os alunos permitiu-me preparar as aulas de uma forma mais adequada à turma, possibilitando um maior diálogo e interação entre todos os alunos e com o professor.

Numa fase inicial, a primeira alteração que efetuei foi a planificação a médio e longo prazo, procurando elaborar uma mais próxima dos alunos que permitisse um caminho e um processo de ensino-aprendizagem de acordo com o método da disciplina,

fazendo a descoberta dos conhecimentos pretendidos. Não optei pela sequencialidade do programa do SNEC, que inicia com o significado da palavra fraternidade. Elaborei um esquema hermenêutico para a UL, nomeadamente: “No mundo atual, viver a fraternidade, socialmente e religiosamente, requer uma mudança de comportamento e a vivência de valores éticos para possibilitar a construção de uma sociedade mais justa”

Assim, os alunos partiram da análise de imagens sobre acontecimentos do mundo que mostravam ameaças e fragilidades da vida, compreendendo que muitas são evitáveis, pois têm origem no próprio homem, o que não é correto e digno, pois todos somos iguais e irmãos. Neste caminho chegou-se ao conceito de fraternidade, abordando a perspetiva social e religiosa. Depois salientou-se que a vivência da fraternidade, atualmente, exige a mudança de comportamento, a vivência do perdão e o reconhecimento de valores e atitudes a ter na construção de um mundo mais justo e mais fraterno. A UL terminou com o exemplo de personagens históricas que se distinguiram nessa construção.

A planificação que elaborei pretendeu que os alunos fizessem um caminho que fosse o mais possível parecido com a realidade, não focando a visão catequética e religiosa (p.e. o Pai-Nosso e tema das missões). Apresentei Jesus como um exemplo a ser seguido por crentes e não crentes na construção de um mundo mais justo e fraterno. Neste sentido, retirei do programa inicial os temas/conteúdos com uma vertente mais religiosa e incidi mais no processo ensino-aprendizagem da vivência quotidiana.

Neste sentido, penso que o trabalho desenvolvido na UL foi muito bom. Os alunos participaram de uma forma ativa e pertinente. Os diálogos, os debates, as problematizações, as breves exposições, as interpretações de textos e os recursos utilizados permitiram a descoberta, análise e reflexão dos alunos sobre os vários conteúdos pretendidos para cada aula e para a unidade, possibilitando uma aprendizagem significativa. Desta forma, foi possível levar os alunos a fazerem um caminho de forma a atingirem os objetivos de cada aula e da unidade, alcançado as metas propostas para UL.

O trabalho desenvolvido, ao longo da UL e do ano letivo, teve em consideração a turma. O professor não se pode esquecer dos alunos, não pode apenas cumprir o programa independentemente da aprendizagem realizada pelos alunos. Neste sentido, e apesar dos bons resultados com a planificação da UL para esta turma de estágio, a mesma planificação no futuro, pode não dar tão bons frutos, pois a escola pode ser diferente, a turma é diferente e cada aluno é diferente. Pelo que não posso simplesmente

repetir o que foi aplicado. Tal como referi anteriormente, foi benéfico conhecer a turma pois possibilitou fazer uma planificação de uma determinada forma e preparar os recursos em função da turma.

Numa análise sobre o que mudar no futuro destaco a necessidade de ter em atenção os acontecimentos históricos que se estejam a viver no período de lecionação para que os alunos tenham uma maior perceção da necessidade da mudança de comportamentos para que tais acontecimentos não ocorram, de forma a reconhecer a dignidade de todos e a comprometer-se com a construção de um mundo fraterno.

Apesar dos bons resultados obtidos com as aulas, penso que poderia melhor. Principalmente nas imagens e vídeos utilizados nas apresentações que poderiam dar uma outra perspetiva das situações aos alunos, possibilitando uma outra perspetiva da fraternidade, por exemplo, a nível de outras realidades sociais e religiosas.

Mas saliento que o trabalho desenvolvido com e pela turma foi muito bom.

“Construir fraternidade”

4. Reflexão crítica sobre a Gestão do Currículo

Tal como referi anteriormente, recorrendo a Roldão (1999), a gestão do currículo refere-se aos conhecimentos que se querem alcançar e a forma como os mesmos são atingidos. Assim, e dada toda a aprendizagem efetuada por mim no âmbito da disciplina PES, quer na Universidade, quer na Escola, ao longo do ano letivo, a gestão curricular proposta no início do ano, em setembro-outubro (Anexo 3.1), foi sendo alterada, unidade a unidade, e em cada unidade com mais alterações até ser completamente reformulada na última unidade lecionada, “Construir fraternidade”.

Não tendo em consideração, as aulas desde início destinadas à apresentação para o professor e para os alunos, a apresentação dos critérios de avaliação, a realização de uma avaliação diagnóstica, as autoavaliações e heteroavaliações no final de cada período e com exceção das aulas da primeira UL, praticamente todas as restantes aulas sofreram alterações, com especial destaque para as aulas da UL 4 – Construir fraternidade.

A primeira gestão curricular efetuada baseou-se, de uma forma muito próxima, nas planificações propostas pelo SNEC (2014, 52-61) e na planificação a médio e longo prazo adotada pelo grupo de EMRC na escola cooperante. (Anexo 3.1)

Na fase inicial do estágio não tive em atenção o esquema hermenêutico de cada unidade. Estava mais focado em distribuir os temas e conteúdos por aula, não refletindo muito sobre o caminho que desejava que os alunos fizessem ao longo da unidade. Algo que foi mudando semana a semana e por isso mesmo, alterando as planificações de cada unidade. De salientar que o número de aulas para cada unidade praticamente se manteve inalterado, apesar da introdução de duas atividades nas primeiras unidades.

Inicialmente, para UL 1, “Viver Juntos”, tinha procurado relacionar com o momento vivido por cada aluno. Com o novo ano letivo muita coisa tinha mudado e era necessária confiança nessa mudança, para cada um crescer como pessoa, dando o exemplo da mudança de Abraão. Salientando que para o nosso crescimento é fundamental a relação com os outros, e por isso os grupos. Mas os grupos para terem um bom funcionamento precisam de consensos, regras, normas e Alianças, referindo o exemplo das Alianças de Deus com a Humanidade, Noé e Moisés, levando a reconhecer a Aliança como condição facilitadora da relação entre as pessoas. Por fim, referiu-se que o compromisso com o outro contribui para a felicidade de cada um e, neste sentido, o cristão propõe o amor ao próximo na relação com o outro. (Anexo 3.1)

No que se refere a esta UL, as mudanças foram pouco significativas em virtude de me estar adaptar às novas exigências e propostas de mudança solicitadas pela disciplina. (Anexo 2.1.3 e 2.2.1)

Relativamente à UL 2, “Advento e Natal”, inicialmente planifiquei-a procurando relacionar a aprendizagem com o momento vivido na sociedade, o Natal, e dei uma perspetiva mais religiosa à unidade. Destacando que no Natal se celebra a vinda de Jesus, o Messias esperado de Israel. Referindo que os cristãos preparam a celebração (tempo do advento), tomando consciência da necessidade de promover a fraternidade e a paz entre todos. Destacando a importância de certas pessoas para a vinda do Messias, terminando, abordando a perspetiva histórica e a esperança cristã de uma forma mais religiosa. (Anexo 3.1)

Para esta UL, as alterações foram mais significativas e tiveram por base, a redução de um tempo letivo, devido à realização de uma visita de estudo e pelo facto da unidade ter sido abordada numa perspetiva mais histórica e cultural do que religiosa e catequética, indo ao encontro do facto religioso que faz parte da matriz cultural portuguesa. Neste sentido reformulei a planificação e a gestão curricular, tendo como esquema hermenêutico: o contributo do nascimento de Jesus para a construção de uma sociedade mais justa ao longo dos tempos. (Anexo 2.1.3 e 2.2.2)

A UL 3, “Família, Comunidade de Amor”, tinha sido preparada muito próxima da proposta do SNEC. Planifiquei a UL partindo da verificação que cada família é diferente, mas que todas têm o mesmo fundamento, procurando uma definição para família. Depois pretendia-se reconhecer que a família tem um valor, uma missão e várias funções que contribuem para o desenvolvimento de cada um, levando ao entendimento de que a vivência do amor é o objetivo principal da Família, e do projeto de Deus para a família. De seguida, abordava-se a família de Jesus e a noção de Família dessa época. Procurava-se reconhecer que viver em família é viver em comunhão, é participar e ser corresponsável. Esta solidariedade transfere-se para a vida em sociedade. Sociedade atual que, por vezes, esquece o lugar dos mais velhos na família e do seu forte contributo para os mais novos. (Anexo 3.1)

Esta unidade também foi alterada, nomeadamente com a introdução de dois temas: tipos de famílias e dificuldades na vida familiar. A sequência foi semelhante à proposta pelo programa do SNEC, mas a forma aplicada ligeiramente diferente da prevista inicialmente. Neste sentido o esquema hermenêutico proposto foi: a realidade heterogénea da família de hoje conduz-nos a um olhar histórico e evolutivo da

constituição, participação e corresponsabilidade da vida em família, em confronto com a proposta cristã. (Anexo 2.1.3 e 2.2.3)

Relativamente à UL 4, “Construir Fraternidade”, inicialmente segui, a proposta do SNEC. Partindo do conceito de fraternidade, pretendia-se levar os alunos a refletir sobre termos todos uma origem comum, sermos todos iguais, sermos todos irmãos, logo termos todos a mesma dignidade, logo somos uma família que habita a mesma casa. Para os cristãos Deus é o Pai de todos os seres humanos. Destacando-se que a Fraternidade leva à construção de uma sociedade mais justa e que o amor pelo outro leva à felicidade. Dando o exemplo da unidade fraterna da comunidade dos primeiros cristãos. Mas a Fraternidade tem fragilidades e ameaças que por vezes o ser humano incorre, pelo que a construção de um mundo fraterno implica praticar o perdão e a procurar o bem. Dando exemplos de pessoas que contribuíram nessa construção e refletindo que cada um é responsável nessa construção. (Anexo 3.1)

Mas ao longo do ano letivo a unidade “Construir fraternidade” foi totalmente reformulada, tal como já referido anteriormente, procurando ir ao encontro da realidade dos alunos. Neste sentido foram reorganizadas e reformuladas as propostas do SNEC, dando uma nova sequência à UL e uma nova planificação, indo ao encontro do método existencial e hermenêutico. Pelo que o esquema hermenêutico proposto foi: no mundo atual, viver a fraternidade, socialmente e religiosamente, requer uma mudança de comportamento e a vivência de valores éticos para possibilitar a construção de uma sociedade mais justa. (Anexo 2.1.3 e 2.2.4)

No início do ano tinham sido propostas várias atividades que não foram aplicadas, pelo facto de serem realizadas por outras disciplinas ou a nível de escola, como: “Exposição de Presépios”, “A Figura Paterna”, “Trabalhos sobre a Páscoa” e “A Figura Materna”.

Toda aprendizagem realizada na disciplina de PES possibilitou-me olhar para a disciplina de EMRC com outra perspetiva, de tal forma que fui evoluindo ao longo do ano. Tal evolução refletiu-se nas constantes alterações das planificações das unidades letivas e das aulas e conseqüentemente na gestão curricular inicialmente elaborada.

“Construir fraternidade”

5. Atividade de Enriquecimento Curricular e de integração na comunidade educativa

5.1. Justificação

No início do ano letivo, o professor cooperante Adriano Silva, apresentou ao grupo de estágio as atividades que estavam planeadas pelo grupo disciplinar para o ano letivo 2016/2017, tendo em atenção as propostas efetuadas em junho pelos estagiários, após a reunião da criação dos núcleos de estágio. (Anexo 4.1)

Seguidamente foi dada liberdade a cada estagiário de escolher a atividade a desenvolver do PAA ou a propor, novamente, uma outra atividade. Neste sentido, e tendo em consideração o assunto que pretendia desenvolver no relatório final, “Construir fraternidade”, optei pela atividade “Voluntariado a favor do Banco Alimentar contra a Fome”.

A atividade de enriquecimento curricular estava incluída no PAPA 2015/2017, estando integrada no objetivo estratégico n.º 4, Promover a ligação Agrupamento-Meio, estando em sintonia com o PE 2014/2017 (p. 15), fomentando o envolvimento entre o agrupamento e o meio. A referida atividade facilita, proporciona e contribui para formação integral, tal como propõe o RI 2013/2017, Art.º 12º, n.º 1, dado que relaciona o ambiente escolar e a sociedade civil.

A colaboração do grupo disciplinar de EMRC com o Banco Alimentar Contra a Fome é habitual e faz parte dos hábitos do Agrupamento de Escolas Vallis Longus. Esta colaboração permite exercer o voluntariado e educar para os valores a partir da realidade social.

O Banco Alimentar Contra a Fome procura dar uma resposta necessária, mas infelizmente provisória, a certas carências verificadas na sociedade porque "toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente que lhe assegure e à sua família, a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda aos serviços sociais necessários" (excerto do Art.º 25º da DUDH), como refere a página na internet do Banco Alimentar. O Banco Alimentar Contra a Fome luta contra o desperdício de produtos alimentares, encaminhando os produtos alimentares doados para pessoas carenciadas. Esta ação baseia-se na dádiva, na partilha, na solidariedade, na gratuidade e no voluntariado. (Banco Alimentar contra a Fome, 2018)

Desta forma, a atividade desenvolvida teve como objetivo fomentar o voluntariado, o espírito de partilha e de solidariedade, bem como o desenvolvimento de atitudes altruístas, quer nos alunos quer nos diferentes agentes educativos. Pretendendo fomentar o humanismo. Estando em sintonia com a UL “Construir fraternidade”. (Anexo 4.2)

A atividade está de acordo com os objetivos da escola, tem relevância educativa, e enquadra-se com a unidade da fraternidade, de acordo com a fundamentação efetuada anteriormente.

5.2. Planificações

No documento de planificação da atividade foi preenchido o nome da atividade, “Voluntariado a favor do Banco Alimentar Contra a Fome”, o proponente, Departamento de Ciências Humanas e Sociais, a sua inclusão no PAPA, os níveis de ensino destinados, 2º e 3º ciclos e a data de realização, 3 e 4 de dezembro de 2016. (Anexo 4.2)

A planificação fazia referência aos objetivos da atividade, nomeadamente: fomentar o voluntariado, o desenvolvimento de atitudes altruístas e fomentar nos alunos e nos diferentes agentes educativos o espírito de partilha e solidariedade. Fazendo também referência ao contributo da atividade para a consecução dos objetivos e metas do PE, como: melhorar os resultados de aprendizagem, promover a educação para a cidadania e fomentar o envolvimento do meio com o agrupamento.

A planificação incluía a indicação da descrição da atividade, a qual consistia na colaboração com o Banco Alimentar Contra a Fome na recolha de alimentos em favor dos mais necessitados.

A atividade, coordenada por mim, foi proposta para o 2º e 3º ciclo, convidando elementos da comunidade educativa, adultos, para chefiar os turnos que seriam criados. Inicialmente foi apresentada só às turmas do 5º ano, e dada a boa recetibilidade, apenas foi necessário propô-la a uma turma do 9º ano para cumprir os horários ao final do dia. A atividade envolveu o grupo de estagiários, os professores de EMRC, mais 12 professores, 1 encarregado de educação e 1 operacional educativo, 74 alunos do 5º ano e 7 alunos do 9º, totalizando cerca de 100 pessoas. Depois formaram-se turnos para assegurar o voluntariado das 9h00m às 21h00m.

Ao longo dos dois dias tudo correu como planeado. Os alunos estiveram empenhados e ativos. Como responsável pela atividade estive presente em vários turnos nos dois dias. No final de cada turno foi entregue a cada aluno um certificado de participação na 45ª recolha de alimentos. (Anexo 4.3)

No dia seguinte foi elaborado um relatório de avaliação da atividade (Anexo 4.4), concluindo-se que os objetivos foram plenamente conseguidos. Salientando-se ainda como pontos fortes a receptividade da comunidade educativa, a adesão livre dos alunos, dos professores, dos pais e encarregados de educação e operacionais educativos.

Sem dúvida que foi uma atividade e experiência muito boa. Ficando o desejo de repetir noutros anos letivos.

“Construir fraternidade”

6. Balanço crítico do desempenho

Com o início do ano letivo 2016/2017, deu-se início a um ano decisivo para a minha aprendizagem como professor de EMRC. No âmbito da disciplina de PES iniciava-se o estágio pedagógico.

No início do ano letivo as minhas expectativas eram muitas, queria aprender, aperfeiçoar-me e melhorar. A minha experiência como professor era reduzida e não sabia muito bem o que me esperava. Tinha consciência de que tinha dificuldades e que teria de mudar, mas tinha dúvidas quanto ao modo de funcionamento e desenvolvimento da disciplina de PES e do estágio. Sabia que tinha muito para aprender, e estava motivado para melhorar, aperfeiçoar e mudar, tal como aconteceu. A disciplina PES desde o início abordou realidades importantes que sem dúvida foram benéficas e fundamentais para o processo evolutivo efetuado, nomeadamente: compreender qual o lugar e o perfil do professor de EMRC, qual o lugar da disciplina na escola, qual a identidade da disciplina, qual a sua relevância no sistema educativo, a forma de diálogo com os outros saberes na escola, a sua distinção com a catequese e a pastoral escolar e a reflexão sobre o que é um facto religioso.

Por outro lado, as primeiras semanas do ano letivo serviram para entender o que se pretendia do estágio. O estágio foi realizado no Agrupamento de Escolas Vallis Longus, na Escola Básica Vallis Longus. Com o arranque das atividades letivas, comecei por assistir às aulas do professor cooperante Adriano Silva e a fazer e a refazer as planificações das unidades letivas e das aulas.

Nesta fase inicial foi fundamental a reflexão feita sobre o perfil do professor de EMRC, pois é necessário que o professor assuma a responsabilidade de querer ser educador, para abrir horizontes, fomentando a autonomia dos alunos em direção à sua inclusão na sociedade. O professor tem de ser responsável na sua missão e competente científica e pedagogicamente, devendo transmitir saberes, atitudes e valores, favorecendo o desenvolvimento psicológico e intelectual do aluno, relacionando com os outras áreas do saber, ajudando a estabelecer juízos sobre o facto religioso. O professor tem de ter capacidade relacional com todos os intervenientes no processo educativo, e não se fechar em si. Sem dúvida que o professor de EMRC tem de ser um profissional da educação e estar atualizado científica e pedagogicamente, para dar a melhor formação possível ao aluno com vista a uma formação integral.

Para todo o meu processo evolutivo, o qual constato no final da realização da PES, o professor Francisco Guimarães e o professor Adriano Silva, foram fundamentais, respetivamente na Universidade e na Escola Cooperante. Na Universidade, a forma como o professor Francisco Guimarães abordava todos os temas e análise dos trabalhos feitos pelos alunos, levou-me a questionar e a refletir sobre tudo o que tinha como garantido, compreendendo a importância de uma fundamentação cuidada sobre tudo o que se faz, abrindo novos horizontes. Na Escola, o professor cooperante Adriano Silva através da sua forma de ser e estar na escola permitiu-me ver a disciplina e a sua inclusão na escola, e ver a própria escola, numa nova perspetiva. Agradeço o contributo de ambos para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Durante o ano letivo passei por duas fases distintas. Com o arranque das atividades verifiquei que as mudanças iam ser muitas e profundas. Assim, na Universidade, reforcei e constatei a necessidade de uma fundamentação bem trabalhada sobre todos os aspetos relacionados com a profissão de professor, e mais concretamente com a de professor de EMRC. Já na escola cooperante, tive que deixar para trás tudo o que fazia e começar de novo. Este começar exigia um novo caminho, para tal foi fundamental a orientação do professor cooperante Adriano Silva que através das correções, alterações e sugestões a nível pedagógico, científico, metodológico e comportamental ia mostrando de uma forma natural esse caminho.

Durante o 1º período na escola cooperante e o 1º semestre da disciplina de PES aprendi muito e mudei muito. Pelo que o período de interrupção letiva foi muito benéfico para mim, pois permitiu refletir e assimilar melhor tudo o que tinha experienciado, e encarar o resto do ano letivo de uma outra forma. Foi sem dúvida o momento mais significativo e de mudança do meu trabalho ao longo do ano. A partir daqui, no arranque do 2º semestre na Universidade e do 2º período na escola cooperante, o trabalho desenvolvido correu de uma forma mais natural, pois já estava adaptado à nova realidade, às exigências e compreendia melhor o que se pretendia e a metodologia de trabalho.

Ao longo do ano, relativamente aos trabalhos da universidade, empenhei-me de forma muito rigorosa, entregando-os sempre nos prazos estipulados.

Durante todo o ano empenhei-me de forma muito rigorosa no desenvolvimento de todas as atividades do estágio, cumprindo com tudo o que era necessário. Desde o início planifiquei atempadamente todas as aulas, avaliações e atividades para que o professor cooperante Adriano Silva tivesse o tempo conveniente para analisar, controlar, verificar,

corrigir, retificar, sugerir alterações e mudanças ao trabalho efetuado, orientando o meu trabalho. A forma como se desenvolveu o estágio foi vantajosa, pois permitiu-me melhorar ao longo de todo o ano. O acompanhamento próximo por parte do professor cooperante Adriano Silva foi decisivo para o meu processo de ensino-aprendizagem, pois as orientações dadas possibilitaram a compreensão do desejado. O estágio requereu muito empenho e trabalho para ter tudo organizado e cumprido nos prazos estipulados.

O processo pelo qual passei contribuiu para efetuar uma aprendizagem significativa, tanto a nível de conhecimentos como na forma de lecionar, aperfeiçoando a aplicação do método existencial e hermenêutico. Tendo melhorado ao nível da área pedagógica, científica, avaliativa e comportamental, competências definidas para a PES.

Ao nível da competência pedagógica saliento que melhorei na sequencialidade das aulas, no manter o nível de intensidade ao longo das mesmas, nas estratégias de aprendizagem mais diversificadas e no recurso a vários documentos de enriquecimento das aulas, nomeadamente a realização de fichas de trabalho e atividades em sala de aula que contribuiriam para uma melhor aprendizagem pela descoberta. Melhorei na seleção e produção de materiais didáticos, tanto em suporte de papel como informático. Também destaco o bom desempenho relativamente a suscitar a participação e a comunicação com e entre os alunos, integrando pedagogicamente as diversas intervenções, e a gestão do tempo ao longo do ano. Podendo melhorar em tudo, saliento a importância da organização do espaço sala, que é algo que depende das turmas a lecionar e das salas utilizadas.

Cientificamente, ao longo do ano, melhorei na estruturação dos conteúdos de acordo com os alunos e no enriquecimento das aulas com a inserção de conteúdos, contudo poderia apoiar-me ainda mais em bibliografia específica. Melhorei ao nível do conhecimento científico relativamente ao discurso teológico-moral, na gestão curricular das unidades letivas, na planificação a médio prazo e aula a aula, na reformulação de objetivos e conteúdos do programa, destacando o essencial do acessório nos conteúdos. Destaco a evolução na formulação dos objetivos e conteúdos que contribuiriam de forma decisiva para uma melhor sequencialidade das aulas. Podendo melhorar ainda em tudo.

Ao nível da competência avaliativa, melhorei nos instrumentos de avaliação e pelo facto elaborar várias formas de avaliação, nomeadamente as questões aulas, fichas de trabalho individuais e de grupo e de desafios lançados aos alunos ao longo do ano. Usei os resultados da avaliação para melhoria dos alunos, tendo em conta a situação sociocultural nos resultados. Por fim, melhorei significativamente no facto de usar os

resultados de avaliação para um melhor desempenho profissional, uma vez que passei a dar mais importância a este indicador. Apesar de ter melhorado ao nível da atitude de autoavaliação dos alunos e na elaboração objetiva dos relatórios de avaliação, ainda posso melhorar mais, tal como nos outros aspetos

Ao nível comportamental destaco que tive desde o início uma boa relação pedagógica, de confiança, de empatia, de proximidade e de respeito com a turma, a qual foi melhorando ainda mais ao longo do ano, associada a uma boa capacidade de resolver pequenas situações imprevistas, com uma gestão assertiva dos conflitos. Ao longo do ano fui melhorando na atenção às dificuldades dos alunos, nas atitudes corporais na sala, na disponibilidade para os alunos fora das aulas, na relação com os vários membros da escola e a uma melhor abertura às críticas e sugestões. Um dos aspetos em que posso ainda melhorar mais é ao nível do domínio da voz.

Ao longo do ano, sempre que possível, participei nas atividades da Escola, de forma a ter uma melhor relação com a comunidade educativa, a conhecer melhor a realidade da escola e ter uma visão diferente da forma de preparar e organizar as diversas atividades, tendo em atenção futuras atividades. Desta forma estive presente e colaborei em várias atividades, nomeadamente: participei na sessão de abertura do ano letivo; colaborei na visita de estudo dos alunos do 5º Ano ao Mosteiro Beneditino de Singeverga; fui responsável pela atividade do Banco Alimentar contra a Fome; participei num convívio (jogo de futsal alunos/professores); estive presente no jantar de natal do agrupamento; colaborei na atividade “A Caminho da Páscoa”; colaborei na visita de estudo dos alunos do 8º ano a Lisboa, intitulada “Espaços Sagrados: diálogo entre fé e cultura”; participei na atividade da colega de estágio sobre o Dia Internacional da Família; participei no XV Encontro de Alunos de EMRC, com os alunos do 7º ano; participei com os professores de EMRC na Feira da Saúde, organizada pelo Agrupamento; e cooperei com os professores de EMRC no convívio dos alunos do 6º e 7º ano, na Magikland.

A PES, quer na Universidade, quer na Escola cooperante (o estágio), foi ao encontro das minhas melhores expectativas. Todo o processo verificado contribuiu de forma decisiva para a minha aprendizagem, permitindo um desenvolvimento pessoal e profissional, tendo melhorado a visão da disciplina, da sua lecionação e da sua presença na escola.

A exigência imposta ao longo do ano, e referida desde o primeiro momento, contribuiu para o desenvolvimento e para o sucesso. Foi um ano exigente, de muita

pressão, de muito trabalho e de muito empenho para cumprir os prazos estipulados e com qualidade, mas bastante enriquecedor. A minha maneira de ser levou-me a trabalhar de uma forma muito rigorosa e atempadamente, indo ao encontro do que era necessário e exigido para um bom desempenho.

No fim de todo este processo, e comparando com o início, constato claramente a evolução que tive e que o caminho percorrido foi fundamental. O meu desempenho ao longo do ano foi muito bom, tal como o trabalho desenvolvido. Estou melhor, mas a aprendizagem tem de continuar, é preciso evoluir constantemente.

Concluo este relatório, considerando o encerramento de uma fase da minha vida, seis anos de muito trabalho, empenho e dedicação, que foram muito importantes na minha aprendizagem pessoal e profissional.

“Construir fraternidade”

7. Bibliografia

Fontes

- Agrupamento de Escolas Vallis Longus (2013). *RI 2013/2017*. Valongo: AEVL.
- _____ (2014). *PE 2014/2017*. Valongo: AEVL.
- _____ (2015). *PAPA 2015/2017*. Valongo: AEVL.
- _____ (2016). *Relação de Alunos Ano: 5 Turma: H*. Valongo: AEVL.
- Assembleia da República (2005). *Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto*. Diário da República – I Série-A, n.º 166. Lisboa.
- Assembleia da República (2018). *Constituição da República Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Banco Alimentar contra a Fome (2018). *Portal do Banco Alimentar contra a Fome*. Disponível em: <https://www.bancoalimentar.pt/>
- Bíblia Sagrada (2002). Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica.
- CEP (2002). *Carta Pastoral Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*. Moscavide: Secretariado Geral da CEP.
- _____ (2006). *EMRC: um valioso contributo para a formação da personalidade*. Moscavide: Secretariado Geral da CEP.
- _____ (2008). *Carta Pastoral A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*. Moscavide: Secretariado Geral da CEP.
- Educris (s.d.a). *Ser Professor*. Disponível em <http://www.educris.com/v2/120-perfil/919-ser-professor>
- _____ (s.d.b). *Ser Professor de EMRC*. Disponível em <http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>
- Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretário de Estado da Educação (2016). *Despacho n.º 8294-A/2016, de 24 de junho*. Lisboa: Diário da República, 2.ª série - N.º 120
- Ministério da Educação (2001). *Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto*. Diário da República – I Série-A, n.º 201. Lisboa.
- ONU (1948). *DUDH*. Nova Iorque: ONU. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>
- SNEC (2007). *Programa de EMRC*. Lisboa: SNEC.
- _____ (2014). *Programa de EMRC*. Lisboa: SNEC.

_____ (2015). *Manual do 5º Ano de EMRC “Conta Comigo”*. Lisboa: SNEC.

Magistério da Igreja

Conselho Pontifício «Justiça e Paz» (2005). *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia.

Igreja Católica (1993). *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

_____ (1998). *Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965) - Documentos Conciliares: constituições, decretos e declarações*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Papa Bento XVI (2005). *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html

_____ (2007). *Carta Encíclica Spe Salvi*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html.

_____ (2009). *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html

Papa Francisco (2013). *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html

_____ (2014a). *Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2014*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20140608_giornata-missionaria2014.html

_____ (2014b). *Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz 1º de janeiro de 2014 - Fraternidade, Fundamento e Caminho para a Paz*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xxlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html

_____ (2015). *Carta Encíclica Laudato Si'*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

- Papa João Paulo II (1987). *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html
- _____ (1995). *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html.
- _____ (1998). *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html.
- Papa Paulo VI (1967). *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html
- _____ (1968). *Carta Encíclica Humanae Vitae*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html.
- Papa João XXIII (1961). *Carta Encíclica Mater et Magistra*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html

Estudos Gerais

- Academia das Ciências de Lisboa (2001). *DLPC Vol. I – A-F*. Braga: Verbo, 1815
- _____ (2001). *DLPC Vol. II – G-Z*. Braga: Verbo, 2166
- ACNUR (2016). *O ACNUR*. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/>
- Agência Ecclesia (2008). *Ver Deus em todas as pessoas*. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/ver-deus-em-todas-as-pessoas/>
- Alonso-Schökel, L. (1997). *Dónde está tu hermano? Textos de fraternidade en el libro del Génesis (3ª Ed)*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino
- Amaral, C., Alves, E., Jesus, E., Pinto, M. H. (2012). *Missão: História*. Porto: Porto Editora
- Andrade, M. I. (2010). *A Fraternidade como Direito Fundamental entre o Ser e o Dever Ser na Dialéctica dos Opostos de Hegel*. Coimbra: Edições Almedina, SA.

- Anne Frank (2017). *A história de Anne Frank*. Disponível em: <http://www.annefrank.org/pt/Anne-Frank/O-resumo-da-historia/>
- APARF (2017a). *APARF – Quem Somos*. Disponível em: <http://www.aparf.pt>
- APARF (2017b). *Para ti, Homem com outros horizontes!...*. Disponível em: <http://www.aparf.pt/center.asp?zone=article&id=900>
- Barreira, A. e Moreira, M. (2014). *Páginas da História 7 – História 7º ano Nova Edição*. Vila Nova de Gaia: Asa Editores II, SA
- Beytía, J. C. (2008). La cultura juvenil y sus desafíos. *Revista de Espiritualidad Ignaciana*, 39, nº 117 (pp. 11-25). Disponível em <http://www.sjweb.info/documents/cis/pdfspanish/200811702sp.pdf>
- Biography (2017). *Anne Frank*. Disponível em: <https://www.biography.com/people/anne-frank-9300892>
- Botton, A. (2012). *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre a utilização da religião*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bourgery, A. (1942). *Sénèque – Dialogues – Tome I*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Brown, R. E., Fitzmyer, J. A., Murphy, R. E. (1971). *Comentario Bíblico “San Jeronimo” II Antiguo Testamento II*. Madrid: Ediciones Cristandad.
- _____ (1972a). *Comentario Bíblico “San Jeronimo” III Nuevo Testamento I*. Madrid: Ediciones Cristandad
- _____ (1972b). *Comentario Bíblico “San Jeronimo” IV Nuevo Testamento II*. Madrid: Ediciones Cristandad.
- Cândido, L (1989). Fraternidade. In Fiores, S. e Goffi, T. (Ed.), *Dicionário de Espiritualidade* (pp.465-473). São Paulo: Edições Paulinas.
- Cabral, R., Caeiro, F. G., Freitas, M. C., Morujão, A. F., Oliveira, J. P. B. e Paim, A. (1990). *LELBF Vol.2 – E-I*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 742
- Cabral, R., Chorão, M. B., Ferreira, R. F., Guedes, F. Júdice, J. M. A., Oliveira, J. P. B., Santos, H. A. (1984). *PEVSE Vol.2 – D-F*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1598
- Castro, J. A. (2011). A ideia de Homem na Antropologia Filosófica. In Secretariado Diocesano da Pastoral Cultural (Ed.), *Ecce Homo = Eis o Homem: 2008/2010* (pp. 29-47), Porto: Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura
- Correia, A. M., Sérgio, A., Pereira, A. A. G., Godinho, A. M., Zúquete, A. E. M. e Fonseca, J.S. (1936-?). *GEPB Vol. XI – Febre-Gabao*. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, 805

- _____ (1936-?). *GEPB Vol. XIV – Iraqu-Levan*. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, 19-20
- Coutinho, V. (2004). *Bioética e Teologia: Que paradigma de interacção?*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Couto, A. (2002). *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*. Lisboa: UCE
- Cunha, E. (2010). *Como nos tornámos humanos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cunha, J. T. (2001). Breve Teologia da Consciência Moral. In Stilweel, P. (Ed.), *XII Semanas de Estudos Teológicos - Ética: Consciência e Verdade* (pp. 13-30). Lisboa: Faculdade de Teologia Universidade Católica Portuguesa.
- Debray, R. (2002). Qu'est-ce qu'un fait religieux?. *Études - Revue de culture contemporaine*, Septembre 2002. Disponível em <https://www.revue-etudes.com/article/qu-est-ce-qu-un-fait-religieux-12006>
- Domingues, B. (2000). *A Pessoa Vive, Comunica, Morre e Ressuscita*. Porto: Metanoia
- Duque, J. (2004). *Cultura Contemporânea e Cristianismo*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- _____ (2008). O conceito de Deus na Teologia Fundamental in *Didaskalia Vol. 88 XXXVIII fascículo 2* (pp. 229-246). Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8704/1/V03802-229-246.pdf>
- _____ (2011). *Fronteiras – Leituras Filosóficas-Teológicas*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Dussel, E. (2007). Da Fraternidade à Solidariedade: para uma Política da Libertação. In Borges, A (Ed.), *Igreja e Missão* (pp. 253-287)
- Entralgo, P. L. (2002). *O que é o Homem – Evolução e Sentido da Vida*. Lisboa: Editorial Notícias
- Farmer, W. R, Levoratti, A. J., McEvenue, S., Dungan, D. L. (1999). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Navarra: Editorial Verbo Divino.
- Figueiredo, C. (1996). *GDLP – Volume I*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1206
- _____ (1996). *GDLP – Volume II*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1463
- Flecha, J. R. (1989). La opción por el hombre, image de Dios, en la ética cristiana. In Secretariado Trinitario (Ed.), *El hombre imagen de Dios – XXIII Simposio de Teologia Trinitaria* (pp. 115-141). Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario.

- Gennari, G. (1989) Filhos de Deus. In Fiores, S. e Goffi, T. (Ed.), *Diccionario de Espiritualidade* (pp. 453-463). São Paulo: Edições Paulinas.
- Gutiérrez, G. (2007). *Beber en su próprio pozo*. Salamanca: Ediciones Sígueme
- Heredia, F. M. (1997). Amor. In Villa, M. M. (Ed.), *Diccionario de Pensamiento Contemporáneo* (pp. 73-78). Madrid: San Pablo.
- Hildebrand, D. v.(1973). El hombre Nuevo - Perderse a si mismo. In Stehman, S. et al (Ed.), *Paginas de Fé* (pp. 447-469). Madrid: Narcea Ediciones.
- InfoEscola (s.d.). *Sêneca (filósofo)*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/seneca-filosofo/>
- Jacquemet, G. (1956a). Fraternité. In Jacquemet, G., *Catholicisme Hier Aujourd'hui demain Tome Quatrième* (pp. 1568-1570).
- _____ (1956b). Fraternité in Jacquemet, G., *Catholicisme Hier Aujourd'hui demain Fascicule 78 F-G-H* (pp. 877-881).
- Jonas, H. (2007). *Ética, Medicina e Técnica*. Lisboa: Veja.
- Ladaria, L. F. (1996). *Introducción a la Antropología Teológica*. Navarra: Editorias Verbo Divino
- Langemeyer, G. (1990). Amor al prójimo y Amor a Dios. In Beinert, W. (Ed.), *Diccionario de teologia dogmática* (pp. 49-51). Barcelona: Editorial Herder.
- Legido, M. (1980). La fraternidade apostólica de Jesús. In Abad, J. M. (co-aut.), Legido, M. (co-aut.), Bellido, F. (co-aut.), Tapia, J. (co-aut.), Heras, U. (co-aut.), Osoro, C. (co-aut.) e Alía, F. (co-aut.). *De Dos en Dos apuntes sobre la fraternidade apostólica* (pp. 73-145). Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Livraria Cultura (2009). *Cartas a Lucílio*. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/filosofia/cartas-a-lucilio-68977>
- Lopes, J. e Silva, H. S. (2012). *50 Técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: Lidel
- Lorda, J. L. (1996) *Antropología – Del Concilio Vaticano II a Juan Pablo II*. Madrid: Ediciones Palabra
- Machado, J. P. (1967). *DELP Vol.II*. Lisboa: Editorial Confluência – Livros Horizonte, 1082 e 1317
- Manuel. A. (1998). *DE Tomo II*. Temas e Debates, 722 e 910
- Marsot, G., (1956). Frère in Jacquemet, G., *Catholicisme Hier Aujourd'hui demain Tome Quatrième Elesbaan-Gibbons* (pp. 1586-1591). Paris: Letouzey et Ané
- Masserdotti, G. (1992). *Missionarios do Reino*. Lisboa: Além-Mar

- Mielgo, C. (1975). Formacion Permanente: Fe bíblica en la creación: primer eslabón de los acontecimientos salvadores. *Revista Sal Terrae* 63 (pp. 135-144).
- Milcent, P. (1978) *S. João Eudes*. Braga: Fraternidade Missionária de Cristo-Jovem.
- Moreira, C. M. M. (2012). *Para uma legitimação cultural do ensino da religião*. Lisboa: Comissão da Liberdade Religiosa. Disponível em: http://www.clr.mj.pt/sections/documentos-e-publicacoes/publicacao-do-plr-2011/publicacao-do-plr-2011/downloadFile/file/publicacao_do_PLR_2011.pdf?no_cache=1358857865.66
- Moura, A. R. (2015). *Diálogo interior nas Cartas a Lucílio, de Sêneca*. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/17/11.dialogointerior.pdf>
- Neves, P. A., Maia, C., Baptista, D., Amaral, C., (2002). *Novo Clube de História 7*. Porto: Porto Editora
- Nunes, T. P. B. S. (2011). O lugar do ERE no Sistema Educativo. *Revista de Catequeses e Educação* 19 - Ano VII – Janeiro – Abril 2011 (pp. 99-115).
- Munoz-Dardé, V. (2001). Fraternité. In Canto-Sperber, M. (Ed.), *Dictionnaire D'Éthique et de Philosophie Morale* (pp. 632-636). Paris: Presses Universitaires de France.
- Ocáriz, F. (2000). *Naturaleza, Gracia y Gloria*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S.A.
- Orcal, A. O. (1997). Fraternidad. In Villa, M. M. (Ed.), *Diccionario de Pensamiento Contemporáneo* (pp. 577-582). Madrid: San Pablo.
- Oliveira, A. R., Cantanhede, F., Catarino, I., Gago, M., Torrão, P., (2012). *O fio da História*. Lisboa: Texto Editora
- Oliveira, M. L. F. (1991). Individualismo e novas formas de solidariedade in *Semanas de Estudos Teológicos - Visão Cristã da Solidariedade*. Lisboa: Editorial Verbo
- Oltramare, P. (1929a). *Sénèque – Questiones Naturelles – Tome I*. Paris: Les Belles-Lettres.
- _____ (1929b). *Sénèque – Questiones Naturelles – Tome II*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Oporto, S. G. e García, M. S. (1995). *Comentario al Nuevo Testamento*. Madrid: La Casa de la Biblia.
- _____ (1997). *Comentario al Antiguo Testamento II*. Madrid: La Casa de la Biblia

- Orchard, B., Sutcliffe, E. F., Fuller, R. C., Russel, R. (1956a). *Verbum Dei Comentario a la Sagrada Escritura Volume III*. Barcelona: Editorial Herder
- _____ (1956b). *Verbum Dei Comentario a la Sagrada Escritura Volume IV*. Barcelona: Editorial Herder
- Panimolle, S. A. (1990). Amor. In Rossano, P., Ravasi, G., & Girlanda, A. (Ed.), *Nuevo Diccionario de Teologia Biblica* (pp. 60-93). Madrid: Ediciones Paulinas.
- Pesch, O. H. (1989). Amor. In Eicher, P. (Ed.), *Diccionario de conceptos teológicos* (pp. 35-50). Barcelona: Editorial Herder.
- Piana, G. (1992). Libertad e Responsabilidad. In Compagnoni, F., Piana, G., & Privitera, S. (Ed), *Nuevo Diccionario de Teologia Moral* (pp. 1064-1082). Madrid: Ediciones Paulinas.
- Queiruga, A. T. (2005). *Esperanza a pesar del mal. La resurrección como horizonte*. Santander: Ed.Sal Terrae
- Rahner, K. (1969). *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Edições Paulinas
- Ratzinger, J. (1964). Fraternité. In Viller, M., Cavallera, F., Guibert, J., Rayez, A., & Baumgartner, C., *Dictionnaire de Spiritualité Tome V Faber-Fyot* (pp. 1142-1167). Paris: Beauchesne.
- _____ (1992). *Questões sobre a Igreja*. Lisboa: Edições Paulistas.
- _____ (2005). *La fraternità Cristiana*. Brescia: Editrice Queriniana
- Roger (1990). *O seu Amor é um fogo*. Lisboa: Edições Paulistas
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ruiz de la Peña, J. L. (1988). *Imagem de Dios – Antropologia teológica fundamental*. Santander: Sal Terrae
- _____ (1991). *El don de Dios – Antropologia teológica especial*. Santander: Sal Terrae
- Rulla, L. (1990). *Antropologia de la Vocacion Cristiana*. Madrid: Sociedad de Educacion Atenas
- SantaBárbara, L. G. C. (1998). *Entre la utopia y la realidad – Curso de Moral Social*. Santander: Editorial Sal Terrae
- Santomé, J. T. (2008), *Multiculturalismo – Anti-Racista*. Porto: Profedições.
- Sayés, J. A. (1997). *Antropologia y Moral – De la «nueva moral» a la Veritatis splendor*. Madrid: Ediciones Palabra

- Scheler, M. (2008). *A Situação do Homem no Cosmos: Diferença essencial entre Homem e Animal*. Lisboa: Texto & Grafia. Disponível em http://www.lusosofia.net/textos/scheler_max_diferenca_entre_homem_e_animal.pdf
- Theo Olthuis (2017). *Theo Olthuis Biografia*. Disponível em: <http://www.theo-olthuis.nl/biografie/>
- Tonin, N. J. (2001). *Vida mais Vida – Psicologia e Espiritualidade*. Petrópolis: Editora Vozes
- Tosatti, M. (2010). Amor. In *Dicionário do Papa Ratzinger* (p. 14). Lisboa: Paulus Editora.
- Urteaga, J. (1966). *O valor divino do humano*. Lisboa: Editorial Aster
- Varanda, I. (2007). Deus, história, cosmos. *Didaskalia Vol. 37 XXXVII fascículo 2*, (pp. 79-95). Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8762/1/V03702-079-095.pdf>
- Velasco, J. M. (2007). Ser Místico em Situação de Crise de Deus. In Borges, A (Ed.), *Igreja e Missão* (pp. 65-106)
- Veríssimo, L. (2013), Motivar os alunos, motivar os professores: Faces de uma mesma moeda. In Machado, J. & Alves, J. M., *Melhorar a Escola – Sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas* (pp. 71-90). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa / Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH) & Serviço de Apoio à Melhoria das Escolas.
- Versaldi, G. (2017). *Educar ao Humanismo Solidário – Para construir uma “Civilização do Amor” 50 Anos após a Populorum Progressio*. Vaticano: Congregação para a Educação Católica.
- Vidal, M. (1990). *Moral de Actitudes – Moral Fundamental*. Madrid: PS Editorial
- _____ (1995). *Moral de Actitudes – Moral Social*. Madrid: PS Editorial
- _____ (2000). *Nueva Moral Fundamental*. Bilbao: Desclée de Brouwer
- _____ (2001). *Ética civil y sociedade democrática*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer
- Waltz, R. (1944). *Sénèque – Dialogues – Tome IV*. Paris: Les Belles-Lettres.
- Wikipédia (2015). *Theo Olthuis*. Disponível em: https://nl.wikipedia.org/wiki/Theo_Olthuis
- _____ (2017a). *Epistulae morales ad Lucilium*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Epistulae_morales_ad_Lucilium

_____ (2017b). *Sêneca*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9neca>

8. Anexos

Ao longo do relatório foram indicados os anexos correspondentes a cada um dos assuntos abordados. Todos esses anexos encontram-se disponíveis para consulta no suporte digital que acompanha este relatório.

De seguida, apresento apenas os anexos que incidem diretamente sobre o tema aprofundado no relatório PES e a forma como foi lecionada a UL 4 – Construir fraternidade.

Anexo 2 – Documentos da Gestão de Currículo

Anexo 2.1 – Documentos da Planificação Anual e por Período

Anexo 2.1.2 – Planificação Anual 2016/2017

Agrupamento de Escolas de Vallis Longus

Escola Básica de Vallis Longus

Departamento de Ciências Sociais e Humanas
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

PLANIFICAÇÃO ANUAL 1º período

Unidade Letiva 1 - Viver juntos

Aulas previstas:

	segundas	terças	quartas	quintas	sextas
1º período	13	12	12	12	14

Nota: a gestão curricular do primeiro período engloba as duas primeiras unidades letivas. Esta será realizada de acordo com a especificidade de cada turma.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<p>1. Valorizar a mudança como condição do crescimento humano.</p> <p>2. Identificar na figura bíblica de Abraão o modelo de uma pessoa em caminho.</p> <p>3. Valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A mudança, uma constante na vida. • Mudança de ano, de ciclo de ensino, de escola, de um professor para muitos professores. • Abraão, modelo de pessoa em caminho de mudança e crescimento interior • Os grupos onde me insiro: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Família; ▪ Escola; ▪ Turma; ▪ Amigos; ▪ Paróquia; ▪ Catequese; ▪ Escuteiros; ▪ Desporto. • Característica dos grupos: conjunto de pessoas com finalidades comuns, que se juntam para atingirem objetivos, através de estratégias concertadas de atuação, estabelecendo entre si relações. • Integração nos grupos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Colaboração com os outros; ▪ Aceitação dos outros e das suas características pessoais; ▪ Disponibilidade para ouvir; ▪ Participação nas atividades do grupo. • Critérios éticos de seleção dos grupos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetivos a atingir; ▪ Meios usados; ▪ Formas de organização do grupo; ▪ Atitudes e comportamentos.
<p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>4. Interpretar textos bíblicos sobre a Aliança.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deus tem a iniciativa de estabelecer uma Aliança com a humanidade • Os cristãos aprendem com Deus a comprometer-se numa vida com os outros, estabelecendo alianças de uma forma generosa e desinteressada.
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p>	<p>5. Reconhecer as implicações da Aliança na vida quotidiana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Aliança é condição facilitadora da relação entre as partes. • Os valores essenciais para a convivência: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Colaboração; ▪ Aceitação dos outros e das suas características pessoais;

Plano anual de 5º ano

<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	<p>6. Valorizar a Aliança como condição facilitadora da relação entre as partes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Disponibilidade para ouvir; ▪ Respeito; ▪ Paz; ▪ Verdade; ▪ Justiça; ▪ Bondade. <ul style="list-style-type: none"> • A necessidade de se estabelecerem regras de convivência e as consequências da sua não aplicação. • Querer viver de forma pacífica com os outros: construir uma aliança de convivência para a turma e a escola.
--	--	--

Unidade Letiva 2 - Advento e Natal

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>A. Compreender o que são o fenômeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>1.Reconhecer que Deus é sempre fiel à sua Aliança.</p> <p>2.Interpretar textos bíblicos sobre a esperança de Israel.</p> <p>3.Reconhecer em Jesus a nova Aliança de Deus com a Humanidade.</p> <p>4. Compreender o sentido do Advento.</p> <p>5. Identificar as figuras do Advento.</p> <p>6. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.</p> <p>7. Promover o valor da esperança na sociedade de acordo com a mensagem de Jesus.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deus é sempre fiel à sua Aliança. • A grande esperança de Israel, Deus está atento às necessidades do seu povo • O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus que chegam até nós. • A nova Aliança, Jesus, o cumprimento da esperança de Israel • O Advento: tempo de espera e de esperança. • As figuras do Advento, modelos de quem espera o Senhor que vem: <ul style="list-style-type: none"> ▪ João Batista; ▪ Maria, a mãe de Jesus. • Jesus, o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história. • Jesus encarna numa realidade histórica • A Palestina do tempo de Jesus: situação geográfica, política e social. • Jesus veio para nos salvar: o significado da esperança cristã. • A construção de uma sociedade mais justa, humana e responsável de acordo com o projeto de Jesus.

PLANIFICAÇÃO ANUAL
2º período

Aulas previstas:

	segundas	terças	quartas	quintas	sextas
2º período	12	13	12	13	13

Nota: a gestão curricular do segundo período engloba a terceira unidade letiva. Esta será realizada de acordo com a especificidade de cada turma.

Unidade Letiva 3 - A Família, Comunidade de Amor

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>1. Reconhecer as diferentes funções da família.</p> <p>2. Identificar o projeto de Deus para a família.</p> <p>3. Promover os valores do amor na vida familiar.</p> <p>4. Valorizar a participação de todos na vida em família.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Funções da família: <ul style="list-style-type: none"> ▪ de humanização; ▪ de socialização e educação; ▪ de afetividade; ▪ de proteção; ▪ de interajuda. • A família é: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Origem da vida humana e espaço onde se educa e cresce no amor; ▪ Espaço de crescimento pessoal, através do afeto, da presença do modelo masculino/feminino, de um clima de confiança, de intimidade, de respeito, de liberdade e de responsabilidade; ▪ Força socializadora, através da vivência baseada num sistema de relações sociais fundadas em valores; ▪ Lugar educativo contra as injustiças sociais; ▪ Acolhimento e reconhecimento da pessoa. • O projeto de Deus para a família na mensagem bíblica: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Viver os valores da verdade, da bondade, do perdão; ▪ Dar prioridade à consciência do ser em relação à consciência do ter. ▪ A família de Nazaré, testemunho de relação de amor entre os seus membros na fidelidade e confiança em Deus. • Comunhão de pessoas que vivem no amor: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Cada elemento é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio; ▪ Relação vivida através do acolhimento cordial, do encontro com os outros, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso e da solidariedade; ▪ A reconciliação: compreensão, tolerância, perdão; ▪ O respeito e promoção da singularidade pessoal: na saúde e na doença; na pobreza e na riqueza. • Participação e corresponsabilidade na vida em família: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A participação de cada um rege-se por valores não autoritários de apelo à corresponsabilidade. ▪ Todos os membros são chamados a encontrar soluções para as dificuldades, de acordo com as suas capacidades; ▪ A vivência da solidariedade, do dom de si mesmo, da justiça e do amor; ▪ A formação de pessoas conscientes, com atitude crítica e dialogante. • O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.

Plano anual de 5º ano

PLANIFICAÇÃO ANUAL
3º período

Aulas previstas:

	segundas	terças	quartas	quintas	sextas
3º período	7	7	9	8	9

Nota: a gestão curricular do terceiro período engloba a quarta unidade letiva. Esta será realizada de acordo com a especificidade de cada turma.

Unidade Letiva 4 - Construir fraternidade

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>1. Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano.</p> <p>2. Valorizar a comum filiação divina.</p> <p>3. Reconhecer como modelo de vida a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.</p> <p>4. Verificar quais são as fragilidades e as ameaças à fraternidade.</p> <p>5. Identificar a perspectiva cristã sobre o perdão.</p> <p>6. Promover o valor do perdão na construção quotidiana de um mundo fraterno.</p> <p>7. Comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O significado da palavra «fraternidade» e o seu alcance social e religioso; • Somos todos irmãos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Todos somos seres humanos; ▪ Todos somos dotados de razão e consciência; ▪ Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar. • Deus, como Pai, ama a todas as pessoas: • Os primeiros cristãos propõem-nos uma comunidade modelo • A fragilidade e ameaça à fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mentir; ▪ Pensar mal do outro; ▪ Desejar mal ao outro; ▪ O conflito não resolvido e a violência; ▪ A maledicência; ▪ O egoísmo; ▪ A inveja; ▪ A ofensa; ▪ A rejeição. • A mensagem cristã sobre o perdão: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Perdoar o outro e recusar a vingança; ▪ Ser misericordioso. • Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aceitar os erros (a revisão de vida); ▪ Estar disposto a pedir perdão; ▪ Aceitar os outros, apesar dos seus erros; ▪ Ser capaz de perdoar; ▪ Aceitar ser perdoado. • A regra de ouro: “O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também”. • Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.

Anexo 2.1.3 – Gestão Curricular 2016/2017



Agrupamento de Escolas Vallis Longus
Escola Básica de Vallis Longus
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Educação Moral e Religiosa Católica



Gestão Curricular de EMRC
5º Ano Turma H

Aulas Previstas						Aula	UL	Temas/Conteúdos		
Mês	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª					
9										
1º Período	Setembro	12	13	14	15	16	-	-	Receção aos alunos.	
		19	20	21	22	23	1	-	Apresentação dialogada com os alunos.	
	Outubro	26	27	28	29	30	2	-	Critérios de avaliação e Ficha diagnóstica	
		3	4	5	6	7	3	Viver Juntos	A mudança: uma realidade que nos rodeia e engloba.	
		10	11	12	13	14	4		A Mudança de Abraão: modelo de pessoa em caminho e crescimento interior.	
		17	18	19	20	21	5		A importância de viver em grupo.	
		24	25	26	27	28	6		Testemunho de vivência num grupo: Vocação e Missão de um padre dehoniano.	
		31	1	2	3	4	7		Deus estabelece uma Aliança com a Humanidade (exemplo de Noé e Moisés) Questão Aula "As Alianças bíblicas e a nossa realidade"	
	Novembro	7	8	9	10	11	8		As Alianças e as regras facilitam a relação entre o ser humano. Questão Aula "Formas de resolução de conflitos em grupo" Atividade "As 10 normas da turma".	
		14	15	16	17	18	9	Advento e Natal	Advento e Natal. A vivência de um tempo de esperança.	
		21	22	23	24	25	10		O nascimento de Jesus: contexto e implicações históricas Desafio "Como é o meu Natal."	
		28	29	30	1	2	11		Visita de Estudo ao Mosteiro Beneditino de Singeverga	
Dez.	5	6	7	8	9	12	A Preparação para o nascimento de Jesus para os cristãos. Questão Aula "Celebração cristã do nascimento de Jesus"			
	12	13	14	15	16	13	Autoavaliação e Heteroavaliação. Atividade "Troca de Afectos"			
Total						13	12	12	12	14
6										
2º Período	Janeiro	2	3	4	5	6	-			
		9	10	11	12	13	14	Advento e Natal	Diálogo sobre a "Vivência pessoal do Natal" O contexto histórico da vida de Jesus. Desafio "Situações de esperança no mundo atual"	
		16	17	18	19	20	15		A construção de uma sociedade mais justa.	
	23	24	25	26	27	16	A Família, Comunidade de Amor		Tipos de Famílias atuais. A evolução do conceito de Família. O que deve ser uma Família. A família e as suas funções. Desafio "A minha Família"	
	30	31	1	2	3	17		Questão aula "A Família e as suas funções" Desafio "A minha Família"		
	6	7	8	9	10	18		Alguns valores éticos estruturantes para a vida em família. O exemplo da Família de Jesus.		
	13	14	15	16	17	19		Participação e corresponsabilidade na vida em Família. Dificuldades na vida familiar.		
	20	21	22	23	24	20		-		
	27	28	1	2	3	-				
	Março	6	7	8	9	10	21	Cons. fraternidade	Questão aula "Família: participação e corresponsabilidade" Ficha de Trabalho "Janelas Douradas"	
		13	14	15	16	17	22		O contributo dos mais velhos na vida familiar. O Amor como fundamento da vida familiar.	
		20	21	22	23	24	23		Fragilidades e ameaças à relação humana.	
27		28	29	30	31	24	A igual dignidade de todo o ser humano.			
Abril	3	4	5	6	7	25		Autoavaliação e Heteroavaliação. O valor da amizade e a relação com o outro.		
	17	18	19	20	21	-				
	24	25	26	27	28	26	Construir fraternidade	Conceito de fraternidade. Questão aula "Fraternidade: conceito e ameaças"		
1	2	3	4	5	-					
Maio	8	9	10	11	12	27		O fundamento cristão da Fraternidade. O modelo de vida dos primeiros cristãos.		
	15	16	17	18	19	28		A mudança de comportamento e o perdão na construção da fraternidade.		
	22	23	24	25	26	29		Valores e atitudes para o bem comum e o cuidado do outro. Questão Aula "Construir a Fraternidade".		
	29	30	31	1	2	30		Trabalho de Grupo "O bem comum e o cuidado do outro"		
Jun.	5	6	7	8	9	31	Autoavaliação e Heteroavaliação. Atividades de final de ano.			
	12	13	14	15	16	-	Provas de Aferição 5º Ano - Matemática e Ciências Naturais			
Total						7	7	9	8	9



Agrupamento de Escolas Vallis Longus
Escola Básica de Vallis Longus
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Educação Moral e Religiosa Católica



Gestão Curricular de EMRC
 5º Ano Turma H

Síntese:

	1º Período	2º Período	3º Período
Apresentação, materiais e regras.	1 aula	-	-
CrITÉrios de Avaliação e Avaliação Diagnóstica	1 aula	-	-
Gestão do Programa:	-	-	-
- UL1 Viver Juntos	6 aulas	-	-
- UL2 Advento e Natal	4 aulas	2 aulas	-
- UL3 Família, Comunidade de Amor	-	7 aulas	-
- UL4 Construir Fraternidade	-	2 aulas	5 aulas
Fichas de Avaliação / Questão Aula (aula inteira)	-	-	-
Autoavaliação e heteroavaliação	1 aula	1 aula	1 aula
Total de aulas previstas por período	13 aulas	12 aulas	6 aulas
Total de aulas previstas			31 aulas

Anexo 2.2 – Documentos da sequência do processo ensino-aprendizagem

Anexo 2.2.4 – Planificação a médio prazo da UL 4 “Construir fraternidade”



Agrupamento de Escolas de Vallis Longus
Escola Básica de Vallis Longus

Departamento de Ciências Sociais e Humanas
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

PLANO A MÉDIO PRAZO (5º Ano e Turma H)

UNIDADE TEMÁTICA	UL4 – Construir fraternidade	Nº DE AULAS	Nº (aulas: 23, 24, 26, 27, 28, 29 e 30)
CONTEXTO EDUCATIVO	A turma é constituída por 22 alunos, frequentam a disciplina de E.M.R.C. 20 alunos. A maioria dos alunos já se conhece uma vez que vêm da escola básica de Susão. Dos 20 alunos, 10 rapazes e 10 raparigas, apenas uma aluna tem necessidades educativas especiais. Os alunos têm uma idade entre os 9 e os 12 anos. 11 alunos beneficiam do subsídio da ação social escolar, 3 do escalão A e 8 do escalão B. As aulas decorrem após a aula de Educação Física, levando a que os alunos estejam ligeiramente exaltados no início da aula. A nível de conhecimentos na área da disciplina, e após a realização da avaliação diagnóstica, verifica-se que os alunos têm um conhecimento regular no âmbito dos domínios da mesma, apenas 2 alunos demonstraram um nível mais baixo. O conhecimento entre alunos e professor é grande, possibilitando um diálogo aberto entre todos.		
METAS CURRICULARES	<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>		
ESQ. HERMENÊUTICO:	No mundo atual, viver a fraternidade, socialmente e religiosamente, requer uma mudança de comportamento e a vivência de valores éticos para possibilitar a construção de uma sociedade mais justa.		
Temas organizadores	Objetivos	Conteúdos	
- As fragilidades e ameaças à convivência.	- Identificar fragilidades e ameaças à relação humana no contexto em que nos inserimos e no mundo que nos rodeia.	- As diferentes origens do mal e o sofrimento que provoca.	
- A mesma origem, a mesma dignidade.	- Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano e os seus fundamentos.	- A dignidade e a felicidade da pessoa perante o mal.	
- Significado de “Fraternidade”	- Compreender a noção de fraternidade no ambiente social e religioso.	- O comportamento do ser humano e as consequências nos outros.	
- O Amor Universal de Deus.	- Conhecer o fundamento da fraternidade para os cristãos.	- Os Seres Humanos e a sua origem comum.	
		- A Igual Dignidade da Pessoa Humana, a qual tem de ser respeitada.	
		- Noção de Fraternidade: laço de união entre os homens com base no respeito, na igualdade e nos sentimentos de afeto próprios dos irmãos.	
		- Para os cristãos, todos são irmãos porque Deus é o Pai.	
		- O Amor de Deus: Pai e os seus filhos.	
		- Os Cristãos e a transmissão do Amor de Deus. O amor cristão e a fraternidade universal.	

<p>- A importância do perdão.</p> <p>- Construir um mundo fraterno.</p>	<p>- Reconhecer o modelo e a forma de viver da comunidade cristã de Jerusalém.</p> <p>- Valorizar a mudança de comportamento como a melhor forma de combater os atentados à dignidade da pessoa.</p> <p>- Compreender o perdão como forma para construir um mundo fraterno, em sintonia com a visão cristã.</p> <p>- Reconhecer valores e atitudes essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, necessários na construção de um mundo fraterno.</p> <p>- Identificar a ação de personagens históricas que se distinguiram na construção de um mundo fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>- O exemplo da vida da comunidade de Jerusalém.</p> <p>- O domínio de impulsos e atitudes erradas como forma de lutar contra o mal no mundo.</p> <p>- A mudança de comportamentos humanos como forma de evitar males.</p> <p>- A importância da concórdia e da paz para um mundo fraterno.</p> <p>- Perdoar para restaurar a união necessária à nossa Felicidade.</p> <p>- Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais.</p> <p>- Perdoar sempre, tal como Deus. Os cristãos e Paz de Cristo.</p> <p>- Valores essenciais na procura do bem e do cuidado do outro.</p> <p>- A regra de ouro para a construção de um mundo mais fraterno.</p> <p>- Exemplos de pessoas que construíram um mundo mais fraterno: Martin Luther King Jr., Mahatma Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e S. João de Deus</p>
<p>METODOLOGIAS PRIVILEGIAR</p>	<p>- método existencial e hermenêutico;</p> <p>- método de problematização;</p> <p>- diálogo vertical e horizontal, debate e reflexão conjunta sobre as diferentes temáticas a abordar;</p> <p>- breves exposições teóricas, com documentos de apoio (escritos e audiovisuais) para analisar individualmente ou em trabalho de grupo;</p>	
<p>RECURSOS</p>	<p>Livro de ponto; caderno do aluno; manual do aluno; quadro branco; marcadores; caneta azul ou preta; lápis; borracha; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline (p.e. texto, imagens, vídeos, atividades...); Bíblia; fichas de trabalho; matriz e critérios de correção da questão aula; matriz de correção da questão aula; folha da questão aula.</p>	
<p>POSSIVEL INTERDISCIPLINARIDADE</p>	<p>Português: Estudo do significado de “Fraternidade” Português: Abordagem mais detalhada de alguns textos lidos na Unidade Letiva Português: Interpretação e compreensão dos textos bíblicos. Francês e Inglês: Conhecimento de palavras chave sobre as temáticas desenvolvidas na Unidade Letiva. História: Tentativas para a construção de um mundo mais fraterno, ao longo da história da humanidade. Ciências Naturais: A Terra, um planeta com vida, o nosso lar. Ed. Visual: Colaboração na atividade “A Figura Materna” TIC/Português: Desafio “Um exemplo de fraternidade”</p>	

Anexo 2.2.4.1.3 – Planificação da aula 26

PLANO DE AULA 26			
DATA HORA	CONCEITOS NUCLEARES	Fraternidade. Irmão.	SUMÁRIO PROVAVEL
OBJECTIVOS		CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM
24/04/2017 11:45 – 12:30	<p>- Compreender a noção fraternidade no ambiente social e religioso.</p>	<p>- Fraternidade, palavra e significado: - laço de união entre os homens (com base no respeito e igualdade) - boa relação entre os homens, - amor ao próximo, - sentimentos de afeto próprios dos irmãos. - do latim frater, isto é, irmão, um afeto de irmão para irmão.</p> <p>- Para os cristãos, todos são irmãos porque Deus é o Pai.</p>	<p>O conceito de Fraternidade. Realização de uma questão aula “Fraternidade: conceito e ameaças”.</p>
			<p>- Acolhimento e receção dos alunos, cumprimentando-os e conduzindo a entrada de forma ordenada.</p> <p>- Registo do sumário pelo professor os alunos fazem o registo no caderno diário. Período em que o professor faz a chamada.</p> <p>- Correção da atividade da aula anterior e diálogo com os alunos recordando os conteúdos abordados nas últimas aulas, para introduzir a exploração do conceito de Fraternidade.</p> <p>- Exploração da curta metragem “Partilhar e Dar de Comer” com os alunos sobre a relação vivida entre às personagens, nomeadamente a mudança de comportamento das pessoas e o seu benefício para todos.</p> <p>- Leitura, diálogo e exploração com os alunos da pagina 92 do manual sobre o significado de “Fraternidade”.</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre o termo irmão para os cristãos, procurando compreender que Deus é o Pai de todos.</p> <p>- Diálogo com os alunos sintetizando o conceito de fraternidade.</p>
	<p>- Refletir sobre o conceito e ameaças à Fraternidade</p>	<p>- O mal, fragilidades e ameaças à convivência com o outro, com igual dignidade.</p> <p>- Conceito de Fraternidade: Síntese: Fraternidade significa boa relação entre todos os homens, uma relação de afeto de irmãos.</p>	<p>- Observação informal e registo eventual dos incidentes, comportamentos e das atitudes mais marcantes e do cumprimento das regras para a sala de aula ao longo da aula.</p> <p>- Registo da falta do caderno e/ou manual.</p> <p>- Intervenções orais e participações fundamentadas.</p> <p>- Uso correto da língua portuguesa</p> <p>- Interesse e empenho</p> <p>- Se necessário, observação formal e registo na caderneta das situações mais marcantes com possível intervenção educativa</p>
			<p>10m.</p> <p>15m.</p> <p>20m.</p>
			<p>- O professor dá ordem para sair da sala.</p>
	RECURSOS:	Quadro branco; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline; matriz e critérios de correção da questão aula; matriz de correção da questão aula; folha da questão aula.	

Anexo 2.2.4.1.4 – Planificação da aula 27

PLANO DE AULA 27			
DATA HORA	CONCEITOS NUCLEARES	AMOR UNIVERSAL. Felicidade.	SUMÁRIO PROVÁVEL
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	TEMPO
08/05/2017 11:45 – 12:30	<p>O fundamento cristão da fraternidade e a coerência de vida dos primeiros cristãos.</p>	<p>Amor Universal. Felicidade.</p>	<p>O fundamento cristão da fraternidade e a coerência de vida dos primeiros cristãos.</p>
<p>- Conhecer o fundamento da fraternidade para os cristãos.</p>	<p>- A fraternidade para os cristãos fundamenta-se no Amor de Deus, a origem de tudo: - Deus é Pai de todos os seres humanos, todos somos irmãos; - Jesus fala do Amor de Deus por nós em todos os gestos e palavras da sua vida, do Reino de Deus; - A postura de Jesus levou-o à morte, mas ressuscitou, a vida venceu a morte. - O cristão é convidado a levar o Amor de Deus aos irmãos, seguindo os ensinamentos de Jesus e humildemente servindo os outros. - O amor cristão é um Amor Universal, originando uma fraternidade universal.</p>	<p>- Acolhimento e receção dos alunos, cumprimentando-os e conduzindo a entrada de forma ordenada.</p> <p>- Registo do sumário pelo professor: os alunos fazem o registo no caderno diário. Período em que o professor faz a chamada e entrega as questões aula, fazendo uma referência aos resultados.</p> <p>- Diálogo com os alunos recordando o conceito de fraternidade abordado até ao momento, introduzindo a visão cristã.</p> <p>- Exploração de um vídeo sobre a criação de Deus (Gn 1,1-2,4), procurando com os alunos a visão cristã de que Deus é origem de tudo.</p> <p>- Exploração de imagens sobre a vida de Jesus, questionando os alunos sobre “o que vê?”, “o que pensa?” e “que questões lhe levanta?” debate sobre as diferentes interpretações, procurando concluir que Jesus se relacionava com todos com base no amor e humildade.</p> <p>- Leitura e interpretação do texto bíblico Mt 5,43-45 e debate com os alunos sobre “Amar os inimigos vs Odiar os inimigos?”</p> <p>- Realização da atividade da página 101 do manual</p> <p>- Leitura de At 2,42-47 e diálogo sobre o mesmo, compreendo a forma de viver da primeira comunidade cristã.</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre o que origina viver em fraternidade, como irmão.</p> <p>- O professor dá ordem para sair da sala.</p>	<p>10m.</p> <p>25m.</p> <p>10m.</p>
<p>- Reconhecer o modelo e a forma de viver da comunidade cristã de Jerusalém.</p>	<p>- A vida da comunidade cristã de Jerusalém, nos princípios do cristianismo, tornou-se um exemplo para todos os crentes e igrejas. (confronto entre a coerência inicial e a indiferença atual)</p> <p>Síntese: - Viver como irmãos torna-nos mais felizes.</p>	<p>- Observação informal e registo eventual dos incidentes, comportamentos e das atitudes mais marcantes e do cumprimento das regras para a sala de aula ao longo da aula.</p> <p>- Registo da falta do caderno e/ou manual.</p> <p>- Intervenções orais e participações fundamentadas.</p> <p>- Uso correto da língua portuguesa</p> <p>- Interesse e empenho</p> <p>- Se necessário, observação formal e registo na caderneta das situações mais marcantes com possível intervenção educativa</p>	<p>10m.</p>
RECURSOS:	Quadro branco; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline; Bíblia.		

Anexo 2.2.4.1.5 – Planificação da aula 28

PLANO DE AULA 28				
DATA HORA	CONCEITOS NUCLEARES	PERDÃO. Felicidade.	SUMÁRIO PROVAVEL	
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS		EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	
			TEMPO	
			AVALIAÇÃO	
15/05/2017 11:45 – 12:30	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a mudança de comportamento como forma de combater os atentados à dignidade da pessoa. - Compreender o perdão como forma para construir um mundo fraterno, em sintonia com a visão cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> - O domínio de impulsos e atitudes erradas como forma de lutar contra o mal no mundo (p.e. a vingança, o ódio, a ira, o egoísmo) - A mudança de comportamentos humanos como forma de evitar males e atentados à dignidade. - Os seres humanos reconhecem a importância de estabelecer a concórdia e a paz. - Perdoar é a melhor forma para combater os atentados à dignidade da pessoa, restaurando a união necessária à nossa Felicidade. - Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais: aceitar os próprios erros (a revisão de vida); estar disponível para pedir perdão; aceitar os outros, apesar dos seus erros; ser capaz de perdoar os outros; aceitar ser perdoado. - Perdoar sempre, tal como Deus, não há limites à bondade. - A paz de Cristo é estar de bem com os outros. 	<p>A importância do perdão na nossa felicidade.</p>	
			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento e receção dos alunos, cumprimentando-os e conduzindo a entrada de forma ordenada. - Registo do sumário pelo professor os alunos fazem o registo no caderno diário. Período em que o professor faz a chamada. - Diálogo com os alunos sobre formas de evitar o mal. Leitura e interpretação dos primeiros parágrafos da página 113 do manual - Leitura e exploração com os alunos do texto “O Homem que não sabia perdoar” (página 110 do manual), procurando que os alunos sintetizem a ideia de que a mudança de comportamento é fundamental para evitar males. Realização de um questionário oral. - Diálogo com os alunos sobre a melhor forma de evitar novos conflitos, levando ao encontro do perdão. - Visualização de imagens sobre o perdão e exploração do que provoca no interior de cada um. - Continuação do diálogo, mas focando o perdão na relação interpessoal e que atitudes tomar sobre o perdão. - Leitura do último parágrafo da página 114 do manual e exploração sobre reparar o mal provocado. - Leitura, interpretação e exploração dos textos bíblicos: <ul style="list-style-type: none"> - Sir 28,2-7 sobre o perigo de cultivar a vingança e o ódio; - Lc 6,36-38 sobre não julgar os outros; - Mt 18,21-22 sobre o número de vezes que se deve perdoar. - Diálogo com os alunos procurando uma síntese sobre a importância do perdão. - O professor dá ordem para sair da sala. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação informal e registo eventual dos incidentes, comportamentos e das atitudes mais marcantes e do cumprimento das regras para a sala de aula ao longo da aula. - Registo da falta do caderno e/ou manual. - Intervenções orais e participações fundamentadas. - Uso correto da língua portuguesa - Interesse e empenho - Se necessário, observação formal e registo na caderneta das situações mais marcantes com possível intervenção educativa
			<p>RECURSOS:</p> <p>Quadro branco; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline; Bíblia.</p>	

Anexo 2.2.4.1.6 – Planificação da aula 29

PLANO DE AULA 29					
DATA HORA	CONCEITOS NUCLEARES	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	TEMPO	AValiação
22/05/2017 11:45 – 12:30		Construir Fraternidade	SUMÁRIO PROVAVEL	O nosso contributo para a construção de um mundo Fraterno. Realização de uma questão aula “Construir fraternidade”.	
OBJECTIVOS					
<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer valores e atitudes essenciais para o bem comum e o cuidado do outro, necessários na construção de um mundo fraterno. - Refletir sobre o comportamento humano para construir fraternidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Valores essenciais na procura do desejo universal, o bem comum: justiça, solidariedade, compaixão, verdade, benevolência. - A regra de ouro para a construção de um mundo mais fraterno: “Não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti” (Provérbio Português) em sintonia com “O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também” (Lc 6:31) - A fraternidade para os cristãos. - O domínio de impulsos e atitudes erradas como forma de lutar contra o mal no mundo (p.e. vingança) e a disposição a perdoar. - A mudança de comportamentos humanos como forma de evitar males e atentados à dignidade. - Perdoar é a melhor forma para combater os atentados à dignidade da pessoa. - Construir um mundo fraterno promovendo a concórdia nas relações interpessoais. - Perdoar sempre, tal como Deus. - Valores essenciais na procura do bem comum. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento e receção dos alunos, cumprimentando-os e conduzindo a entrada de forma ordenada. - Registo do sumário pelo professor. Os alunos fazem o registo no caderno diário. Período em que o professor faz a chamada. - Exploração de imagens sobre valores essenciais para o bem com base nas questões “o que vê?”, “o que pensa?”, “que questões te levanta?” - Diálogo com os alunos à procura de uma regra de ouro para a construção de um mundo mais fraterno. (página 115 do manual) - Realização de uma questão aula “Construir fraternidade”, seguida de correção. 	<ul style="list-style-type: none"> 10m. 15m. 20m. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação informal e registo eventual dos incidentes, comportamentos e das atitudes mais marcantes e do cumprimento das regras para a sala de aula ao longo da aula. - Registo da falta do caderno e/ou manual. - Intervenções orais e participações fundamentadas. - Uso correto da língua portuguesa - Interesse e empenho - Se necessário, observação formal e registo na caderneta das situações mais marcantes com possível intervenção educativa 	
RECURSOS:			- O professor dá ordem para sair da sala.		
					Quadro branco; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline; matriz e critérios de correção da questão aula; matriz de correção da questão aula; folha da questão aula.

Anexo 2.2.4.1.7 – Planificação da aula 30

PLANO DE AULA 30			
DATA HORA	CONCEITOS NUCLEARES	Promoção do bem comum Cuidado do outro	EXEMPLOS DE CONTRIBUÍDOS PARA O BEM COMUM E O CUIDADO DO OUTRO.
OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	TEMPO
			AVALIAÇÃO
29/05/2017 11:45 – 12:30	SUMÁRIO PROVÁVEL		
<p>- Identificar a ação de personagens históricas que se distinguiram na construção de um mundo fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>Síntese: - O ser humano deve agir e comprometer-se com a construção de um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>- Alguns exemplos de pessoas que se distinguiram por terem ajudado a construir um mundo mais fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro: - Martin Luther King Jr. - Mahatma Gandhi - Madre Teresa de Calcutá - S. João de Deus</p>	<p>- Acolhimento e receção dos alunos, cumprimentando-os e conduzindo a entrada de forma ordenada.</p> <p>- Registo do sumário pelo professor os alunos fazem o registo no caderno diário. Período em que o professor faz a chamada e entrega as questões aula, fazendo uma referência aos resultados.</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre o compromisso de cada um para a construção de um mundo fraterno e registo de uma síntese no caderno diário.</p>	<p>10m.</p> <p>5m.</p> <p>20m.</p>
<p>- Identificar a ação de personagens históricas que se distinguiram na construção de um mundo fraterno promovendo o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>Síntese: - A atenção e a disponibilidade no acolhimento ao próximo caracterizam as pessoas fraternas. A construção da fraternidade passa por cada um de nós... nos pequenos gestos do dia a dia.</p>	<p>- Realização de uma ficha de trabalho em grupo sobre algumas pessoas que ajudaram a construir um mundo mais fraterno, explorando as páginas do manual 116-123, seguindo-se a correção.</p> <p>- Realização da atividade da página 125 do manual, completando o texto “Amaremos”</p> <p>- Diálogo sobre algumas das características das pessoas que ajudam a construir um mundo mais fraterno.</p> <p>- O professor dá ordem para sair da sala.</p>	<p>10m.</p>
			<p>- Observação informal e registo eventual dos incidentes, comportamentos e das atitudes mais marcantes e do cumprimento das regras para a sala de aula ao longo da aula.</p> <p>- Registo da falta do caderno e/ou manual.</p> <p>- Intervenções orais e participações fundamentadas.</p> <p>- Uso correto da língua portuguesa</p> <p>- Interesse e empenho</p> <p>- Se necessário, observação formal e registo na caderneta das situações mais marcantes com possível intervenção educativa</p>
			RECURSOS: Quadro branco; computador; projetor; Powerpoint como integrador multimédia offline; ficha de trabalho “O bem comum e o cuidado do outro”

Anexo 3 – Documentos da reflexão crítica sobre a Gestão do Currículo

Anexo 3.1 – Gestão do Currículo 2016/2017 efetuada em setembro-outubro

		Aulas Previstas							
Mês		2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Aula	UL	Temas/Conteúdos
1º Período	Setembro					9			
		12	13	14	15	16	-	-	Receção aos alunos.
		19	20	21	22	23	1	-	Apresentação dialogada com os alunos.
		26	27	28	29	30	2	-	CrITÉrios de avaliação e Ficha diagnÓstica
		3	4	5	6	7	3	-	A mudança: uma realidade que nos rodeia e engloba.
	Outubro	10	11	12	13	14	4	-	A Mudança de Abraão: modelo de pessoa em caminho e crescimento interior.
		17	18	19	20	21	5	-	Os grupos a que pertengo.
		24	25	26	27	28	6	-	Testemunho de vivência num grupo: Vocação e Missão de um padre dehoniano.
		31	1	2	3	4	7	Viver Juntos	Deus estabelece uma Aliança com a Humanidade. Questão Aula "Personagens Bíblicas"
	Novembro	7	8	9	10	11	8	-	Atividade "As 10 normas da turma".
		14	15	16	17	18	9	-	Advento e Natal.
		21	22	23	24	25	10	-	Deus, a esperança de Israel.
									Jesus, a nova Aliança de Deus com a Humanidade. Apresentação da atividade: "Exposição de Presépios"
		28	29	30	1	2	11	Advento e Natal	O Advento: Tempo de Espera e de Esperança. As figuras do Advento. Tradições de Natal. Desafio "Como é o meu Natal."
Dez.	5	6	7	8	9	12	-	Questão Aula "Advento e Natal"	
								Desafio "Como é o meu Natal."	
	12	13	14	15	16	13	-	Desenvolvimento da atividade "Exposição de Presépios".	
Total		13	12	12	12	14			
2º Período	Janeiro	2	3	4	5	6	-	-	
		9	10	11	12	13	14	Advento e Natal	Diálogo sobre a "Vivência pessoal do Natal"
		16	17	18	19	20	15	-	Jesus, Deus conosco na história.
		23	24	25	26	27	16	-	A construção de um sociedade de acordo com o projeto de Jesus. Questão Aula "Jesus, Deus conosco na história".
		30	31	1	2	3	17	-	Conceito de Família.
	Fevereiro	6	7	8	9	10	18	A Família Comunidade de Amor	As funções da Família. Desafio "A minha Família"
		13	14	15	16	17	19	-	Desafio "A minha Família"
		20	21	22	23	24	20	-	O Projeto de Deus para a Família.
		27	28	1	2	3	-	-	A Família no Tempo de Jesus.
									A Família de Jesus de Nazaré.
	Março	6	7	8	9	10	21	-	Comunhão de Pessoas que vivem no Amor.
									Participação e coresponsabilidade na vida em Família.
		13	14	15	16	17	22	-	Diálogo com os alunos sobre "A Quaresma".
		20	21	22	23	24	23	Construir fraternidade	O Lugar dos mais velhos em ambiente Familiar
		27	28	29	30	31	24	-	Apresentação das atividades: "A Figura Paterna" e "Trabalhos sobre a Páscoa"
Abril	3	4	5	6	7	25	-	Questão Aula "Viver em Família"	
								Apresentação da atividade: "Celebração Litúrgica"	
	17	18	19	20	21	-	-	Desenvolvimento da atividade: "A Figura Paterna"	
	24	25	26	27	28	26	-	Significado de "Fraternidade".	
	1	2	3	4	5	-	-	Somos todos irmãos.	
Maio	8	9	10	11	12	27	Construir fraternidade	Desenvolvimento da atividade: "Trabalhos sobre a Páscoa"	
	15	16	17	18	19	28	-	Somos todos dotados de razão e consciência.	
	22	23	24	25	26	29	-	Somos todos habitantes da mesma casa.	
	29	30	31	1	2	30	-	Autoavaliação e Heteroavaliação.	
	5	6	7	8	9	31	-	Apresentação da atividade: "A Figura Materna"	
Jun.	12	13	14	15	16	-	-	Diálogo sobre a "Vivência pessoal da Páscoa"	
								O Amor Universal de Deus.	
	7	7	9	8	9	-	-	A comunidade modelo dos primeiros cristãos.	
Total		7	7	9	8	9			